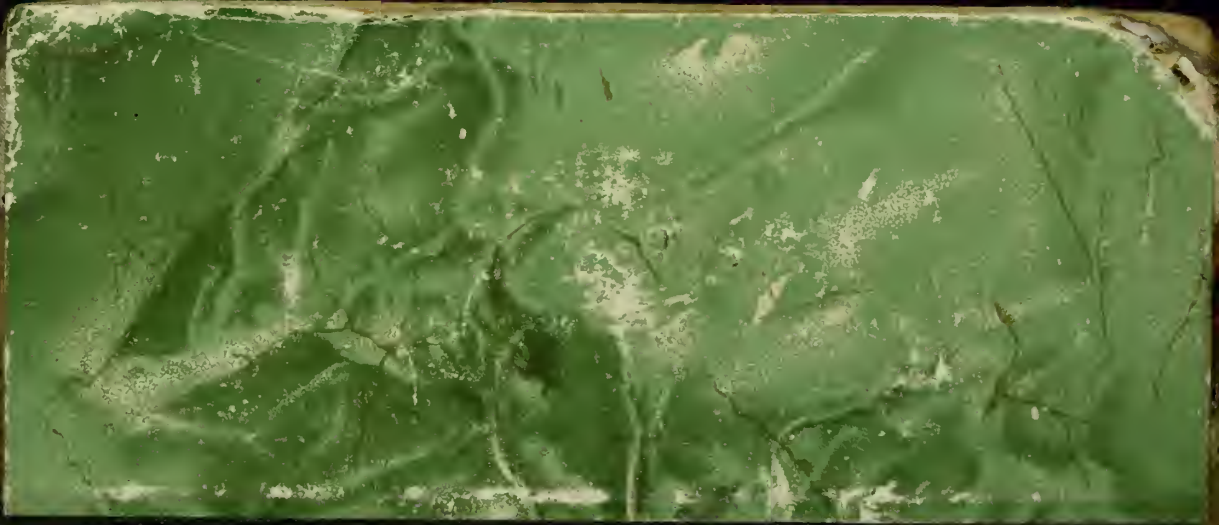


869.3
A55
V.1

CONTOS

EM VIAGEM

POR

JOÃO D'ANDRADE CORVO

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA
132, Rua Aurea, 134
1883

869.3
A55
1

I

PHANTASIAS PHILOSOPHICAS

DE

D. FACUNDO PRIMIGENIUS

(CONTO PROLOGO)

I

Viagem no *Charity* — Teneriffe visto do mar — D. Facundo Primigenius a meditar — Singular pergunta de D. Facundo.

O *Charity*, colossal e veloz *steamer*, gracioso e elegante como um cysne, corria sobre as aguas tranquillas de mar formosissimo.

O sol ia declinando para o occaso. Sobre o ceu de um azul intenso e puro, parecia espargir a luz um pó tenuissimo de ouro e purpura. A prodigiosa transparencia do ar dava ás regiões celestes infinita profundidade, e ao horizonte uma extensão immensa. Eram visiveis a grande distancia as minimas ondulações do mar. As aguas tinham um tom verde pallido, com reflexos azulados, que se harmonisava maravilhosamente com a côr luminosa do ceu; e a sua limpidez era tanta, que atravez d'ella se entrevia o fundo do abysmo.

Ao sul, escura cerração cobria o horizonte, contrastando com os esplendores da luz que por toda a parte caía das alturas do ceu até o oceano, onde vivamente se reflectia. Por cima d'aquella cerração, suspensa, como meteoro, apparecia a branca pyramide que corôa Teneriffe: serra immensa, cuja base se esconde nas aguas, cujos pincaros sobrepujam as nuvens. A nevoa envolvia a ilha; o Pico do Teyde projectava-se nitidamente no ceu.

Aragem tepida e suave corria por vezes sobre o mar, deixando apoz si veios foscos, que por algum tempo ficavam fluctuando á superficie das azuladas aguas, lisa, tranquilla, brilhante como a de um espelho. Aquella aragem era embalsamada, como se ás emanações vivificantes do oceano se houvesse unido o perfume inebriante das flores. Sentia-se, ao respiral-a, que a força creadora da natureza, em plena laboração, penetrava a materia inerte para d'ella tirar os prodigiosos phenomenos da vida. O mundo parecia estar elevando um hymno de suavissimas e mysteriosas harmonias ao Creador.

O *Charity* proseguiu sua derrota. Eu contemplava maravilhado aquelle grandioso espectaculo, que cada vez se tornava mais esplendido á medida que o sol

baixava para o horizonte e que nós nos aproximavamos de Teneriffe. A cerração parecia ir-se attenuando, e atravez d'ella desenhando-se mais e mais o contorno escabroso, recortado, profundamente sinuoso da ilha. O Pico, vivamente illuminado e despido de nuvens, cada vez se erguia mais, parecendo sempre como suspenso no ar. Nuvem cinzenta, que pouco a pouco apparecia distincta da neblina que envolvia a ilha, pairava por cima dos montes menos elevados, e velava a montanha do Teyde quasi até á larga corôa, do meio da qual se ergue aquelle agudo Pico vulcanico, que desde muito longe os navegantes vêem, em dias claros, projectar-se no ceu.

Os passageiros estavam todos a admirar o esplendido quadro, e a gozar da amenidade e encantadora belleza da tarde. Eram pela maior parte inglezes e inglezas. A alegria mais expansiva reinava n'aquella reunião fortuita dos filhos da melancholica e ennevoada Albion, sobre quem uma athmosphera pura, leve, embalsamada e transparente, e os raios brilhantissimos de um sol meridional exerciam uma acção *hilariante*.

Perto de mim estava um velho, baixo, sobre o grosso, ampla face, pallida côr, compridos cabellos grisa-

lhos, bocca larga e seria, olhos pardos de grande vivacidade: vestia singelamente e de côr escura; cobria-lhe a cabeça um largo chapeu de palha; tinha n'uma das mãos um livro e na outra uns oculos com aro de ouro. Nem para o ceu azul, nem para a ilha, que já distinctamente se via, nem para os buliçosos viajantes, que em redor d'elle se agitavam, olhava o meu grave visinho. Os seus olhos fixavam-se, com presistente attenção, nas aguas puras que o navio ia cortando na sua veloz carreira.

Era evidente que profunda meditação lhe occupava o espirito; e, ao vel-o olhar, com manifestos signaes de curiosidade, para o mar, podia suppôr-se que elle buscava encontrar ali a solução de um problema transcendente, ou uma revelação desejada e esperada com affinco.

O meditabundo viajante era o sr. D. Facundo Primigenius, oriundo da Madeira e ha muitos annos residente em Teneriffe, para onde voltava depois de curta viagem a Inglaterra. D. Facundo — a sua convivencia com hespanhoes tinha-lhe ornado o nome com sonoro Dom — antes de cair na sua profunda contemplação do Oceano, tivera mais de uma larga conversação commigo. Levava uma carta de recom-

mendação para elle; e, encontrando-nos por feliz acaso a bordo do *Charity*, as nossas relações tinham-se logo estabelecido no pé de certa intimidade, que facilmente comprehenderão todos os que hajam feito viagens por mar.

Era D. Facundo um archeologo apaixonado, incançavel, fanatico. A sua conversação, um tanto pesada e emphatica, entreteve-me agradavelmente n'algumas d'aquellas longas horas que a bordo tanto custam a passar. Depois de contemplar por largo tempo o quadro formoso que tinha diante dos olhos, fui-me approximando d'elle, para ver se lhe chamava a attenção, e colhia informações ácerca de Teneriffe, para onde iamos rapidamente navegando. Tossi, cantei a meia voz uma cantiga popular da ilha da Madeira, para ver se as saudades da patria o distrahiam da sua contemplação; cheguei-me para elle quanto o permittiam as conveniencias; e por fim, desenganado de que nada conseguia por meios indirectos, exclamei:

—Que formoso espectaculo! Que bonito mar!... Que bonito mar!... sr. D. Facundo Primigenius...

Levantou a cabeça; olhou para mim, e sem fazer caso das minhas exclamações, perguntou-me:

Já leu Platão?

II

Phantasias de D. Facundo — Doutrina de Platão — O homem não é o rei da creação — O mundo é velho — O homem era velho antes da historia — A nova sciencia — Que diz Platão?

A pergunta surprehendeu-me; e para não dar uma resposta que me puzesse em mau conceito no espirito do velho erudito, recorri á conhecida evasiva de perguntar tambem:

— De que obras de Platão me falla?

— De *Timeu* e de *Critias* — me respondeu D. Facundo. E depois de breve pausa disse, apontando para o mar: — Ahi está o grande segredo.

— Que segredo? — perguntei, surprehendido.

— O da remota origem do homem. O maior segredo da creação. Quando, como, onde foi o homem creado? Quantas vezes a Omnipotencia Divina tem

posto termo aos crimes da humanidade pelos grandes cataclysmos, para de novo recrear uma serie de seres humanos, purificado o mundo pela destruição e pela morte?... Loucas idéas! — proseguiu elle, depois de uma longa pausa. — O mundo caminha sempre. Transforma-se, mas não se extingue a vida. As fórmas dos vivos passam; mas a eterna força trabalha sempre, e não chegou nem chegará á perfeição: porque a perfeição absoluta não existe. Pois nós, os homens, o que somos?... Acreditamos sinceramente na nossa superioridade. O homem rei da creação! proclamamos nós... Vaidade! Vaidade, e nada mais. Somos apenas uma transição. Pelos selvagens a humanidade confunde-se com as bestas feras... e pelos... por esses que nós chamamos sabios, está apenas indicando o que será a nova especie... que ha de vir. — Como lhe chamarei? Deixemos isso para o futuro; porque de certo não seremos consultados ácerca do nome que ha de ter a especie superior, que deve no mundo substituir os homens... exterminando-os.

Eu escutava com attenção, mas não sem grande surpreza, as phrases um tanto incoherentes, que D. Facundo Primigenius declamava sem despregar quasi os olhos do mar. Esteve por longo tempo desenvol-

vendo uma theoria phantasista da substituição das especies sobre a terra, segundo a lei immutavel e eterna do progresso; acabando por descrever, em termos emphaticos e com palavras tumidas e sonoras, o futuro do mundo, quando ás raças humanas, miseraveis e corrompidas, a natureza substituir uma especie forte, bella, nobre, intelligente e inspirada pela grande alma do universo.

— O progresso a originar-se na desolação! — exclamei eu. — Pavorosa theoria é essa, que nos não deixa no espirito nem sequer a esperança do indefinido aperfeiçoamento da humanidade!

Sorriu-se e olhou para mim o meu enthusiasta interlocutor, dizendo com vivacidade:

— A humanidade ha de aperfeiçoar-se até onde puder; mas não tem limites esse aperfeiçoamento, nas proprias faculdades da especie humana. Guiada pelo grande principio que preside á creação dos seres, ha-de a natureza um dia... talvez pela transformação, pela metamorphose do homem, substituir-nos sobre a terra por quem valha mais do que nós; por quem mais e melhor possa assegurar o dominio do espirito sobre a materia, da divina essencia da alma sobre a corrupção, a injustiça e a immoralidade

que hoje nos depravam e enfraquecem... e que estão já preparando a nossa aniquilação.

Seguiu-se um curto silencio, e depois proseguiu:

— O divino Platão, de que fallámos ha pouco, considera o homem como uma emanação dos *astros*, e estes como saidos do seio do mundo, que é um ser divino. Deus, o eterno, o omnipotente, o puro, creou o mundo universal, segundo as idéas *archi-typicas* que n'elle existiam por toda a eternidade... Sonhos da philosophia, em que se escondem verdades sublimes! Platão não acredita no aperfeiçoamento, senão na sucessiva degradação do homem. A mulher é o fructo da decadencia... é um modo de expiação dos crimes do homem. Os justos irão gozar nos astros a felicidade eterna; os maus metamorphosear-se-hão... em mulheres, ou em animaes impuros.

— O divino Platão — observei eu — não comprehendeu o que ha de grande, de bello, de sublime na mulher...

— Não o comprehendeu nunca a edade pagã. A civilisação moderna trouxe ao mundo as possiveis emancipações. A primeira d'ellas foi a da mulher.

— E quantas faltam ainda conseguir!

— Conseguir-se-hão, pelo progresso, todas as eman-

cipações, a que se não oppõe a natureza incompleta e fatalmente viciosa da especie humana. Depois...

— Virá a nova especie... de animaes superiores ao homem — acudi eu, com riso de incredulidade.

— Virá — affirmou D. Facundo. — Quem o duvida? Pois não é essa a historia dos seres vivos sobre a terra; historia cujos irrecusaveis documentos os geologos encontram a cada passo nas rochas que formam a crôsta do globo? Hoje a luz vae-se fazendo ácerca da primitiva historia do homem; e não pode duvidar-se...—eu, pelo menos, não posso duvidar de que a especie, a que temos a honra de pertencer, foi, em edades de que não ficaram tradições, mas de que se conservam vestigios evidentes, representada apenas por selvagens, que não conheciam os metaes, e que mal se distinguiam dos animaes com quem tinham que lutar para não perecer. São novas estas opiniões, acrescentou elle; poucos ainda as julgam dignas de discussão, apezar dos trabalhos e incançavel estudo de alguns homens, tão fanaticos da verdade como eu, porém mais sabios, e com talentos, que infelizmente a mim me faltam. Não tardará a hora em que todos hão de abraçar, com enthusiasmo, o que hoje muitos repellem, como um attentado contra a dignidade hu-

mana... e, sobretudo, contra os preconceitos dos historiadores, que querem provar que é novo o mundo, que apenas conta alguns milhares de annos... É velho o mundo e muito velho; e o homem, que relativamente é novo, conta de certo sobre a terra muitos seculos de seculos.

O que previa o meu companheiro de viagem a bordo do *Charity*, realisou-se. É hoje uma verdadeira e valiosissima sciencia a *archeologia pre-historica*. Accumulam-se todos os dias provas de que o homem já habitava a terra nos tempos remotissimos, em que as fórmas dos mares, dos continentes e das ilhas eram outras do que hoje são; em que existiam especies animaes agora extinctas; em que o uso dos metaes era desconhecido, e nem sequer despontava a aurora do que chamamos a civilisação.

Eu estava vivamente interessado n'uma conversação, que abria novos horizontes ao meu espirito. Tinha ao mesmo tempo curiosidade de saber a que se encaminhavam as reflexões, um tanto desconnexas e extravagantes, do velho sabio.

— É uma nova sciencia a que se está elaborando agora no espirito de alguns homens estudiosos e despreoccupados. A sciencia do homem antes da historia

deve ser o verdadeiro fundamento da doutrina do progresso, de que muitos fallam e que raros entendem — disse, depois de uma pausa, D. Facundo.

— E que relação tem a nova sciencia, com o *Timeu* de Platão? — perguntei eu.

III

Continuação das phantasias de D. Facundo — As formas dos seres vivos acabam; mudam os viventes com as edades da terra — Quando a humanidade estiver velha, acabará tambem — A Atlantida destruida por um cataclysmo — Vestigios da Atlantida — Teneriffe.

— Platão seguia a doutrina da decadencia moral da humanidade e da sua regeneração por meio das grandes catastrophes naturaes — respondeu-me D. Facundo. — Era a crença dos Egypcios, de que dá noticia o *Timeu*. A theoria do progresso é exactamente opposta áquella crença, que era geralmente a dos antigos.

Cortando-me a palavra, o meu interlocutor proseguiu :

— Aperfeiçoam-se, progridem todos os seres, e como elles o homem. Quando porem o progresso chega,

para cada typo bem definido, ao seu maximo limite; já seja nas fórmas, já na adaptação das suas qualidades ás circumstancias em que tem de existir; já seja mesmo nas propriedades do instincto ou nas da intelligencia. Quando cada typo tem percorrido todos os graus da sua perfectibilidade, começa logo a decadencia, e por fim vem a morte pôr-lhe termo. Não tem direito de existir, é uma lei fatal da natureza, senão o que pode acompanhar a indefinida evolução, o illimitado progresso: condição essencial da existencia do universo. Ao typo que se extingue, substitue-se outro mais perfeito, mais forte, que o represente. A cada faze da existencia da terra correspondem fórmas novas, novas transformações dos seres vivos. Já se vê pois — proseguiu em tom dogmatico — que o progresso não exclue a destruição, antes com ella se harmonisa. Quando um molde não presta, abandona-o a natureza e faz outro mais completo. Quando chegar a velhice da especie humana, Deus creará outra especie, moral e physicamente superior.

Era tal a convicção com que fallava D. Facundo Primigenius, que eu, apesar das objecções que tinha a oppôr á sua singular theoria, julguei melhor não o contradizer: e, para lhe chamar a attenção sobre as-

sumpto que mais me interessava n'aquella occasião, disse-lhe:

— Estamos já a pouca distancia de Teneriffe. Em menos de duas horas chegaremos. Diga-me alguma cousa da sua patria adoptiva, sr. D. Facundo.

Olhou para mim admirado, e exclamou:

— Pois de que lhe tenho eu estado a fallar senão de Teneriffe, e da sua historia?

Não entendi, e soltei uma exclamação quasi inarticulada, que era a manifestação da minha surpreza. Riu-se o Primigenius, e proseguiu:

— A um d'esses violentos despeitos, — como contam as lendas dos povos — nos quaes Deus, descontente da sua obra, destruia povos inteiros para crear novos homens em fórma nova; a um d'esses exterminios, que eram castigo de crimes passados e preparação para um futuro ensaio de purificação do mundo; a um d'esses *cataclysmos* monstruosos, em que as convulsões da natureza sepultavam nas aguas, ou consumiam pelo fogo vastas regiões, e aniquilavam imperios; a uma d'essas manifestações dos furores celestes, que eram a consequencia da provada impotencia da divindade pagã para fazer homens puros e virtuosos; a uma d'essas vinganças dos immortaes,

provocadas pelos crimes dos homens, foi devida a destruição da velha *Atlantida*. Teneriffe... todas as Canarias, a Madeira, e os Açores talvez, são apenas ruinas d'esta terra immensa que occupava, diante das columnas d'Hercules, grande parte do espaço que cobrem as aguas do Atlantico. Navegamos agora por cima do que antes foi terra habitada pelos homens, e que as aguas cobriram. Ali, em frente de nos, está essa ilha que não era mais do que um dos cimos da serra vulcanica que cortava a vastissima Atlantida.— Foi um diluvio; mais grandioso, mais verosimil do que o diluvio de Noé.

— Nada prova que existisse a Atlantida, de que nos falla Platão — observei eu.

— Eu lhe digo... — acudiu o meu interlocutor.— Não póde affirmar-se que seja a exacta expressão da verdade, o que Platão diz terem os sacerdotes de Sais contado a Solon acerca da Atlantida; mas ha muitas rasões para crer que existiu um vasto territorio n'este espaço, que hoje occupa o mar por onde vamos navegando; quer esse territorio fosse uma vasta ilha, quer fosse um prolongamento da Africa, onde o Pico de Teneriffe era a ponta extrema e mais elevada do monte Atlas. Lançando os olhos para uma boa carta geogra-

phica, facil é ver a probabilidade d'esta ultima hypothese. Disseram a Solon os sacerdotes egypcios que a grande Atlantida era povoada e florescente, governada por poderosos reis que conquistaram a Lybia até o Egypto e a Europa até a Tyrenia. Era um povo rico, poderoso, que habitava um solo fertil, governado por boas leis, o povo dos atlantidas. Corrompeu-se porém esse povo, e os seus crimes foram a causa de os condemnar ao exterminio a colera divina. O mundo tremeu e as suas convulsões destruiram o immenso continente. O mar cobriu a maior parte da Atlantida, depois de longos e violentos terremotos. Eu sei — proseguiu elle — que é tida por fabulosa esta narrativa; mas a objecção principal que se lhe oppunha, a do tempo, desapparece com os trabalhos da moderna sciencia. O homem está no mundo ha muitos milhares de seculos. A historia á medida que se aperfeiçoa, alarga de mais em mais os seus dominios, no tempo e no espaço: e antes da historia a terra era já povoada de homens. Tudo no mundo em que estamos varía e se transforma, o solo que habitamos hoje, já por mais de uma vez esteve sumido nas aguas, para depois se levantar acima d'ellas. Continentes, ilhas, mares, rios, lagos, serras e planicies, tudo é desti-

nado a acabar: mas não violenta e rapidamente, não por cataclysmos immensos, senão por variações lentas. Ha pontos em que o solo vem baixando vagarosamente, até que de todo chegue a sumir-se nas aguas; ha outros em que se vae levantando, de modo que se erguerão d'aqui a muitos milhares de milhares de annos montanhas onde hoje existem planicies; os rios vão depositando em suas margens novos terrenos, ao passo que escavam as serras que atravessam; os mares devoram com o seu incessante movimento as rochas que o limitam... Tudo, tudo muda; tudo se transforma; tudo morre; tudo renasce. Só é eterna a omnipotencia do Creador, e eterna a sua obra, que é a natureza.

A voz de D. Facundo havia-se tornado sonora, e a sua expressão era a do enthusiasmo. Caindo em si, callou-se: e um riso franco e jovial lhe animou a physionomia por alguns momentos.

— Deixemo-nos de philosophias — disse elle — e conversemos.

IV

Quadro ao pôr do sol

O sol, quasi no occaso, escondia-se por detraz da ilha. O ar tinha perdido a tansparencia. Vapores, de um cinzento levemente avermelhado, cobriam o horizonte e davam ás rochas bazalticas da costa, de que apenas nos separavam algumas milhas, proporções gigantescas e aspecto tenebroso. O oceano estava tranquillo. O silencio era apenas interrompido por surdos ruidos a bordo, e pelos murmurios da agua, que se abria diante do veloz *steamer* e parecia gemer ao longo do costado d'aquelle *Leviathan* dos mares.

A ilha de Teneriffe erguia-se diante de nós, rude, selvagem, colossal, severa, lugubre. Era como uma ruina immensa, cujos fundamentos se escondiam nas aguas. Escura na base: nebulosa na região dos mon-

tes: illuminada no mais elevado e solitario pincaro, no agudo Pico do Teyde, onde davam ainda obliquamente os ultimos clarões do sol.

Á distancia a que estavamos, as fórmas da ilha eram perfeitamente distinctas; onde nuvens de um branco de neve, e como luminosas, não envolviam as cumiadas e alcantis da serrania. No primeiro plano, os montes do nordeste surgiam do mar, por onde se alongava a ponta d'Anaga; magestoso promontorio, diante do qual se elevam, isolados, enormes rochedos. —Espectros collossaes, negros e ameaçadores, que o mar continuamente cobre de alva mortalha de escuma, e que manteem inalteravel sempre o seu funebre aspecto. —Aquelles montes formam uma extensa cordilheira, entrecortada de fundas depressões que separam, umas das outras, pontas culminantes de arestas vivas e agudas. Successivos e quasi symetricos contrafortes se alongam do corpo central da serra até o mar; onde asperas arribas, separadas por barrancos profundissimos, formam uma costa abrupta e inaccessivel quasi toda.

Estes montes, escuros e anfractuosos, estão separados por uma profunda quebrada da grande massa central, cuja enorme grandeza parece estar esmagan-

do Teneriffe. A descontinuidade das duas serranias era perfeitamente visivel áquella hora da tarde; não só porque a luz augmentava ainda o relevo da serra mais eminente, que forma o centro da ilha e é coroada pelo Pico, senão porque, por singular contraste, os montes mais proximos mostravam, limpas de toda a nevoa, as suas fórmas angulosas e duras, em quanto que a pyramide monstruosa do Teyde e as suas ramificações, em parte se envolviam n'um denso veu de nuvens, do meio do qual saía a vasta corôa de rochas vulcanicas a que chamam as Cañadas, limite, em remotas edades da terra, da primitiva cratera de sublevação do prodigioso vulcão. Por cima da aresta d'aquelle circo de rochas, cujas quebradas e precipicios, cuja desordenada e revolta confusão, a distancia nos não deixava perceber, apparecia, sempre illuminada pelo sol e branca como prata, a ponta do Pico.

A lucta do homem contra esse poder eterno e indestructivel que domina a natureza, a lucta do orgulho impotente contra a suprema grandeza, a lucta da força cega, bruta e indomita, contra a harmonia e a ordem que o espirito divino impoz a tudo que existe no universo, em todos os tempos a tradição a symbolisou na louca empreza de escalar o ceu.

A torre de Babel, de cuja ruina immensa ainda se acham hoje vestigios na Asia Menor, talvez, na chamada «Torre de Nemrod», diz-nos o Genesis que foi levantada pelos filhos de Noé, para que o seu cume intestasse com o ceu, e fosse celebrado ali o nome do homem a par do nome de Deus. A confusão das linguas foi o castigo do orgulho dos mortaes.

Mais fortes e mais ousados, os gigantes, filhos da terra fecundada pelo sangue, em vez de construirem lentamente uma fragil torre de barro, apinharam montes sobre montes para chegar ao ceu. Jupiter, porém, ajudado por Hercules, venceu-os, sepultando-os debaixo das ruinas d'aquella monstruosa construcção, cujos materiaes eram montanhas, cujos obreiros eram gigantes, e cujo fim era derrubar do throno usurpado um Deus.

As forças que no seio da terra perpetuamente trabalham por destruir as abobadas immensas da prisão que as encerra; essas forças, que por vezes põe em tremenda convulsão os continentes e os mares, por vezes levantam, em massas immensas, rochas candentes e rutilantes; essas forças que agitam, revolvem, quebram, pulverisam e fundem as entranhas do mundo, levantaram, como os gigantes da fabula, monta-

nhas sobre montanhas, como se quizessem escalar o ceu, e fizeram sair assim do seio dos mares a ilha de Teneriffe. Sobre as serras que primeiro se erguem acima das aguas, serras alquebradas, fendidas, rasgadas, por successivas convulsões, levanta-se a grande mole central que sobe até ás *Cañadas*, a esse circo de muitas leguas de extensão, que limita a primitiva cratera. O que foi a boca de immenso vulcão, por onde se arrojaram, entre labaredas, torrentes de lava fremente e devastadora, é hoje uma deserta planicie. Do centro d'essa antiga cratera, que, com o andar dos seculos, se obstruiu e se transformou em matagal de giestas, irrompeu novo monte, o qual, como gigantesco pedestal, sustem a ponta do Teyde; cone branco, regular, esbelto, terminando em cima em exigua cratera, por onde se exalam ainda tenues e corrosivos vapores.

O aspecto de Teneriffe visto do mar é profundamente triste. A rocha, a serra, a natureza morta domina tudo. O tom verde das plantas não interrompe ali a côr funebre das rochas vulcanicas. Parece, á vista d'aquella desolação, que a ilha, saida apenas do seio das aguas, não teve tempo ainda para se povoar de vegetação. É como a imagem do mundo primitivo

de que nos falla o *Genesis*, quando as aguas se congregaram em mares, e a arida terra appareceu, ainda despida de hervas virentes e de arvores fructiferas.

A cada instante nos aproximavamos mais da costa. E como ao mesmo tempo a luz diminuia e o ceu ia passando de azul e purpura a branco pallido e funebre; como, de mais, o grande vulto do Teyde projectava a sua immensa sombra sobre as nuvens que o cercavam e sobre os montes inferiores, o quadro grandioso que admiravamos tomava cada vez aspecto mais severo e lugubre. Dir-se-hia que tinhamos diante de nós o espectro de uma ilha, cujo perfil monstruoso se desenhava vagamente n'um ceu livido, e cuja sombra se reflectia tristemente n'um mar crasso e morto.

As conversações, os risos, o movimento, tudo havia cessado a bordo do *Charity*. Olhavam todos para a sombria ilha, como tomados de pavor. Sentimento egual devia dominar o espirito d'aquelles supersticiosos navegadores, que n'outras eras demandavam a phantastica, a desejada e nunca descoberta ilha de São Barandão.

V

A ilha de *São Barandão*.— Ilha phantastica que muitos buscam e ninguem encontra.—Fortuna de Pedro Velho que bebe agua na ilha encoberta.—Donatario infeliz.—Lenda de D. Sebastião e de D. Rodrigo.—Armida, e os versos de Tasso.—Apparece uma ingleza romantica.

—A phantasia é assim: é assim o nosso espirito vagabundo—disse D. Facundo Primigenius, a quem communiquei o meu pensamento.—A ilha Encuberta foi, por muitos annos, o sonho de quantos habitavam as Canarias; como estas, em tempos mais remotos, foram o sonho dos povos navegadores e dos poetas. Conhece a lenda da ilha de São Barandão, ou *São Balandrão*, a antiga Aprosito de Ptolomeu?

— Vagamente — respondi.

— Pois é uma lenda que muito deve interessar aos portuguezes — accudiu elle.—Dás ilhas de oeste se

observa, principalmente em certos dias, — sempre no mesmo logar e com a mesma forma e grandeza, — uma extensa terra, onde se erguem dois altos montes, separados por uma profunda quebrada ou vale. Muita gente tem visto essa ilha phantasma, e por diversos auctores foi ella minuciosamente descripta; quando era crença geral que entre as Canarias havia uma, onde, por maravilha sobrenatural, os homens não podiam chegar. Mais de uma expedição foi demandar a ilha de São Barandão; mas voltou sem a ter achado, não obstante ella se levantar a poucas leguas da ilha de Ferro. Apesar dos desenganos que essas expedições deram a quantos as emprehenderam, não se apagou, por muitos annos, do espirito dos habitantes das Canarias a esperança de descobrir a mysteriosa ilha.

— A realidade quasi sempre fica muito abaixo dos sonhos e das esperanças, que o espirito busca insaciavel, para satisfação das suas aspirações ao inaccessivel e ao desconhecido — observei eu, para dizer alguma cousa.

O velho erudito sorriu-se benevolamente da minha banal reflexão, e proseguiu: — Nem para todos foi a ilha de São Barandão uma terra phantastica, ao que

parece. Um piloto de Setubal, navegando no seculo XVI para o Brazil, aportou a São Barandão. Ali, Pedro Velho...—assim se chamava o piloto,—bebeu agua de uma fonte crystallina, e observou no chão pégadas de gigantes... Os gigantes eram christãos, e comiam marisco: d'isto davam prova, uma cruz pregada n'uma arvore e os montes de conchas espalhadas em roda das cinzas de uma fogueira. Um temporal levou Pedro Velho á ilha encoberta, outro temporal o arrancou de lá.

—E não tornou a encontral-a, o feliz piloto?

—Não. Nem tambem,—o que é mais,—pôde tomar posse da ilha phantasma o donatario, a quem el-rei de Portugal d'ella fez mercê. Deve saber—accrescentou D. Facundo—que um certo Luiz Perdigão affirma, que el-rei D. Affonso V dera a ilha de São Barandão a seu pae, e que depois, ao ajustarem-se as pazes com Castella, a corôa de Portugal cedeu á de Hespanha os seus direitos sobre a ilha mysteriosa. Singular destino o d'aquella terra encoberta! Cedida por um rei portuguez, encoberto como ella. Ali esteve... e está ainda talvez—proseguiu rindo—o desejado D. Sebastião.

—Essa crença piedosa, essa candida lenda dos se-

bastianistas, foi por muitos annos a expressão do patriotismo no povo portuguez—observei eu, um tanto escandalisado do tom de zombaria em que fallava da lenda de D. Sebastião o meu illustrado companheiro de viagem. — Não podia acreditar o povo, que o rei portuguez não viesse defender a patria, quando a avassallavam e opprimiam estrangeiros. Era uma allucinação sublime, que punha as suas esperanças de liberdade e independencia na milagrosa restauração do seu rei. Symbolo e palladio da nacionalidade, conservado pela Providencia n'uma ilha encoberta, onde não o podiam alcançar os seus inimigos; onde a sua força, a sua juventude e a sua pureza se mantinham inalteraveis, apesar do tempo e das suas duras leis.

Olhou para mim o archeologo Primigenius, como se quizesse certificar-se da natureza do sentimento que dictava as minhas palavras. Depois de curta observação, poz-se serio, e disse com gravidade:

— É verdade. Permitta-me, porém — proseguiu, mudando de tom — que lhe faça notar uma singularidade digna de attenção. Em parte alguma do mundo, as chimeras, as phantasias, os sonhos, as lendas maravilhosas tem dominado tanto como n'estas ilhas, que a antiguidade chamou Afortunadas. N'essa ilha

de S. Barandão, que foge sempre diante de quem a busca, ha sete grandes cidades — segundo nos conta Pedro de Medina, auctor das Grandezas de Hespanha — e vive um povo christianissimo, venturoso e rico. Um arcebispo e seis bispos encaminham aquelle povo exemplar pela senda da virtude. Ali achou guarida, antes d'el-rei D. Sebastião, o infeliz rei D. Rodrigo. Ali... ali teve a zelosa Armida captivo o heroico Renaldo. — E em tom declamatorio repetiu os formosos versos do Tasso:

Ma ingelosita di si caro pegno,
E vergognosa del suo amor, s'asconde
Nell' oceano immenso, ove alcun legno
Rado o non mai va dalle nostre sponde
Fuor tutti i nostri lidi; e quivi eletta
Per solinga sua stanza é un'isoletta;

Un'isoletta, la qual nome prende
Colle vicine sue dalla Fortuna

— Oh! bello!... bello!... — exclamou, junto de nós, uma aguda, comprida, esguia, desgrenhada, descorada e romanesca ingleza.

VI

Lady Fly e o doutor Wearisome — O ideal e o positivo.— Os jardins d'Armida.— A Atlantida.— Onde eram os Elysios?— O poço dos curiosos.— As fontes do riso e das lagrimas.— Arrebatamentos de lady Fly e versos de Hudibras.

Era Ophelia em ferias de loucura, a ingleza, cuja voz sorvida e sibilante havia interrompido a declamação sonora e pausada de D. Facundo. Vestia de branco; envolvia-lhe o colo uma facha de gaze côr de rosa desmerecida; balouçavam-se-lhe na cabeça as largas abas de um chapeu de palha de Italia, sobre as quaes fluctuava um tenuissimo veu azul-celeste. D'entre aquellas nuvens brancas, rosadas, azues, saiam, soltos ao vento e desalinhados, uns cabellos louro-claros. A cara era tão afilada, tão magra; tão pequena, tão pallida que mal se via.

Ao lado da phantastica ingleza estava um exotico inglez, que com ella fazia perfeito contraste.

Era um homem muito pequeno, esferico, pobre de pernas e rico de cabeça; a face vermelha, raiada de azul, estava ornada de um nariz collossal e rutilante; profusos e desgrenhados cabellos, continuados por ouriçadas e exuberantes suissas côr de cenoura arroxeada, cercavam-lhe a cabeça de um como afogueado resplendor. Trajava um fato em que se juntavam, na mais irritante desharmonia, quadros de todas as côres. Uma gravata vermelha, coroada de amplos colarinhos, e um chapeu de ganga, desgraciosamente amarrotado, completavam a *toilette* do rotundo bretão.

— Oh! hello!... — Esta exclamação da subtil ingleza, dirigia-se ao meu velho companheiro. D. Facundo saudou, com um gesto e um sorriso, a esgrouviada ingleza e o obeso inglez.

— Formosos versos são estes, milady — disse. — Melodiosos como todos os versos do Tasso.

— Vamos... Que felicidade! Vamos aportar á verdadeira ilha encantada de Armida! — Exclamou lady Fly, olhando para o seu companheiro, com quanto enthusiasmo sentimental podia sair dos seus olhos de porcelana azul.

—Pois será essa, deveras? —observou o inglez, tirando de uma caixa esmaltada uma pastilha, e levando-a á boca com sofreguidão.

—Sempre essas duvidas, que matam a poesia, doutor Wearisome! Que homem! Que homem! São assim os medicos; inimigos da phantasia, das romanescas aspirações das almas que foram tocadas pela vara magica da poesia.

—Não diga tão mal dos medicos, milady —acudiu com manifesta expressão de ironia, o dr. Wearisome.— Eu, que sou medico, adoro as almas tocadas... pela vara magica; e até adoro a vara magica. O que eu desejava era, que D. Facundo Primigenius nos explicasse onde estavam os famosos jardins da ciosa Armida. Tenho desejos de ir lá... herborisar, milady.

—Não faça caso do que diz o doutor; e dê-me, sr. D. Facundo, noticia das poeticas tradições d'essa ilha, onde vou passar alguns mezes... ou talvez ficar... para sempre.

Um suspiro, profundamente doloroso, acompanhou as palavras de lady Fly, e ao suspiro seguiu-se uma tosse aspera e convulsiva.

A nobre ingleza ía buscar allivio aos seus padecimentos no clima suave de Teneriffe, e fazia-se acom-

panhar pelo medico da sua confiança, o dr. Wearisome; o qual, era evidente, usava e abusava dos privilegios da sua posição.

— Os jardins d'Armida desappareceram: a phantasia amorosa que os creára, destrui-os — disse o antiquario. E como prova recitou:

> Ombra più che di notte, in cui di luce
> Raggio misto non è, tutto il circonda;
> Se non se in quanto un lampeggiar riluce
> Per entro la caligine profonda.
> Cessa alfin l'ombra; e i raggi il sol riduce
> Pallidi, nè ben l'aria anco è gioconda:
> Nè più il palagio appar, nè pur le sue
> Vestigia, nè dir puossi: egli qui fue.

— Desappareceram os jardins; apagaram-se os vestigios d'elles e só ficaram: «l'alpe, e l'orror che fece ivi natura» — proseguiu o velho erudito. — Assim desappareceram tambem todos os prodigios com que a antiguidade povoou esta região, que era para ella a ultima terra, *ultima tellus*. Foi aqui a famosa Atlantida, de cujas grandezas Platão nos deixou breve noticia: habitavam essa vastissima terra povos florescentes, poderosos conquistadores. A corrupção dos homens e a colera dos Deuses acabaram com essa

terra, e apagaram os vestigios d'essa civilisação. Das ruinas, porém, da Atlantida, se formaram as *Affortunadas*. Essas ilhas que ali estão diante de nós, onde Atlante se transformou em elevado monte á vista da horrida cabeça de Medusa: onde correm as fontes do riso e das lagrimas: onde se abre o profundo poço, em cuja boca se ouve quanto no mundo se passa.

— Que de prodigios!... — exclamou lady Fly.

— Que de prodigios de credulidade!... — interrompeu o gordo doutor. E proseguiu: — Camden... um compatriota nosso, milady... homem erudito, mas que decerto nunca viu um sol esplendido e um céu azul, nem respirou nunca um ar perfumado pelas flores, limpido e puro... Camden affirma, que os Elysios demoravam ao norte das Ilhas Britannicas. Verdade é que um professor d'Upsal encontrou os campos Elysios além do circulo polar, no paiz dos ursos brancos, e das noites sem fim.

— Erros, illusões, loucuras de um exaggerado patriotismo! — acudiu calorosamente D. Facundo Primigenius. — Aqui, nas Affortunadas, foram os Elysios. Ninguem o póde pôr em duvida, de boa fé. Pois não o disse Virgilio fallando do logar onde chegaram Eneas e a Sibila?

Devenere locos lætos, et amœna vireta
Fortunatorum nemorum, sedesque beatas.

E não o tinham dito primeiro Homero e Hesiodo? As almas dos heroes «vão para o fim do mundo, para as ilhas Affortunadas situadas no meio do Oceano.» Ha nada mais claro? E não é isto mesmo que diz Plutarco, na vida de Sertorio, fallando da amenidade, belleza e feracidade das Affortunadas? E, diz elle, opinião acentada, mesmo em nações barbaras e remotas, que ali são os Campos Elysios, domicilio dos bem-aventurados, tão decantado nas obras de Homero.

D. Facundo fallava com grande animação e enthusiasmo. Foi longo o seu discurso e eruditissimo. Eu e milady ficamos intimamente persuadidos, que ali haviam sido os campos Elysios e tambem o jardim das Hesperides: que se podia ter esperança ainda de descobrir o poço do padre Kircher, para regalo dos curiosos, a quem seria facil assim saber quanto se passa no mundo: que para morrer, rindo ou chorando, bastava beber da agua das fontes maravilhosas de Teneriffe, de que falla Pomponio Mella e que o Tasso canta no seu poema: que o pico do Teyde era o verdadeiro monte Atlante, como o observou Herodoto. Era tal a

abundancia de argumentos, a profusão de citações, a riqueza de textos com que o erudito expositor das excellencias das Canarias enriquecera a sua longa dissertação, que eu em tudo estava resolvido a acreditar com tanto que elle se calasse. A debil ingleza estava esfalfada de ouvir fallar, e n'um paroxismo de enthusiasmo:

— Oh! — exclamou ella. — Que ditosa sou, em ter vindo ás ilhas Affortunadas. Poderei viver nos jardins d'Armida; terei a fortuna de enganar o dragão e roubar-lhe pomos d'ouro... morrerei, talvez, nos campos Elysios.

O dr. Wearisome contentou-se em recitar, a meia voz, os versos d'Hudibras:

He knew the seat of Paradise,
Could tell in what degree it lies;
And, as he was disposed, could prove it
Below the moon, or else above it.

VII

Crepusculo — Preparativos de desembarque — Ao escurecer — Surpreza desagradavel — Risco de ir á Serra Leoa — Serenidade do D. Facundo.

O crepusculo dura pouco nas regiões meridionaes; e ali, onde se projecta a grande sombra do Pico de Teneriffe, ainda a noute chega mais rapida, porque os ultimos clarões do occidente são interceptados pela massa negra da serra.

O *Charity* tinha emfim ancorado na bahia de Santa Cruz: e os barcos formigavam em volta d'elle, sem ousarem abordal-o. O capitão estava no seu posto. Os viajantes, anciosos por ir a terra, esperavam o momento em que lhes seria licito desembarcar. Eu, D. Facundo Primigenius, lady Fly, o doutor Wearisome, os creados da nobre lady e mais dois ou tres viajantes,

que ficavamos em Teneriffe, tinhamos feito subir as nossas bagagens e, depois de lhes passar prudente revista, aguardavamos, com a satisfação de quem acaba uma viagem, que nos deixassem tomar logar n'um bote que haviamos ajustado. A bordo havia ruidosa impaciencia; em roda do navio agitavam-se os barquinhos, acudiam os vendedores de fructa, cruzavam-se os gritos, levantavam-se os alaridos, misturavam-se o riso e as pragas, as imprecações e os offerecimentos seductores.

A escuridão ia cada vez crescendo mais. A massa enorme da montanhosa ilha tomava fórmas vagas, e parecia crescer com as trevas, e como que caminhar lentamente para nós. O céu azul-escuro lá nas alturas, por cima das serras, mosqueado de nuvemsinhas transparentes, tenues, onduladas, de côres esvaecidas, onde ainda se distinguiam tons de prata, de ouro e de purpura, parecia irisiado; e o seu suave brilho tornava ainda mais severo o aspecto da ilha, e fazia, pelo contraste, mais tenue e frouxa a luz incerta que esclarecia a cidade de Santa Cruz, a costa, o mar e os objectos que nos cercavam.

A impaciencia ia crescendo em todos com o desejo de desembarcar, e este tomava maior intensidade á

medida que ia chegando a noute. De repente houve uma emoção geral: ouviram-se exclamações em todos os tons, a que se juntavam gargalhadas femininas. O capitão annunciou aos viajantes que, por uma irregularidade nos papeis de bordo, não era permittido desembarcar. O caso era grave para os que deviamos ficar em Santa Cruz; porque o paquete partia no dia seguinte ás nove horas da manhã, e, a não nos ser permittido desembarcar, teriamos de seguir até á Serra Leôa.

Lady Fly soltava intergeições, suspirava e tossia. O dr. Wearisome rebolava-se de colera e devorava pastilhas. Eu pedia soccorro a D. Facundo Primigenius, e não perdia a esperança de escapar á catastrophe de uma viagem forçada á costa d'Africa. O meu erudito amigo, esse estava impassivel; seguro de si, da sua importancia e do futuro. Mandou recado ao governador por um dos representantes da auctoridade, que nos intimara a fatal sentença de degredo para Africa; esfregou as mãos, como quem dá tudo por feito; e aguardou impavido o resultado da sua poderosa intervenção.

—Ámanhã, de madrugada, desembarcaremos—disse elle.—Agora vamos conversar ou jogar o whist.

VIII

Explendores de uma noite de verão — O sonho de Titania — Acordar prosaico por medo de uma constipação

Era noute. O céu parecia coberto de um pó de ouro luminoso, no meio do qual sobresaíam muitas gemmas preciosas, scintillando vivamente em raios multicores. Ao suave brilho dos astros juntava-se a pallida e phantastica irradiação da phosphorescencia do Occano. Nas pregas ligeiras que a brisa levantava sobre o mar, nas leves ondas que mansamente iam morrer nos rochedos da costa, na ponta dos remos que batiam as aguas, no costado dos navios, por toda a parte emfim, appareciam e desappareciam as vagas exalações da mysteriosa phosphorescencia. A luz emanada das estrellas e do mar era tanta, que as fórmas dos

objectos perfeitamente se distinguiam, ainda mesmo a distancia.

Em Santa Cruz as luzes brilhavam em profusão. Na serra appareciam tambem, aqui e ali, alguns vivos clarões de fogueiras, ou pallidas e tenues irradiações de lampadas solitarias. Junto das penedias, deslisando-se mansamente, silenciosas como phantasmas, vagueavam algumas barcas de pescadores, em cuja prôa ardia fulgente facho. Os rumores indefinidos que se levantavam da cidade, as fallas que por intervallos saiam distinctas dos barcos que andavam no mar ou estavam ancorados junto da praia, os latidos longiquos dos cães dos pastores, os sons compassados e melancolicos das sinetas marcando os quartos, o ruido sinistro e estridente de ferros a bordo dos navios, o continuo murmurio das aguas que a brisa despertava do seu passageiro lethargo, e o brando sussurro que na praia faziam os beijos amorosos do Oceano, eram as vozes que interrompiam o silencio d'aquella noite formosissima.

Estavamos embevecidos todos pelas maravilhosas harmonias da natureza, e respirando com avidez a tepida aragem que nos chegava, impregnada dos perfumes balsamicos das florestas, dos matos e giesteiras

da serra. As poucas palavras que trocavamos eram em voz baixa; como se receassem perturbar aquelles, que escutavam as mil vozes da natureza e buscavam penetrar os mysticos segredos, que as noites puras nas regiões meridionaes parece estarem a ponto sempre de revelar, e que guardam eternamente escondidos no seu impenetravel seio. Passámos assim quasi uma hora; até que não poude a phantastica ingleza conter por mais tempo o seu enthusiasmo:

—Sonho formoso d'uma noute de verão! — exclamou lady Fly.—É este o verdadeiro reino da bella Titania; a rainha das fadas e dos sylphos poderia dormir aqui o seu magico somno. Estou quasi a evocar os espiritos, para que imponham silencio a todos os sons importunos, que perturbam os sonhos da phantasia. Vinde, vinde Flôr-d'Ervilha, Teia-d'Aranha, Borboleta, Grão-de-Mostarda, vinde genios da noute guardar o somno de Titania... o somno da Phantasia.

— Lembre-se, milady — acudiu o dr. Wearisome, como para lhe quebrar o enthusiasmo — lembre-se que Titania, ao acordar, se namorou... de um burro. O mesmo poderia succeder á Phantasia...

— Doutor!... calle-se, — atalhou milady de mau

humor. — Este homem não tem o sentimento verdadeiro da natureza...

— Exactamente como Shakspeare... — acudiu Wearisome.

— Que blasphemia!... Que blasphemia! — gemeu lady Fly, tirando o chapeu de Palha d'Italia e soltando os desordenados cabellos. — Este homem não conhece da natureza senão a anatomia. A alma da natureza nunca elle a sentiu.

— Tenha cuidado, não se constipe — disse elle n'um tom ironico, em que transparecia uma sincera sollicitude. — Apesar de estarmos no verão, e em Teneriffe, sempre é preciso cuidado. As noites são humidas, milady...

Milady tossiu, como para dar rasão ao seu medico, e este proseguiu:

— Veja. Já está com tosse, e póde estar peior ámanhã.

Foi o doutor buscar um chale e uma manta de cachemira, e envolveu elle proprio os hombros e a cabeça de lady Fly, que tinha ficado a murmurar palavras de despeito; e depois disse, rindo benevolamente:

— Agora podemos sem perigo evocar a Flor-de-

Hervilha e o Grão-de-Mostarda; e conversar com a grande alma da natureza.

Lady Fly sorriu-se, com as lagrimas nos olhos, apertou a mão do medico, e disse sensibilisada:

—Não ha um homem assim... tão mau. A não ser...

—O dr. Wearisome, medico, e amigo sincero—acudiu elle—não seria lady Fly quem supportasse homem tão prosaico.

IX

Um chale escuro suffoca a poesia — Digna-se lady Fly conversar comigo — Sabia discussão acerca dos *Guanches* — Curiosidade de milady — Sempre a prosa do Dr. Wearisome.

Resignada já a pôr cobro ás demasias da sua romanesca imaginação, para não provocar os sarcasmos do dr. Wearisome, e subjugada talvez pelo peso do chale escuro e da manta de cachemira, que haviam substituido as vaporosas gazes e o chapeu de palha d'Italia, lady Fly sentou-se tranquillamente, pedindo-nos que nos sentassemos junto d'ella.

Só n'esta occasião, devo confessal-o, mereci por alguns momentos fixar a attenção da phantastica ingleza, a quem D. Facundo me apresentára. Eu fallei-lhe de Inglaterra, ella fallou-me de Portugal; depois entoámos enthusiasticas exclamações sobre a belleza

do quadro que tinhamos diante dos olhos, e acabámos por trocar algumas palavras a respeito da melindrosa saude de milady.

Não era uma mulher vulgar lady Fly. Tinha um espirito illustrado e um nobre coração: a imaginação, porém, estava em perpetua excitação; e a sensibilidade nervosa, produzida pela doença, levava por vezes a excitação até ao delirio. A nobre ingleza era realmente boa, e nada tinha de hypocresia o seu desvairado enthusiasmo por tudo que lhe podia dar alimento á phantasia. Lady Fly era não só toleravel, mas, por vezes, interessante até. Emquanto eu fallava com milady, o doutor e o archeologo Primigenius discutiam gravemente a historia primitiva das Canarias. O meu dialogo com a ingleza decaiu rapidamente; a discussão dos dois sabios rapidamente se animou. Como devia succeder, a conversação importante venceu a conversação banal.

— É um curioso estudo a fazer, — dizia o dr. Wearisome, cofiando as suissas. — Que relações teriam os habitantes primitivos das Canarias, com os povos de que a historia nos dá noticia?

— Esse estudo ha muito que eu o emprehendi — respondeu o D. Facundo. — Tinha colligido todos os

documentos que podiam esclarecer a grave questão, e redigido mesmo uma memoria sobre o assumpto. Os modernos descobrimentos da archeologia vieram, porém, dar-me tanta e tão inesperada luz, que resolvi refundir o meu trabalho, no que respeita á origem da população *Guanche;* e para este fim fui fazer uma viagem á Europa. Espero — proseguiu elle, com entono,— espero que a sciencia ganhará com o meu trabalho, e dará um passo... de alguma importancia.

Fixada por estas palavras a attenção de lady Fly, que se interessava por tudo que tinha alguma cousa de vago, de incerto, de mysterioso, interrompeu ella a conversação dos dois sabios por uma torrente de exclamações, mais ou menos melodiosas; acabando por supplicar ao D. Facundo, que lhe désse idéa do seu trabalho sobre os *Guanches*, os antigos habitantes de Teneriffe.

—Seria impossivel, e, demais, fastidioso, expôr tudo quanto sobre tal assumpto eu reputo indispensavel, para demonstrar a these que defendo na memoria que estou redigindo — respondeu o archeologo, evidentemente satisfeito de haver conquistado a curiosidade da voluvel ingleza.

— Os traços geraes, os traços geraes apenas...

— acudiu esta. — Eu morro por tudo quanto é extraordinario, fóra do commum. Já que n'este tempo se não encontram senão vulgares idéas, e vulgarissimas paixões, quero ao menos saber que houve outros costumes, outras aspirações... mais poesia e mais grandeza.

— Nos selvagens? — interrompeu o implacavel doutor.

Offendido e desgostado, pela indelicadeza com que o dr. Wearisome estava sempre interrompendo as expressões enthusiasticas de lady Fly, ousei fazer-lhe a tal respeito uma observação um tanto acre. Elle sorriu-se e disse-me ao ouvido:

— Faz-lhe mal ao peito o enthusiasmo; e eu sou o seu medico.

Callei-me; convencido, quasi, de que tinha rasão o rude e prosaico doutor.

Lady Fly proseguiu, pedindo com instancia a D. Facundo que lhe désse rapida noticia dos seus trabalhos archeologicos; e este, por fim, cedeu aos rogos, não sem pedir, com modestia real ou fingida, desculpa da aridez do assumpto e da sua propria incompetencia e inaptidão.

X

Historia dos Guanches.— Feitos de armas e casos de amor.—Heroismo extraordinario.— Uma civilisação primitiva

— Não farei mais do que tocar os pontos, a meu ver essenciaes, do assumpto interessante de que me occupo ha tempos, com sincera dedicação e entranhado amor — disse o erudito Primigenius em ar de exordio.—Poupar-lhe-hei, milady, o fastio das citações até onde poder; e buscarei, quanto possivel, entre as curtas, obscuras e vagas noticias que nos restam das antigas Affortunadas, aquellas que melhor possam esclarecer a primitiva historia dos povos que as habitaram, antes da cruel e devastadora conquista dos hespanhoes.

— Não quero importunal-o — acudiu lady Fly — por isso me não atrevo a pedir-lhe que não omitta

nenhuma informação, nenhum facto, nada emfim do que possa dar-me occasião de viver, em imaginação, com esses povos, que a pura poesia da naturesa devia inspirar. Os antigos habitantes da magestosa ilha, que temos diante de nós, decerto não estavam... corrompidos por essa coisa horrivel a que se chama hoje civilisação, não é verdade?

— De certo... — observou ironicamente o doutor Wearisome — de certo. Deviam ser candidos e poeticos selvagens, dignos da admiração... do enthusiasmo até de uma senhora... que é o mais perfeito modelo que conheço de melindrosa sensibilidade, de pureza de sentimento... que é emfim a quinta essencia da civilisação. — Estas ultimas palavras disse-as elle em tom respeitoso.

Milady não respondeu, e apenas fez um signal ao D. Facundo, como para lhe rogar que cumprisse a sua promessa.

— Tinham os primitivos habitantes das Canarias uma singela organisação social e politica; costumes simples e algumas crenças e tradições, que nos revelam, talvez, o segredo de uma civilisação que passou ha muitos seculos no mundo. Não eram selvagens — proseguiu o velho erudito — não eram selvagens de-

certo esses povos que souberam combater heroicamente os invasores da sua patria; e que, vencidos, receberam sem difficuldade as lições da doutrina christã, e buscaram imitar os costumes dos conquistadores, a quem muitas vezes se mostraram superiores em magnanimidade e em moral. São innumeros os factos que o provam. Os companheiros de Bettencourt, cavalleiro normando que primeiro invadiu alguma d'estas ilhas, encontraram nos povos que as habitavam, grandeza de animo, força, energia e notavel facilidade em se compenetrarem das idéas que traziam da Europa os conquistadores; sem com tudo se sugeitarem servilmente á sua pesada dominação, sem aprenderem a sua falta de lealdade e de nobresa. Dotes eguaes encontraram os hespanhoes nos indigenas das grandes ilhas que conquistaram. Por toda a parte o modo de ser e de sentir dos Gnanches não era de selvagens; embora fosse profundamente diverso do que dominava o espirito e dirigia as acções dos fanaticos invasores das Canarias. Guadarfia, por exemplo, o rei da ilha e Lançarote, que, por mais de uma vez, luctou com prodigiosa força e denodada ousadia pela sua liberdade, de que traiçoiramente o queriam privar os francezes que elle recebera como

amigos, veiu mais tarde a ser um bom chefe militar na conquista do Forteventura, e sobre tudo o organisador da agricultura n'essa ilha. A filha d'este chefe, notavel pela sua formosura e ainda mais pela sua intelligencia, veiu a casar-se com Maciote de Bettencourt, que o conquistador nomeara Vice-Rei.

Com Vidina, sobrinha do Rei de Galdar, na Canaria, casou outro fidalgo d'esta mesma familia de Bettencourt. A filha d'aquelle rei, a alva e loura Guayarmina, casou com o nobre castelhano D. Fernando de Gusmão. A bella David, filha de Bencomo, o heroe Guanche de Teneriffe, casou, depois da conquista, com um cavalleiro hespanhol. Muitos factos como estes podem citar-se para provar a aptidão intellectual, o desenvolvimento moral, a civilisação emfim dos primitivos habitantes d'estas ilhas. Na conquista da Grã-Canaria — proseguiu D. Facundo — houve successos que bem manifestaram a grandeza de caracter, a magnanimidade, a generosa nobreza de sentimentos d'esses, que cubiçosos e implacaveis conquistadores chamavam os barbaros.

— Conte-nos alguns d'esses successos — disse lady Fly com viva curiosidade.

— Por meados do seculo xv, ou pouco mais — disse

o erudito narrador — emprehendeu Herrera, senhor da parte conquistada das ilhas, uma expedição á Canaria, acompanhado por oitocentos portuguezes, commandados por Diogo da Silva. Fez-se o desembarque em Gandus, e foi pouco feliz o primeiro combate para os invasores. Então decidiu-se que o capitão portuguez fosse, com duzentos homens, desembarcar pelo outro lado da ilha, afim de surprehender os inimigos. Tenesor Semidan, rei de Galdar, a quem n'esse tempo animava ainda a esperança de manter a independencia da patria, cercou Diogo da Silva n'um bosque em que havia entrado com os portuguezes. Incendiado o bosque, viu Silva que só n'uma lucta desesperada podia, não achar salvação, mas ao menos encontrar morte gloriosa para si e para os seus. Encaminhou-se, atravessando uma elevada serra, para um campo que lhe ficava pouco distante. Attacados pelos guerreiros de Galdar, que vinham armados com dardos, lanças de páu endurecido ao fogo, machadas, faccas de pedra e pedras de arremeço, os portuguezes tiveram de retirar-se a uma especie de cercado de proporções cyclopicas, que ficava a pequena distancia, para ahi se defenderem. Dois dias quasi se passaram n'uma fadigosa lucta. Choviam as pedras, sibilavam continua-

mente as azagaias, crescia o numero dos inimigos; o cançaço, a fome e a sede consumiam as forças dos portuguezes. Já não havia esperança que os animasse; e a morte seria preferivel á prolongação de tão cruel angustia. Mandou Diogo da Silva os seus interpretes ao Guanarteme, era este o titulo dos reis na ilha Canaria, para lhe propôr capitulação. Não a queriam conceder os vencedores; mas Semidan, moderando o furor dos seus guerreiros, approximou-se de onde estavam os desgraçados portuguezes. Estes ouviram, maravilhados, do bom do Guanarteme palavras de comiseração e conforto. Ergueram-se porem de novo os clamores e ameaças da multidão, e o Guanarteme sentia não poder salvar os seus inimigos da morte ou do captiveiro. Então, por um rasgo sublime de nobilissima generosidade, aconselhou a Diogo da Silva que se apoderasse d'elle, e depois mandasse dizer aos guerreiros de Galdar, que tiraria a vida ao seu rei, se não deixassem livre o passo a elle e a seus companheiros. Seguiu o valoroso capitão, comovido e com as lagrimas nos olhos, o conselho do Guanarteme: mas quando tal viram os Canarios, prerromperam em gritos de furor, e assaltaram cegos de raiva a muralha, que aos portuguezes servia de defeza. Ap-

pareceu-lhes então Tenesor Semidan, para lhes dizer que, só com o fim de salvarem vida e liberdade, os portuguezes o tinham captivado. E, como visse que isto não bastava para socegar os animos irritados, ameaçou-os de severo castigo se continuassem a combater. Dois dias estiveram os portuguezes em Galdar, d'onde sairam acompanhados pelo proprio Guanarteme, que assim os salvou da morte.

Esta historia exaltou vivamente a sensibilidade de lady Fly. Durante um quarto de hora, as exclamações, os suspiros e até as lagrimas pozeram em risco a saude da nobre ingleza, e moeram a paciencia do dr. Wearisome. Lady Fly quizera que o tempo desandasse quatrocentos annos, para ir admirar Tenesor Semidan, o primeiro e o mais sublime dos heroes, na opinião d'ella.

— O que succedeu a esse grande homem, depois que os hespanhoes lhe conquistaram o reino? — perguntou por fim a ingleza. — Morreu n'uma batalha?

— Não foi tragico o fim do nosso heróe, milady, nem foi inquebrantavel o seu patriotismo — respondeu o D. Facundo. — Prisioneiro dos hespanhoes, levaram-no aos reis catholicos. A opulencia da corte, as grandezas da Hespanha deslumbraram-n'o, dando-lhe

a convicção de que os seus pobres ilheos, quasi nús, e armados do *Magote*, que era como que um espadão de ferro; de armas de pedra cortante, e de azagaias, não poderiam resistir ás lanças, aos montantes e ás armaduras de ferro dos seus inimigos. Baptisado por um cardeal, sendo seus padrinhos os reis de Hespanha, Fernando e Izabel, o vencido Guanarteme voltou para a Canaria, vestido á castelhana de seda e grã, para persuadir aos seus naturaes que se entregassem á clemencia dos monarchas hespanhoes.

Lady Fly fez um gesto de desgosto e desprezo, quando assim viu despoetizado o seu heroe: — A civilisação, com os seus farrapos e as suas vaidades, corrompeu o simples e nobre caracter do heroe! É sempre assim!

— Não se agaste, Milady — interrompeu o gordo doutor. — É essa a lei natural no mundo dos seres vivos: domina o mais forte sempre sobre o mais fraco.

— Não ha rasão para ter demasiada severidade com o pobre Fernando Guanartame. Não cessou elle de interpôr todo o valimento que tinha em favor dos seus antigos vassalos, armados contra o poder hespanhol; e mais de uma vez arriscou a vida para os convencer a que não proseguissem n'uma defesa infructuosa.

Mais tarde, na conquista de Teneriffe, obraram elle e Maninidra, um dos Guayres ou chefes militares de Galdar, grandes actos de valor. Terminada a conquista, foram concedidas em Teneriffe terras ao Guanarteme, que se casou com uma hespanhola e deu mostras de que tinha nas cousas da paz tanta aptidão como nas da guerra.

—Deixaram-se subjugar, escravisar sem resistencia, esses que eu suppunha heroicos filhos da natureza, ainda não polluidos pelo egoismo e pela cubiça?

—Não, milady — acudiu o illustrado defensor dos Guanches. —Houve, em defeza da liberdade e da patria, actos assombrosos de heroismo. Citarei alguns. Tazarte era um chefe dos ilhéos que em Galdar resistiam aos hespanhoes, já depois que o Guanarteme se fizera christão. Perdidas as forças n'alguns recontros, parte d'esses pobres canarios entregaram-se ao inimigo. O seu chefe Tazarte, ao vêr tal defecção, correu a um pricipicio e despenhou-se por elle. Pouco depois, ao concluir-se a conquista da Grã-Canaria, os dois chefes dos ilhéos, suicidaram-se tambem; lançando-se, abraçados um ao outro, do cimo de uma serra. Alguns Guanches deixaram-se morrer de fome, para escapar á escravidão. Não foram menos heroicas

as mulheres. Ha na Canaria um pricipicio, a que se chama ainda o penedo das mulheres, porque ali se suicidaram duas, para não cairem nas mãos dos inimigos. Poderia — proseguiu Primigenius — multiplicar os exemplos de grandeza d'alma dos povos, desgraçados mas nobres, que habitavam estas ilhas antes da conquista; mas bastam estes, creio, para provar que não eram selvagens embrutecidos, antes eram dignos de ser cantados por um novo Homero, os heróes que pereceram pela espada esterminadora e pela implacavel crueldade de guerreiros que se chamaram Catholicos. São, me parece, indiscutiveis as provas da minha these «de que os povos, que habitavam as Canarias, eram os representantes de uma antiga *civilisação*...» Perdoe-me o termo, milady, porque, para mim, civilisação não significa nem egoismo, nem baixesa, nem vaidade, nem cobiça, nem ignobil materialismo, nem paixão ou sentimento que possa abater e desmoralisar a humanidade. — E, cobrindo a censura com um sorriso amavel e um movimento respeitoso de cabeça, proseguiu: — Havia n'aquelles povos crenças elevadas; sobre tudo nos que, a meu ver, representavam em sua maior pureza as raças primitivas; n'os habitantes das ilhas Teneriffe e Canaria.

— Pois havia mais de uma raça nas ilhas? — perguntou o doutor, manifestamente interessado na sabia dissertação do erudito archeologo.

— Havia... duas, pelo menos, havia de certo — respondeu este. — Mas ambas, pelos usos, pelas armas e até mesmo pelas crenças, facil é reconhecel-o, representavam uma epoca remotissima do desenvolvimento social e moral da humanidade.

XI

Dissertação de Primigenius — Considerações sobre a historia da terra e as transformações dos seres vivos — Interrupção de Mr. Pasl, auctor das «*Harmonias da chronologia antidiluviana*» — Briga de dois sabios.

São largas as horas no mar. Quando está ancorado o navio; quando todo o movimento, toda a actividade, todo o ruido cessaram a bordo, e, a pequena distancia, se vê a terra, onde se deseja e se não pode desembarcar, ainda é mais vagarosa a marcha das horas. Então, tudo serve de passatempo; o mais singello incidente toma as proporções de um acontecimento; o successo mais indifferente é ja um espectaculo; o palreiro mais fastidioso parece ameno e chistoso conversador; o mais pesado e indigesto livro passa por leitura variada e fructuosa.

Alguns dos passageiros, de quem o largo colloquio, principalmente sustentado por D. Facundo Primigenius, attraira a attenção, e que podiam intender e dar apreço ás palavras do archeologo, haviam-se-nos acercado.

O velho erudito tinha já um verdadeiro auditorio; e, como não era inaccessivel ao amor-proprio, sentia-se naturalmente levado a fallar com maior entono, e a expressar-se de um modo mais grave e emphatico. O que era modesta conversação, tomou quasi as proporções de uma *conferencia scientifica;* formula moderna de desfechar sobre resignados e indefensos ouvintes sonoras banalidades, abstrusos paradoxos, ou doutrinas deleterias, sem perigo de ser contradicto, antes com fundadas probabilidades de ser applaudido.

D. Facundo Primigenius disse, pouco mais ou menos .....

Se eu soubesse que o leitor estava n'uma d'essas situações, em que *matar o tempo* é a maior das necessidades; em que se deseja com impaciencia gastar essa tela de que é feita a vida, e que, uma vez gasta, se não torna a renovar; então repetir-lhe-hia desafogadamente quanto disse o meu erudito amigo, com applauso de quantos o escutavamos: dar-lhe-hia mesmo

noticia das interrupções que nos permittimos fazer-lhe e das sabias respostas com as quaes elle nos tirou todas as duvidas e nos desfez todos os escrupulos. Como, porém, não estou certo de que o leitor queira *matar o tempo*, e receio acima de tudo perder a sua benevolencia, darei só o *extracto da sessão*, reproduzindo, o melhor que poder, as idéas do phantasioso antiquario.

O D. Facundo disse aproximadamente o seguinte:

«Assentemos antes de tudo algumas verdades.

«O mundo é velho; e velha é tambem a humanidade.

«Tudo está constantemente variando. Só são permanentes as leis geraes que Deus fez, ao crear o Universo, para presidirem á evolução sucessiva dos mundos, e ás multiplices transformações da materia.

«O que a nós, pobres seres que passamos um instante sobre a terra, nos parece immutavel, está-se constantemente transformando. O chão treme-nos sempre debaixo dos pés: tendendo, ora para se esconder nas aguas, ora para d'ellas surgir. Os continentes, as ilhas, os mares, os rios caudelosos, as montanhas, cujos pincaros se erguiam acima das nuvens, as vastas planicies, que pouco excedem o nivel das aguas... tudo, tudo muda a cada momento, tudo se desloca, tudo

oscilla. E nós apenas nos apercebemos d'esses movimentos prodigiosos, observando os vestigios que d'elles deixaram os seculos na crusta do globo, ou presenciando um d'esses cataclysmos, grandes para nós, que por vezes nos assombram e nos enchem de pavor, porque arrasam algumas cidades ou submergem nos mares alguns milhares de homens.»

O auditorio deixou ouvir um murmurio de approvação: uns, porque intenderam, outros, exactamente pelo contrario. Lady Fly soltou com enthusiasmo um accentuado «muito bem». O orador tomou com sofreguidão uma pitada, sacudiu o peitilho da camisa automaticamente, e proseguiu:

«Quantos seculos tem a terra? Não o pode dizer ao certo a sciencia; mas, revolvendo os archivos, em que a natureza escreveu a historia d'este nosso planeta, facil é reconhecer que... *cem milhões d'annos* é periodo sufficiente apenas para dar admissivel interpretação a taes documentos.

— De que archivos falla elle? — exclamou, dirigindo-se ao dr. Wearisome, um velho vestido de negro e de gravata branca, que tinha nos gestos e na physionomia todos os caracteristicos de um encanecido e mumificado investigador de documentos velhos.

Era mr. Past, um sabio theologo, que havia trinta annos trabalhava n'uma obra sobre as «Harmonias da chronologia anti-diluviana.»

O erudito dissertador ouviu a pergunta, e, interrompendo a sua flammante exposição, respondeu-lhe n'uma larga e curiosa digressão, em que expoz os factos mais notaveis, sobre que assentam os principios essenciaes da geologia moderna. Fez ver como, á superficie da terra, se encontram provas evidentes de que vastos tratos de terreno, que hoje formam parte de continentes e ilhas, estiveram por larguissimos periodos no fundo de mares e de lagos antigos: de que as extensas e elevadas serranias foram, em outros tempos, levantadas pelas forças subterraneas, em mais ou menos rapidos, mais ou menos violentos abalos; de que a lenta e successiva acção das aguas cavou os vales e cortou as montanhas; de que na embocadura dos grandes rios, com o decorrer dos seculos, se formaram espessas massas de depositos terrosos, onde quasi se pode ler a chronologia d'algumas das edades do mundo. Deu depois uma clara e pittoresca noticia das multiplices e profundas transformações por que teem passado os seres vivos. Pintou, em seguida, as paisagens, compostas de uma vegetação de estra-

nhas formas e de exuberancia extrema, com que se adornou a terra, em epochas que foram como os longos estios das estações cosmicas por que ella tem passado; e descreveu a desolação e funebre aspecto d'essas epocas, em que, fria, deserta quasi, envolta em massas de gelo, a terra atravessava, como entorpecida, como morta, os seus invernos longos de muitos centenares de seculos. Em quadro resumido, mas vigoroso e cheio de verdade, expoz em fim o sabio, a historia das especies animaes na successão dos tempos; e mostrou a marcha sempre progressiva da natureza, pelo aperfeiçoamento das formas, pela harmonia das relações entre os organismos vivos e as condições physicas do globo, pela vida e pela morte, pela extincção de uns seres e a creação mysteriosa de outros: «Sim, senhores, — disse o orador ao terminar a sua digressão — os terrenos que observamos, e nos quaes umas vezes se veem grandes massas de rochas cristalinas, outras se distinguem camadas, mais ou menos espessas, sobrepondo-se regular ou irregularmente umas ás outras, formam um verdadeiro archivo de preciosos documentos, em que podemos ler a larga historia da terra. Para interpretar taes documentos é necessario ser superior a preconceitos, e não suppôr

aos successos passados causas diversas d'aquellas que produzem os actuaes successos. Vistos á luz da moderna sciencia, a qual é, não o duvidemos, uma verdadeira conquista do senso commum sobre as vagas ousadias da sciencia velha, que soffria de vertigens á beira dos abysmos insondaveis do *maravilhoso* — vistos á luz da moderna sciencia, esses vestigios das transformações da crusta do globo dão-nos meio de dividir em distinctas epochas a longa existencia da terra. Não chegará o espirito investigador dos sabios a medir, aproximadamente, em seculos a duração d'algumas d'essas epochas geologicas? Eu creio que sim: e já existem ensaios... felizes, que destroem pela base as falsas doutrinas d'aquelles, que buscam, em phrases confusas e incoherentes de antigos livros, os fundamentos de uma chronologia pequena e mesquinha, para n'ella comprimirem a historia do mundo e a historia da humanidade.

Estas ultimas palavras pronunciou-as D. Facundo Primigenius com intensão manifesta de provocar o auctor das *Harmonias da chronologia antidiluviana*. Este mostrou-se irritado e offendido. Travou-se uma disputa entre os dois sabios, a qual, depois de se azedar rapidamente, ameaçava terminar talvez por

argumentos *confundentes*, se lady Fly não interviesse.

— Basta! basta! — clamou ella. — Ficaremos surdos, mas não saberemos de certo quem tem rasão. Basta! Fique esta discussão, mr. Past, para quando voltar da sua viagem ao Oriente. Basta! Desejo ouvir a historia dos poeticos Guanches e não assistir a uma disputa de eruditos; basta D. Facundo! basta mr. Past!...

Mr. Past tinha grande respeito por todas as ladies, e em especial por lady Fly. D. Facundo estava ancioso por continuar a disfructar os applausos do auditorio.

A disputa entre os dois sabios acabou. Lady Fly, satisfeita do seu rapido triumpho, deu apertados *shake-hands*, a cada um dos contendores.

XII

O mundo é velho — Apparece o homem, que foi sempre o que é hoje — Eruditissima dissertação que faz somno

«É velho o mundo, — disse o D. Facundo, — e é velha tambem a humanidade, como ha pouco affirmei.

«Os que procuram nas tradições escriptas, as bases dos seus calculos sobre a epoca do apparecimento do homem na terra, mal podem descriminar as relações dos tempos, e ainda menos fixar datas, constituir um quadro chronologico... acceitavel.»

Mr. Past teve de fazer um esforço supremo para não interromper o sabio Primigenius; e foi necessario um sorriso de milady para o consolar do que elle julgava nova humilhação. Seguro de que o seu rival estava fóra do combate, proseguiu o incensuravel discursador, pouco mais ou menos, nos seguintes termos:

«Para alem da historia veiu a geologia demonstrar, que houve um periodo de muitos mil annos em que o homem povoou a terra, e n'ella deixou monumentos de uma poderosa, ainda que simples e rude, civilisação; vestigios da sua industria; signaes pavorosos da sua ferocidade. Provas de que já então, como hoje, podia progredir e transformar-se ou cair socialmente em decadencia e extinguir-se:

«Á medida que alarga as suas conquistas sobre a natureza, que domina as forças physicas para as fazer trabalhar em seu proveito, o homem cresce em poder e cresce parallelamente em faculdades intellectuaes. Emancipa-se cada vez mais da escravidão que sobre elle fazem pezar, como sobre todos os seres vivos, as necessidades da organisação, e as acções permanentes e incançaveis que trabalham no mundo em destruir e em crear, isto é, em transformar perpetuamente a materia. A ambição de dominar é insaciavel no homem; e essa ambição é ao mesmo tempo a causa do progresso e a origem da corrupção da humanidade. Para lutar com a natureza o homem necessita trabalhar. Não basta o trabalho physico, é preciso o trabalho intellectual; é este que assegura a grandeza do homem. Sem elle, todos os seus esforços bastariam apenas para

o livrarem da prompta destruição, para o preservarem da morte pela fome e pela miseria. É uma opinião estulta, brutal, e aviltante a que só considera trabalho, trabalho proficuo, trabalho respeitavel, o dos que empregam as forças musculares. Admittido isto, valeria mais o boi do que o homem; valeria mais o elefante do que o boi. Não, não pode admittir-se uma tal doutrina. O homem marca um grande progresso no desenvolvimento successivo da vida á superfice da terra, porque póde, pela intelligencia, dar constante e indefinido impulso ao seu proprio aperfeiçoamento.»

Estas palavras mereceram o assentimento de lady Fly, e do dr. Wearisome. Mr. Past mesmo meneou a cabeça soltando um grunhido expressivo. O resto do auditorio bocejou, mas deu signaes de estar disposto a escutar o velho erudito, com resignação. Houve, porém, uma voz feminina que disse em meio tom e com impaciencia: Quando nos fallará aquelle senhor dos antigos habitantes das ilhas, papá? Tinha curiosidade de saber d'onde vieram... mas... — um bocejo longo e significativo terminou a phrase.

— Esperemos — respondeu uma voz de homem.

Ouvindo estas palavras, apezar de pronunciadas a alguma distancia e em voz pouco elevada, o D. Fa-

cundo, que não queria cançar a paciencia da assembléa, pronunciou algumas palavras para desculpar as suas frequentes digressões, e prometteu restringir-se o mais possivel ao assumpto sobre o qual a *illustrada e talentosa* lady Fly mostrava desejo de o ouvir.

Lisongeada pelo que lhe dizia homem de tanta sciencia, que até parecia saber anno por anno a edade da terra; incitada ao mesmo tempo pela curiosidade, Milady pediu, com viva instancia, ao erudito discursador que completasse a exposição das suas doutrinas, ácerca dos tempos, em que ainda era singela e innocente, joven e poetica a humanidade.

D. Facundo Primigenius obedeceu, não sem lançar um olhar, entre timido e supplicante, ao resto do auditorio.

XIII

Continua a dissertação — Vai o homem acabar a golpes de erudição — Briga o auditorio e vai tomar chá

—«A intelligencia é a força; a grande, a creadora, a incommensuravel força do homem! Pobre, fraco, indefeso, nú, miseravel como constituição physica, o homem é, como ser intelligente, o mais perfectivel, o mais forte, o mais poderoso, o mais feliz dos seres vivos. Cada um dos seus progressos é o resultado de um descobrimento do seu espirito, e não d'um esforço dos seus orgãos. Estes são instrumentos que obedecem; a razão manda-os, e ao mesmo tempo ensina-lhes a aperfeiçoarem-se, a robustecerem-se e a multiplicarem-se. O que é o braço do homem sem o instrumento para o trabalho, sem a arma para a defeza?

«O que vale a força do homem sem as forças natu-

raes que elle domina?—Poderá elle, corpo a corpo, vencer e subjugar muitos dos animaes que o servem como machina e lhe obedecem cómo escravos? Haveria nos orgãos do corpo humano aptidão para rasgar o seio da terra e desentranhar d'ali as riquezas infinitas com que elle busca saciar a sua ardente cubiça? E que valeriam a sociedade e a civilisação, no dia em que o homem só obedecesse aos seus brutaes instinctos de animal e não escutasse a voz da consciencia, que lhe falla do dever, que lhe ensina as leis moraes, que lhe prova a cada instante a existencia de Deus.

«É na razão e na consciencia que está a medida exacta da civilisação do homem; é dos seus descobrimentos que lhe vem a força, com que elle pode alcançar progressivo desenvolvimento por meio de conquistas incruentas feitas sobre a natureza. Quando é perfeita a harmonia entre o poder physico de que uma sociedade humana dispõe e o gráo de elevação da sua intelligencia e o estado de pureza da sua consciencia, então pode haver felicidade, paz, moralidade, virtudes n'essa sociedade. Quebrada essa harmonia não ha mais que cruciantes angustias; ambições insaciaveis, fanatismo cruel ou materialismo abjecto; guerra e corru-

pção. Para conhecer a civilisação d'um povo é preciso não estudar só o estado da sua industria, o desenvolvimento da sua sciencia, a perfeição das suas artes, a sua elevação intellectual, o seu poder politico e militar, a sua grandeza apparente, mas prescrutar tambem com incansavel cuidado a harmonia que ha entre o seu desenvolvimento physico e o seu desenvolvimento intellectual, entre o seu estado social e a sua consciencia, entre o seu poder e a sua moralidade. Ahi, ahi n'essa harmonia está a verdadeira civilisação!»

Dirigindo-se a lady Fly, accrescentou, com vivacidade, o incansavel discursador:—Isso que nós chamamos hoje civilisação, Milady, é uma civilisação falsa como a da antiga Roma.

Falta a harmonia entre as conquistas materiaes e as da razão e da consciencia. O termo de uma tal organisação social será uma agonia longa, entre successivos e tremendos cataclysmos. Depois... quem pode dizer quaes serão os destinos da humanidade?—Não é uma das leis eternas da natureza a substituição de umas a outras formas organicas, á medida que se transformam as condições da terra? Não envelhecem e morrem os povos, como envelhecem e morrem os individuos? Não é o chão que pizamos constituido, em

grande parte, dos restos dos seres que ha muitos seculos morreram, de especies que duraram largos periodos e depois se extinguiram?...—Quanto tempo poderá ainda existir o typo humano sobre a terra? Por quantas transformações moraes e physicas terá elle de passar antes... de concluir a sua missão? Eu bem sei que estas minhas opiniões — opiniões confusas mesmo no meu espirito — podem levantar graves e até apaixonadas e violentas objecções; mas seja-me licito lembrar que muitas variedades do homem, no sentido historico-natural, teem desapparecido com a alteração das condições no meio das quaes se constituiram e existiram por longos seculos. Quem ignora os destinos dos antigos imperios que se extinguiram e de povos que, depois de dominarem, apenas deixaram de si vestigios mal definidos? Quem não sabe que, alem das crueldades estupidas, dos horriveis actos de exterminio praticados por nações que se dizem civilisadas e christãs, outras causas mysteriosas tem ido destruindo os desgraçados povos que habitavam as vastas regiões da America, da Africa, da Oceania, onde aquellas nações estabeleceram as suas colonias?

A nossa civilisação não sabe fazer proselytos entre

os homens simples que ella chama selvagens; consegue apenas fazer escravos; não cathechiza com a sua doutrina, corrompe com os seus vicios; não conquista com o poder da sua moral, extermina com a violencia dos seus crimes.

Os Hespanhoes exterminaram, com a espada e a cruz na mão, a America do sul, deixando apoz si sangue e ruinas: era o fanatismo que os guiava. Os Inglezes estabeleceram-se na America do norte e na Oceania, levando comsigo a Biblia e o arado, e destruiram sem piedade os miseraveis e quasi sempre inoffensivos selvagens. Insaciavel e feroz cubiça tem sido quasi sempre o movel das acções dos povos conquistadores.

O desapparecimento dos povos primitivos, que habitavam os territorios invadidos pelos colonos europêos, pode, é certo, explicar-se em grande parte, pela acção destruidora, pela cruel ferocidade d'esses, que se crêem representantes da mais elevada e pura forma da sociedade humana; é, porém, manifesto que uma outra causa, puramente fatal, tem aniquilado esses povos rudes e, por assim dizer, de organisação incompleta. Essa causa é a sua inaptidão para a vida, como nós a praticamos; para as formas sociaes e modo de ser, de pensar, de sentir, que constituem a nossa incom-

pleta e valetudinaria civilisação. Cada ramo da immensa arvore genealogica da humanidade, preenchidos os seus destinos para os quaes tudo, n'elle e fora d'elle, parece dispor-se harmonicamente, acaba por seccar, por se extinguir; deixando umas vezes fructos que aproveitam á evolução indefinida do progresso, outras vezes deixando só triste memoria da sua esterilidade.

Mal o erudito antiquario parou, para tomar folego, assaltaram-no de todos os lados rigorosas reclamações. Queria um defender a civilisação europêa dos vicios e crimes que lhe haviam sido imputados; outro esforçava-se por demonstrar a inferioridade moral e intellectual dos povos selvagens; este advogava a favor do principio do progresso indefinido; aquelle celebrava os esplendores da sociedade moderna; algum levantou a voz, para proclamar os principios materialistas, corruptos e barbaros, das escolas socialistas; não faltou quem buscasse assentar a doutrina da quéda e corrupção moral do homem que, puro, perfeito e sem macula saira da mão do Creador. Todos, menos o dr. Wearisome, protestaram inergicamente contra a ideia de que a especie humana podesse um dia desapparecer da face da terra, como tantos milha-

res de outras especies de animaes — alguns contemporaneos do homem — tem desapparecido já na larga successão dos seculos.

Travou-se viva discussão. A principio todas as opiniões pareciam adversas ao D. Primigenius; apenas o dr. Wearisome lhe dava um frio assentimento e lady Fly o animava com algumas ciciantes exclamações. Foram, porém, taes e tão numerosos os argumentos scientificos que o erudito archeologo adusiu a favor da sua these; tantos exemplos citou de especies animaes robustas, vigorosas, colossaes, que se tinham extinguido, depois de haverem cohabitado nas mesmas regiões e até nas mesmas cavernas com o homem; tal copia de factos narrou, como prova de que ramos bem caracterisados do genero humano haviam desapparecido, depois de terem percorrido largos cyclos de civilisação mais ou menos rudimentar, que, por fim, muitos dos que se mostravam mais ardentes em impugnar-lhe as opiniões começavam já a sentir-se não convencidos, mas vencidos.

A victoria podcria scr completa se o signal para o chá, que a bordo do Charity era uma melodia ingleza n'uma sonóra rabeca tocada por um Steward melomano, não viesse pôr harmonico termo á discussão.

XIV

A cidade de Santa Cruz — Um jardim abandonado e um castello com saudades — Os enthusiasmos de lady Fly — Lady Fly cançada.

A cidade de S. Cruz de Teneriff está situada no fundo de uma larga bahia.

Formia a praia, estreita e pouco accessivel, uma curva bastante regular, limitada de um e outro extremo por elevados promontorios de triste e desolado aspecto. A cidade, de uma alvura deslumbrante quando o sol dardeja sobre ella seus vivissimos raios, estende-se ao longo da praia, parecendo encerrada no estreito ambito de altos e escabrosos montes, que formam em torno d'ella um circo de abruptos precipicios. São aridos, asperos, sombrios os penhascos que sobem, encastellados uns sobre os outros, do mar até a

serra; e raro apparece, por entre as fendas das rochas, pobre e nua vejetação de plantas espinhosas ou gordas, caracteristicas do clima africano.

A pequena cidade tem uma physionomia andaluza perfeitamente accentuada. Ruas estreitas, casas com janellas de rotula, portal sombrio, pateo central de lajêdo, com poço no centro e por vezes alguns vazos de flores em roda: no pateo varandas corridas em cada andar, com peitoril de pau mais ou menos arrendado: açotéas e miradouros elevados, em forma de torre: egrejas, ermidas, capellas, nichos a cada canto: grande massa de antigos conventos dominando todas as construcções, e, na praça principal, a que os patriotas pozeram o nome de Praça da Constituição, um monumento de marmore de Carrara representando a apparição da Virgem de Candelaria aos reis guanches.

A casa de D. Facundo Primigenius ficava em frente de pequeno passeio situado á beira mar, onde algumas arvores, sem vigor, resistem a custo aos ardores do sol e ás violencias do vento, para offerecerem aos habitantes de Santa Cruz uma exigua sombra, de que elles parecem pouco dispostos a aproveitar-se.

Prezo entre grades, o pobre passeio da cidade deve sentir-se afflicto pela sua solidão; sobre tudo vendo o

movimento, a actividade, a alegria e o reboliço que vai sempre no bello e extenso molhe, que proximo d'elle entra pelo mar dentro a buscar as frescas brizas e a convidar os navegantes á aguada, ao trafico e á alegria.

Ali, ao molhe de Santa Cruz, affluem todas as actividades da ilha. O commercio e a agricultura, a vida intima e a vida externa, os desejos, as esperanças, os calculos, os sonhos, a virtude laboriosa e grave, o vicio imprevidente e chocarreiro, tudo quanto anima, quanto interessa, quanto influe mais ou menos directamente na população de Teneriffe, converge para o molhe de Santa Cruz. É o mercado, a praça do commercio, o passeio, o *forum*, o emporio da cidade.

Estão no molhe e nas suas cercanias, as mulheres do campo, de mantilhas de lã de côres vivas e chapeus de palha ou de feltro, vendendo em brancas gigas de vime as prateadas bananas, as douradas laranjas, as doces tamaras, os perfumados morangos, os aromaticos ananazes, os sumarentos pecegos, as natosas anonas, emfim todos os fructos dos tropicos e todos os da Europa meridional; e com elles o leite, o queijo, o pão e as flores rescendentes e variegadas. As bufarinheiras do porto, alegres, ligeiras, azougadas; vestido curto

de chita de ramagem, chinelas na ponta do pé, mantilha de caça branca fluctuando por baixo do ligeiro chapeu de palha; deslisando-se rapidamente, para ir pela cidade e pelas aldeias proximas expôr á admiração do publico as suas mercancias e, ainda mais, uma bocca toda sorrisos e graça, uns olhos negros que lançam chispas luminosas.

Graves negociantes, de apparencia mais ou menos britannica, ajustam, mesmo ao pé do caes de embarque, as suas transacções sobre vinhos e cochonilha com lavradores, cujos trajes pittorescos contrastam com o desgracioso vestuario europeu, em que elles envolvem a sua importancia politico-commercial. Por entre toda essa gente que compra e vende, que se agita e trafega, passeiam as senhoras de mantilha de renda e de saia de seda; andaluzas formosissimas, ligeiramente bronzeadas pelo sol da Africa, a quem um ar inebriante e carregado dos effluvios de uma natureza sempre amorosa deu uma languidez suavissima, uma *morbideza* que enamora. Com o movimento dos leques de mil côres, que adejam sem descanço, atrahem á roda de si, essas bellas ilhoas, guapos cavalheiros, que buscam captival-as, imitando os trajes e os gestos dos elegantes madrilenos. Ao sussurro das conversações

e dos risos, ao ruido das contestações e dos pregões das vendedeiras, junta-se a cada instante o sonoro e compassado tintinar das campainhas que acompanha a marcha lenta e pesada das longas recuas de camellos. As seguidilhas garganteadas ao som da guitarra vem, por vezes, completar a *cór local* d'aquelle animado e pittoresco quadro.

Da sua triste e empoeirada solidão, o arido passeio contempla aquelle animado espectaculo, e de certo se deixaria seccar de todo, se não tivesse, como tem, ao pé de si um companheiro de infortunio. Ao lado do molhe, posta tambem á beira mar, a fortaleza de S. Christovam ostenta a severidade de um castello de lenda ou de romance phantastico. É todo de cantaria, ennegrecida pelo tempo, o castello de S. Christovam. Coroam-n'o ameias arrogantes, por entre as quaes a artilheria parece estar, não ameaçando, mas espreitando com magoa o pacifico viver da cidade e do porto. Aquella pesada e funebre massa de pedra, cuja edificação se concluiu em 1579, parece estar rememorando seus passados dias de gloria, quando defendia a ilha e os galeões da Hespanha que n'ella buscavam abrigo da avidez das frotas inglezas.

Extranho a tudo quanto o cerca, o castello recorda,

em silencio e com dignidade, passadas grandezas que o ingrato povo de Teneriffe esqueceu ha muito. O passeio lamenta, agitando convulsivamente os rachiticos ramos de suas arvores infezadas, que o abandonem aquelles a quem elle abre as suas portas, sem elegancia, mas sinceramente hospitaleiras.

Da janella principal da casa de D. Facundo Primigenius, janella ornada de largo balcão de madeira entalhada, do qual se erguiam ligeiras columnas que sustinham um gracioso caramanchão de trepadeiras em flôr, admiravamos — lady Fly, o dr. Wearisome e eu — a belleza do mar, a pureza do ceu e o movimento da gente que ia e vinha da cidade para o molhe e do molhe para a cidade. Lady Fly estava enlevada na formosura do quadro, para ella cheio de novidade e de encanto, que tinha diante de si.

As exclamações succediam-se umas ás outras, cada qual mais sorvida e gutural; e, como lhe não bastassem as exclamações, a esgrouviada lady, recorria aos gestos e aos risos, aos menéios exagerados de cabeça para manifestar o seu enthusiasmo. Ora levava aos olhos uma miniatura de oculo para analysar algum detalhe; ora o abaixava para gozar em cheio do variado panorama; agora pedia informações ao D. Fa-

cundo com quem tomara grande familiaridade, e logo explicava ella propria, com uma verbosidade adocicada, as suas rapidas e variadissimas impressões.

Cançou-se por fim de ver, de perguntar, de dizer, de gesticular e de exclamar, a nervosa ingleza.

Entrou para a vasta sala, ou antes livraria e museu archeologico, em que o D. Facundo nos tinha recebido; e, caindo n'uma cadeira, ficou por alguns minutos absorvida na muda contemplação dos seus proprios devaneios.

XV

O museu de D. Facundo — A vida dos Guanches — Um museu e um cemiterio

Lady Fly levantou-se, passados instantes, com aquella violencia de móla que salta, caracteristica de todos os seus gestos e movimentos. Atrahia-lhe a curiosidade um gabinete, archeologico e prehistorico, ao lado da sala, aonde se viam, além de numerosos exemplares de pequena importancia, consideravel numero de facas, pontas de lanças e outros objectos, feitos da bella pedra negra e vitrosa, que se chama *obsidiana;* clavas de pau, algumas das quaes, reforçadas na parte mais grossa por pedras cortantes; machados admiravelmente talhados e polidos, tambem de obsidiana; longas lanças e azagaias de madeira endurecida ao fogo; pequenos escudos redondos de madeira de *drago;* pun-

ções, agulhas e anzoes de osso e espinhas de peixe; duas ou tres vasilhas de barro de forma bastante perfeita; arpões dentados de osso e palmeira; aguçadas pontas de cabra, presas por correias a hastes curvas de madeira em forma de timão d'arado; collares de conchas e contas de barro cylindricas; pelles bem curtidas e tintas de côres bastante vivas; uma atafona composta de duas grosseiras mós de pedra vulcanica, uma fixa, outra movel; e, finalmente, no logar d'honra, um osso de braço humano em parte coberto de camurça e uma caixa longa de cedro, contendo uma secca e bem conservada mumia de guanche, envolta em pelles.

Ao ladò d'estes restos humanos jazia uma enorme pedra em forma de hotija; e, por cima, penduradas na parede, uma cruz de metal e uma enorme espada.

Lady Fly quiz saber a historia, o uso e o valor de cada um dos curiosos exemplares da industria dos primitivos povos das Canarias, que enriqueciam o museu do antiquario; e este, com incansavel complacencia, respondeu a todas as perguntas da nobre ingleza em eruditas e interessantes dissertações. Os museus de historia natural são verdadeiros cemiterios, onde se expõem ostentosamente e como riquezas preciosas

os despojos empalhados, seccos, ou mutilados de entes que viveram, que se expandiram á luz do sol, que sentiram as suaves vibrações da força creadora da natureza, e que a morte surprehendeu, como uma catastrophe inexperada.

Só podem entrar ahi, sem experimentar pelo menos uma vaga tristeza, os sabios para quem a vida é um accidente da materia e a morte um facto essencial da incessante actividade da natureza; e os tolos, para quem a vida não é mais do que o espectaculo grutesco de uma lanterna magica, e a morte o momento inopportuno, em que a luz da lanterna se apaga.

Para quem não tem a fortuna de ser, nem de todo sabio, nem de todo tolo, é o museu de historia natural um dos funebres logares, que o homem póde frequentar... por divertimento.

Nos museus archeologicos são ainda mais tristes as impressões do homem, que não se deixa totalmente dominar pelas transcendentes preoccupações da sciencia, ou não se entrega á pueril curiosidade, que só busca a forma, a côr, a materia, o valor dos exemplares, que enriquecem as collecções.

Aquelles, para quem a curiosidade é pouco e para quem a sciencia é muito, aquelles, que não sabem com

a razão dominar o sentimento, não podem vêr no museu archeologico objectos, que representam os habitos, as paixões, as crenças, a actividade das gerações que passaram, sem pensar nas relações que tiveram com estes objectos homens que viveram, sentiram penas, alegrias, esperanças ou desenganos, trabalharam, amaram e uniram a sua existencia a seres que lhe eram caros; homens, emfim, que foram como nós somos e que esculpiram as formas do seu pensar e do seu sentir nos productos, grosseiros ou primorosos, pobres ou ricos, vulgares ou sublimes do seu trabalho.

Os toscos e grosseiros utensilios, as armas e outros objectos de uma simplicidade primitiva, que encerrava o museu, que o archeologo de Teneriffe nos estava mostrando, com tanta complacencia como verdadeira erudicção, pintavam ao vivo a pathetica historia dos Guanches.

Estava ahi, fielmente representada, a singeleza dos costumes d'aquelles povos primitivos, que não conheciam as artes, que apenas sabiam cultivar a terra, e dos rebanhos tiravam a sua quasi exclusiva riqueza; que fiavam da prodigiosa força de musculos, robustecidos por continuados exercicios, o seu poder na paz e na guerra; que conservavam em poeticas narrativas,

com as memorias da familia e da tribu, vagas tradições de uma origem remotissima, não esempta de maravilhas; que mantinham, inalteravel, o respeito dos mortos e a crença em Deus. Emfim quanto podia dar ao espirito a viva intuição de uma existencia social, pura e quasi sublime na sua rude singeleza, estava reunido methodicamente n'aquelle recinto, onde o sabio antiquario accumulara todos os fructos das suas laboriosas explorações.

XVI

Um guanche de hoje — Aguahuco vestido de rei — Lady Fly morta de riso

Como quasi todos os homens sinceramente devotados a um estudo, a um systema, a uma idéa, tinha D. Facundo Primigenius um admirador constante; um auxiliar incansavel; um adepto tenaz, intransigente, sem restricções; um amigo fiel, para quem a palavra do antiquario era tudo, que pensava pela cabeça d'elle e sentia mais do que elle ainda as alegrias de qualquer descobrimento feliz, quer d'um exemplar archeologico, quer d'um argumento poderoso em favor das doutrinas que ambos professavam. Tinha-se por descendente dos principes guanches o sr. D. Praxedes Aguahuco. Era um homem ainda novo, extraordinariamente alto, robusto, musculoso, ornado d'uma com-

prida barba ruiva, e a quem se podiam quasi applicar os versos, em que o bacharel Antonio de Viana descreve o rei Bencomo no seu singular poema intitulado «*Antiguedades de las islas Afortunadas de la Gran Canarea, Conquista de Tenerife, y aparecimiento de la ymagen de Cândelaria*» publicado no anno de 1604 em Sevilha.

Diz assim o poeta:

De cuerpo era dispuesto y gentil hombre
Robusto, corpulento, qual gigante,
De altor de siete codos, y aun se dice
Tenia ochenta muelas, y otros dientes,
Frente arrugada, calva y espaciosa,
Partida la melena, poca y larga,
Rostro alegre y feroz, color moreno,
Negros los ojos, vivos y veloces
Pestañas grandes, de las cejas junto,
Nariz en proporcion, ventanas anchas,
Largo y grueso el bigote retorcido,
Que descubria en proporcion los labios.

Não tinha, diga-se a verdade, D. Praxedes Aguahuco oitenta dentes, mas, no mais, era o vivo retrato do seu ascendente Bencomo; e por isto o leitor ficará fazendo idéa da impressão que nos fez — aos que es-

tavamos no museu de D. Facundo — a entrada de seu collossal amigo.

Nas apresentações do estylo, houve-se Aguahuco como um selvagem bem educado. Lady Fly, ao saber que elle era ou pretendia ser um descendente dos reis Guanches, quasi que lhe saltou ao pescoço; o pudor inglez impediu-a, porém, a tempo de commetter esse desacato. Shocking!

—Está completa agora a minha collecção — disse em tom jovial D. Facundo, com grande satisfação de D. Praxedes. —No meu amigo Aguahuco tenho eu um exemplar precioso d'essa raça forte e primitiva, d'essa raça da edade da pedra que povoou a velha Atlantida. Ao ver D. Praxedes Aguahuco, está-me parecendo sempre que a minha preciosa mumia Guanche, bafejada pela vida, animada pela força primitiva da casta natureza, se ergue do seu caixão de cedro, para me contar a poetica historia dos Guanches e a sua fatal destruição; ou para me descrever como, em convulsão tremenda, se rasgou a terra para d'ella erromperem as lavas devastadoras dos volcões e se erguerem umas sobre outras essas montanhas, que são hoje as ilhas Canarias: cobrindo as aguas desde então o que d'antes era a famosa Atlantida.

D. Praxedes riu com satisfação ao ouvir o seu amigo e mostrou complacente as relações que havia entre elle e a mumia guanche. — Parece-me, dizia elle, que faço honra, pelas minhas proporções, aos illustres ascendentes de que vem a minha prosapia. Craneo oval, testa pouco proeminente mas *accidentada*, grandeza, força, agilidade... um coração generoso e uma alma simples mas honrada.

Milady estava extasiada e, n'um momento de inadvertencia, exclamou: — Que bello seria ver D. Praxedes Aguahuco, o nobre herdeiro do regio sangue dos Guanches, vestido como seus antepassados!

O dr. Wearisome soltou uma gargalhada e uma observação pouco reverente. O bom do antiquario lançou um olhar de complacencia ás formas atleticas do descendente dos reis guanches. D. Praxedes observou, com gravidade comica, que não era possivel vestir-se exactamente como os seus heroicos avós. Lady Fly sentiu-se provavelmente córar, porque levou as mãos ao rosto; mas ficou pallida como d'antes.

Todos tivemos medo, quando vimos tirar a sobrecasaca e o collete, com notavel precipitação, ao illustre Aguahuco; e milady não poude conter um grito de terror.

— Não se assuste, milady— disse placidamente D. Praxedes. — Isto não passa d'aqui.

Era tempo; porque lady Fly já se preparava para fugir, afim de evitar as consequencias possiveis da sua imprudencia. O magestoso Aguahuco, n'um instante, se vestiu de nobre guanche, enfiando o *Ahico* de camurça, especie de camisa sem mangas que atou pela cintura; lançando sobre os hombros o *tamurco* ou manto de pelles; ajustando nas pernas umas polainas de couro, a que chamavam *lucirmos;* calçando os grossos sapatos que tinham o nome de *Rercos*. Tudo aquillo era curto, estreito, aberto, por que os Guanches não temiam assustar a pudica susceptibilidade de uma lady ingleza. O improvisado guanche teve, por isso, o desprazer de continuar a mostrar as suas calças de xadrez e a sua camisa de riscado amarello, em vez das suas opulentas formas. O volume de D. Praxedes cresceu prodigiosamente com as pelles; a sua cara, naturalmente bonacheirona, procurou assumir uma expressão solemne e severa, quando tomou na mão o osso envolto em pelle, que era o sceptro dos reis de Tenerife. Era grotesco; e milady soltou uma risada nervosa, longa, convulsiva, estridente, interminavel, que a poz em risco de morrer suffocada. O riso

tornou-se contagioso. Nem o dr. Wearisome poude resistir.

O honrado Praxedes Aguahuco tirou, á pressa, de si as insignias regias de seus antepassados; e a pobre lady Fly conseguiu acalmar-se, não sem soffrer um longo e violento ataque de tosse.

XVII

Mais uma dissertação sobre os Guanches — O homem prehistorico conservado em museu — Quem não gostar não leia

—Era assim, como acabam de ver no meu amigo D. Praxedes Aguahuco, o singelo mas elegante vestuario dos Guanches, — disse, depois de serenada a tempestade nervosa de lady Fly, o prestimoso antiquario. Um frouxo de riso da pobre lady revelou-lhe, porém, que não era pela elegancia do trajo com que se adornara o gigante, que D. Praxedes a impressionara.

—Não... Ah! Ah!... Não me falle mais n'isso — acudiu milady, quando poude fallar. — Parece-me... parece-me que ainda o estou vendo! Ah! Ah! Ah! Que figura... Ah! Ah!... A mistura, sobre tudo a mistura era... Ah! Ah! deliciosa!... deli-

ciosa!... deliciosa!... Não me falle mais n'isso, senão morro aqui... Ah! Ah!... de riso...

E o riso, e as lagrimas, e os gestos... e a tosse da mísera lady Fly pareciam não querer acabar nunca. O dr. Wearisome, assustado, deu-lhe a cheirar um frasco de saes, e fez-lhe tomar n'um calix d'agua algumas gotas de um licôr calmante, que trazia sempre comsigo para casos d'aquelles. Quando viu a crise quasi passada, o dr. entendeu que era opportuno fixar a attenção da sua doente sobre assumpto grave, que lhe fizesse esquecer a grotesca figura do descendente dos Guanches: por isso pediu a D. Facundo Primigenius, que completasse a exposição das suas idéas ácerca dos primitivos povos das Canarias, interrompida na ante-vespera a bordo do *Charity*.

—Não está aqui mr. Past—disse o antiquario,—não está comnosco o auctor das «Harmonias da chronologia anti-diluviana», e por isso posso, sem perigo de violenta contestação, affirmar que a primitiva historia do homem se não acha nas tradições escriptas, nem nos monumentos da India ou do Egypto; tudo isso não representa mais, do que o periodo de desenvolvimento da civilisação actual nas suas diversas e multiplas phazes... d'esta que podemos chamar civilisa-

ção da palavra escripta, a qual corresponde approximadamente ao descobrimento e uso dos metaes. Não sei eu, se os sabios acceitarão esta designação, que proponho na memoria que estou escrevendo. Mas se elles se lembrarem de que não póde haver historia onde não ha representação material da palavra, já esculpida na pedra, já traçada nos papyros e nos pergaminhos, quer ideographica como nos hyerogliphos dos Egypcios e dos Asteques, quer phonetica como nos nossos caracteres modernos, e provavelmente nos cuneiformes da velha Babilonia, de certo admittem a minha opinião. Isto é de simples intuição.

—Sem a perpetuação da palavra a historia é impossivel. Ora, — proseguiu elle, — desde que ha tradições escriptas; desde que se conserva a memoria dos factos, mesmo envolvidos em confusas e estravagantes alucinações, producto da incuravel debilidade do espirito humano; desde que ha historia, emfim, todos os povos que d'ella participaram, mais ou menos, têem seguido uma analoga corrente de idéas, e... sem duvida com notaveis desigualdades, a mesma linha de civilisação. Tem caminhado mais lentamente uns do que outros povos. Alguns d'elles petrificaram-se como a mulher de Loth, porque o seu espirito se deixou se-

duzir pelas imagens da corrupção, esquecendo os eternos preceitos da moral divina; outros, á similhança dos sete Dormentes, adormeceram tambem n'um contemplativo e esteril mysticismo; outros estão, como o Prometheu, soffrendo dolorosissimo martyrio, por terem, n'uma hora de ousadia e grandeza, roubado ao céo algum raio do puro fogo da intelligencia.

—Na indefinida progressão das transformações humanas, os povos que não acompanham as modificações physicas e moraes, que caracterisam os successivos periodos sociaes, estão, a meu ver, condemnados a desapparecer... a extinguir-se: como desappareceram, extinguindo-se, as especies animaes e vegetaes, que povoaram a terra nas differentes phases da sua longa e variada existencia.

—Para álém d'este periodo, relativamente curto, que a historia abrange, está a longa infancia do homem. Ninguem hoje póde duvidar da existencia d'essas civilisações prehistoricas, cujos vestigios maravilhosos tem fixado, felizmente, a attenção dos sabios n'estes ultimos annos.

Aqui fez D. Facundo uma pausa, e, dando á cabeça um movimento solemne, levantando a mão com o indicador estendido como para apontar a gravidade

do que ia dizer, proseguiu em voz sonora e tom emphaticamente declamatorio: — Longa e laboriosa tem sido a tarefa dos archeologos; não só para fixar as bases de uma classificação dos tempos prehistoricos nas relações dos objectos da industria humana, até hoje encontrados, com os factos geologicos já estudados, senão para recompôr, por assim dizer, em vista d'esses objectos dispersos, incompletos e quasi mudos, o estado social e moral d'esses homens primitivos. Os meus largos estudos sobre as illias Canarias e as suas antiguidades... creio que sem jactancia o posso affirmar, milady; creio que ninguem me levará a mal o meu justo orgulho dr. Wearisome, a minha satisfação, meus amigos...—Estas palavras altivas eram dirigidas aos srs. D. Praxedes Aguahuco e a mim. — As minhas continuades inducções, as minhas longas meditações sobre as antiguidadas de Teneriffe, auctorisam-me a affirmar... que conheço os costumes do homem, do ultimo periodo da edade da pedra, do homem prehistorico, tão bem como os mais eruditos archeologos conhecem o modo de ver, os costumes, a vida social dos gregos ou dos romanos. O homem primitivo, o homem... d'antes da historia, conservou-se isolado do resto do mundo, intacto, como fossilisado

n'estas serranias das ilhas afortunadas. Ao contacto dos homens da nova civilisação, menos simples, intellectualmente mais poderosos, tendo sobre a natureza maior dominio, senhores dos metaes, armados do ferro e do fogo, inspirados por idéas mais elevadas e por ellas engrandecidos... e corrompidos tambem; ao contacto dos europeus, conquistadores e sem piedade, os miseros Guanches desappareceram... cairam em pó, como succede muitas vezes aos restos dos animaes anti-diluvianos, quando lhes toca o ar e a luz.

Escutavamos todos, com viva curiosidade, o velho antiquario. A animação da sua physionomia, a profunda convicção que revelavam as suas palavras, o seu nobre ardor por uma idéa, tudo exercia sobre os que o escutavam uma poderosa influencia. O enthusiasmo tem o condão de dominar a razão e a vontade d'aquelles, sobre quem exerce a sua influencia mysteriosa, e nós não podiamos resistir ao enthusiasmo do D. Facundo Primigenius.

O dr. Wearisome dava-se uma compostura grave, dispondo a sua grossa e rutilante face de modo que parecesse ter a serenidade da meditação; mas os olhinhos brilhavam-lhe com vivacidade, e um sorriso involuntario de satisfação fazia-lhe tremer o beiço.

Lady Fly agitava-se incessantemente, e exprimia, por constantes aspirações e espirações sonoras que queriam ser interjeições, o seu delirio. Eu estava maravilhado da vivacidade, com que o antiquario formulava opiniões que me não atrevia a apreciar, apesar de por ellas me sentir seduzido. Raiava em loucura a alegria do collossal D. Praxedes Aguahuco, por vêr a impressão que nos faziam as palavras sentenciosas do seu amigo e mestre.

—Isto é que é homem—dizia elle.—Saber, até alli. Ora verão como elle faz sahir das suas cavernas os Guanches inteiros e vivos... como esta mumia...— E o descendente dos Guanches apontava, incerto, para si e para a mumia, envolta em pelles, que jazia na sua caixa de cedro.—Esses illustres Guanches, meus avós, que eram mais velozes do que a cabra montez e simples como ella nos seus costumes, que se sustentavam da cevada torrada e se deliciavam comendo tenra e sahorosa carne de cãosinho gordo.

Lady Fly interrompeu este singular elogio dos Guanches,—não sem fazer uma visagem expressiva de nojo—para pedir ao antiquario, que lhe desse mais clara idéa das suas opiniões ácerca dos habitantes *antoctonos* das Canarias.

—Para uma ignorante como eu, meu caro D. Facundo—accrescentou ella delambendo-se—toda a clareza é pouca. E é tão interessante, tão original... tão excentrico o que nos diz, que eu estou com desejo de comprehender, de saber tudo. Um povo fossil, D. Facundo!... Um povo de museu, meu caro! Que descobrimento o seu, meu caro amigo?

—Não basta affirmar—accudiu com gravidade pedantesca o dr. Wearisome.—É preciso provas; e ahi está a difficuldade. Que eu não duvido da solidez das suas razões, sr. D. Facundo; mas quizera conhecel-as. O assumpto é interessante para os que, como eu, se occupam ha largos annos da sciencia do homem.

—O meu receio é cançal-os a todos com as minhas... manias de archeologo—disse, com simulada modestia, D. Facundo.—De mais, n'uma simples conversação não é possivel adduzir todos os argumentos... os factos, as citações, as inducções, que só podem pela sua harmonia constituir verdadeira demonstração. Não quero, repito, não quero cançal-os.

—Todos á uma lhe pedimos, que concluisse a sua interassante exposição, porque estavamos desejosos de o ouvir.

Estará, por ventura, o leitor d'este livro nas mes-

mas disposições de espirito, em que estavamos nós, os que pediamos a D. Facundo Primigenius a exposição das suas theorias ácerca dos Guanches? A ser assim prosiga lendo; porque o bom do antiquario prometteu, com animo sincero, não ser nem diffuso nem prolixo; para não cansar a benevola e complacente attenção da muito graciosa, e muito illustre lady Fly.

XVIII

As edades da humanidade.
Ha quantos annos existe o homem no mundo?

— Seja-me licito recordar o estado da nova sciencia, — da archeologia pre-historica, — a fim de que possa facilmente fazer-me entender—disse D. Facundo.

O uso dos metaes caracterisa o largo periodo da moderna civilisação. Tudo quanto vemos hoje de maravilhoso no mundo, nas artes da paz, nas da guerra, depende do descobrimento e uso do ferro. Não como vilipendio, senão como gloria, deve chamar-se «edade de ferro» esta em que vivemos: edade de trabalho, de creação indefinida, do poder e conquista do homem sobre a natureza. Antes d'esta edade de ferro, houve outra em que dominou o bronze; edade,

cujos vestigios mostram que o espirito humano havia feito já vastissimos progressos.

—A edade de bronze foi precedida, porém, por um larguissimo periodo, em que o homem, para fabricar os seus instrumentos de trabalho e as suas armas de guerra, só conhecia a pedra. São numerosos e variados os instrumentos de pedra, que se encontram soterrados em fundas aluviões, que as aguas accumularam por muitos seculos de seculos, ou que se acham em depositos que o tempo juntou nas cavernas ou no fundo de alguns lagos, misturadas com ossadas de especies animaes que desappareceram ha muito. Aqui e alli, junto dos productos da sua rude industria, encontram-se tambem, mais ou menos incompletos, alguns ossos humanos, como para apagar toda a duvida dos espiritos incredulos, ou d'aquelles a quem assusta o quebrar com velhas opiniões e insustentaveis preconceitos.

—Imaginaram os poetas da antiguidade, persuadidos da pureza e da felicidade primitiva de homem e da sua continua decadencia,—a edade do ouro, a edade de prata, a edade de bronze e a edade de ferro;—quatro edades historicas. Por uma notavel coincidencia, admitte hoje a archeologia, tambem fundada na

observação dos factos, quatro edades distinctas, e entre as duas ultimas d'estas edades ha perfeita correspondencia com as que phantasiou a imaginação dos poetas. Estamos nós na edade de ferro e foi esta precedida pela edade de bronze; mas em vez de decadencia, é manifesto o progresso do homem. As sonhadas edades de ouro e de prata, foram epocas rudes e obscuras, em que o homem desconhecia o uso dos metaes e empregava a pedra; primeiro, apenas modificada pelo trabalho; mais tarde, affeiçoada com esmerada pericia.

O que os poetas julgaram periodos de innocencia e de ventura, foram, muitas vezes, tempos de dura provação, de sangrentas luctas, de ferocidade e de trevas. É, porém, certo que a esses tempos angustiosos, em que selvagens vagueavam com as feras pela superficie inculta da terra, se seguiu o apogeu do que nós podemos chamar a civilisação pastoril. Esse foi o tempo da singelesa dos costumes, em relação com a simplicidade das idéas, da harmonia das faculdades com as necessidades dos homens, e da sua intima e candida convivencia com a natureza.

«Essa divisão de periodos chronologicos, que hoje os archeologos proclamam como o fundamento da nova

sciencia, já os antigos a formulavam, vagamente, como se vê do celebre poema *De natura rerum* do philosopho Lucrecio. Diz elle:

> Arma antiqua, manus, ungues, dentesque fuerunt,
> Et lapides, et item sylvarum fragmina rami,
> Et flammæ, atque ignes, postquam sunt cognita primum.
> Posterius ferri vis est œrisque reperta:
> Et prior œris erat, quam ferri cognitus usus.

—Por isso me riu eu dos... nossos sabios—acudiu o dr. Wearisome.—Nem uma invenção, nem um descobrimento, nem uma idéa que não fosse já conhecida dos antigos! Ora veja, milady, como Lucrecio distinguiu já as tres edades,—da pedra, do bronze, do ferro,—com que estão fazendo hoje tanta bulha no mundo os archeologos. Multiplicam-se as Memorias; repetem-se os congressos; brotam do chão as facas, os machados, as lanças de pedra; e tudo isto para nos dizerem em muitas palavras o que Lucrecio disse em quatro versos...

—Não é justa a critica que está fazendo á sciencia moderna, sr. Wearisome,—interrompeu o D. Facundo.—Lucrecio tinha apenas a vaga intuição do que nós hoje podemos considerar verdades demonstradas.

Antes de Lucrecio, já Hesiodo tinha affirmado que o uso do ferro fôra precedido pelo do bronze. A julgar pelo que diz Homero, foi a guerra de Troia na epoca da transição do bronze para o ferro...—E, no Genesis, não encontramos a affirmação de que Tubalcain trabalhou o bronze e o ferro? Não prova isto, ao menos, a grande transformação que o uso dos metaes produziu na existencia dos homens? Não nos diz o Livro dos Reis que Salomão mandou buscar a Tyro o sabio e intelligente Hiram que trabalhava em bronze?

Quem não viu que Horacio, n'essa satyra que tanto tem dado que fazer aos commentadores, exprimiu a mesma idéa de Lucrecio nos versos que ha pouco lembrei?—«Quando os animaes (os homens), rebanho immundo e mudo, sairam rojando-se da primitiva terra, começaram a combater pela *lande* ou pela caverna, com as unhas e as mãos; mais tarde, com paus; e, depois, com armas que a experiencia lhes ensinou a fabricar.»

Não faltam indicações tiradas dos livros, nem provas colhidas pelos archeologos nas suas explorações, que sirvam para nos explicar, como os antigos podiam e deviam ter noticia das transformações porque tinham passado os homens nas primeiras epocas da sua exis-

tencia; mas esse conhecimento vago de factos, mal estudados e mal observados, não tinham influencia nas doutrinas historicas. As tradições eram tudo: a observação dos factos era pouco ou nada.

A conquista da sciencia moderna é esta: — é ter dado a importancia que merece aos methodos de observação e inducção na historia da humanidade. Hoje a sciencia affirma — o que nunca os tradicionalistas ousaram fazer — que a terra é habitada pelo homem ha muitos milhares de seculos...

— E póde dizer-nos ha quantos? — perguntou lady Fly, entre grave e ironica. O seu espirito inclinava-a para o que era grande, a sua imaginação para o que lhe parecia maravilhoso; mas os seus escrupulos oppunham-se a que podesse, sem hesitação, abraçar uma opinião tão diversa da que lhe haviam incutido desde a infancia.

— É impossivel, milady, — contestou o antiquario. — Só os que contam, como certa, alguma das muitas chronologias, que fixam anno por anno a edade do mundo, podem satisfazer uma tal curiosidade. Infelizmente não conseguem elles pôr-se d'accordo entre si. — Suppõem uns que o mundo tem perto de nove mil annos, outros seis mil e alguns menos ainda. E quem

tem razão?—proseguiu rindo o D. Facundo Primigenius.—Eu tenho sessenta annos feitos, milady. Se o mundo, isto é, se o homem existe ha seis mil annos... —porque, para o homem, o mundo é elle, e só elle...— se o mundo existe apenas ha seis mil annos, esse espaço poderia ser preenchido só por cem existencias como a minha! É pouco para mundo tão velho!... A sciencia allemã e ingleza alguma cousa nos diz já ácerca da antiguidade do homem, milady. No valle do Nilo tem-se encontrado restos da industria, a profundidades, que nos levam a affirmar a existencia alli de uma civilisação, ha mais de dezesete mil annos. Nos terrenos depositados pelo Missisipi, encontram-se ossos humanos a uma profundidade tal, que nos authorisa a suppôr que a sua antiguidade não é inferior a cincoenta e sete mil annos. Um calculo engenhoso do illustre Lyell, do grande mestre dos geologos modernos, eleva a antiguidade do homem a mais de cem mil annos.

—Faz-me vertigens o querer comprehender essa immensidade de tempo!—exclamou milady.—Não me falle mais n'isso, sr. D. Facundo, que me amesquinha... Sinto-me aniquilada, parece-me a vida mais curta ainda... Uma exhalação!... —Falle-me dos

Guanches agora. Estou impaciente por conhecer a sua opinião. Parece-me que a estou já adivinhando, e é... engenhosa, admiravel... se é como eu penso. Oh! admiravel na verdade!

Cedendo á inalteravel volubilidade do seu espirito, a phantastica ingleza passava rapidamente da duvida ao enthusiasmo. As opiniões de Primigenius, já ella nem mesmo admittia que podessem ser contestadas; tão fortes e procedentes lhe pareciam todos os argumentos e provas em que o antiquario, devaneiador, as buscava firmar!

XIX

Outros tempos, outros animaes — Seja poeta, sr. D. Facundo

— O destino do homem é soffrer, luctar, morrer — disse o D. Facundo, proseguindo na sua exposição. — Seria impossivel dizer agora, quantos patheticos e terriveis vestigios se encontram nos archivos da geologia moderna, assim como nos archivos da historia, d'essa pavorosa verdade. É assim. Por toda a parte e em todos os tempos os signaes, que o homem deixou ao passar na terra, são armas de guerra, monumentos funerarios; signaes de desolação e de morte. Ainda são muito incompletos e obscuros os documentos, de que nos podemos servir para traçar um quadro da existencia dos homens antes da historia; mas esses mesmos documentos já nos estão dizendo o que

a razão podia prever; e é que, n'essas remotissimas epocas, tendo elles de defender-se de feras monstruosas, de combater incessantemente uns com outros em guerras de exterminio, foram muitas vezes victimas das transformações porque passou a terra, em consequencia das suas incessantes variações de forma e de climas.

— Em comparação com a edade da terra, é curtissima a existencia do typo humano. Em relação ao que nos dizem as falsas e mesquinhas tradições, essa existencia tem tido uma duração immensa. É velho o mundo; mas a natureza está em constante laboração, transformando-o, rejuvenescendo-o; trocando formas antigas por modernas formas; creando seres novos, que outros seres, com diversa organisação e diversos caracteres, hão de mais tarde substituir. Foi creado o homem n'uma das phases d'essa continua e indefinida laboração, por que a vida passa no globo. Quando? Não o sabemos ainda. É certo que, depois que esse grande facto se deu, já tem tido logar notaveis metamorphoses dos seres vivos e profundas modificações tem alterado a face da terra.

— Ha hoje provas incontestaveis de que o homem coexistiu com muitas especies de grandes animaes, que

de todo se extinguiram, em consequencia de causas que lentamente produziram uma transformação nas condições physicas da terra. Encontram-se em toda a Europa, com armas e objectos de pedra e com vestigios evidentes da presença do homem, os restos do elephante e do rhinoceronte, de ursos, de hippopotamos, de tigres e de outros animaes de especies totalmente extinctas. Está provado que a existencia do homem, conjunctamente com os seres de formas tão diversas das que hoje se encontram na Europa, coincidiu em condições de clima que não podiam comparar-se com as actuaes.

A terra tem, na immensa successão dos tempos, verdadeiras estações; longos invernos de muitos seculos, seguidos de largos estios. Foi assim que, antes do que podemos chamar a actual primavera, houve periodos em que os gelos cubriram, pelo menos, todo o hemispherio norte, e a vida esteve como paralisada mas não de todo extincta.

Uma d'essas mudanças de clima, lentamente transformou as condições da vida na Europa, e provavelmente no resto do mundo. Das poderosas e robustas especies de animaes, que povoavam aquella parte do mundo, umas extinguiram-se, outras emigraram segun-

do a sua organisação para as regiões d'onde vinham os gelos ou para a Africa, onde o clima conservava uma temperatura relativamente elevada. Tinham algumas d'essas especies vindo do norte, em epocas anteriores, ou do sul, d'onde eram nativas, encontrar-se e, em parte, confundir-se umas com outras, nas regiões medias da Europa? Existiram ali conjunctamente o homem? Assim parece estar quasi provado hoje e em breve, creio eu, o estará definitivamente.

—Uma especie de elephante coberto de longos pellos, um rhinoceronte envolto em espessa lã, um urso collossal e outros animaes, organisados para resistir ao frio, emigraram para as regiões boreaes. Mas ahi, apezar das circumstancias especiaes da sua organisação, o frio extremo da epoca glacial os extinguiu.

—Outros animaes, de constituição analoga á das especies que vivem agora mesmo ao norte da Africa, —e que n'esse periodo habitavam a parte meridional da Europa,—recuaram para o sul, por causa do successivo resfriamento do clima.

—N'esse tempo, em vez do que hoje é o Mediterraneo, não haveria provavelmente um mar interior ou antes existiriam dois ou mais lagos? Não vemos ainda hoje desenharem-se esses lagos no estreito dos

Dardanellos; na Italia, prolongando-se por meio da Sicilia para a Africa Septentrional; na Corsega e Sardanha, alongando-se para Tunis, nas columnas d'Hercules?

Não estamos vendo a probabilidade da existencia d'esses lagos na disposição, em zona quasi continua desde o Oceano até os confins da Asia, de mares interiores e lagos mais ou menos vastos? O deserto da Africa era um vasto mar, que banhava as costas da Atlantida e communicava com o Oceano, separando do resto da Africa o vasto territorio onde se levanta o Atlas. Não facilitariam estas circumstancias a emigração das especies contemporaneas do homem, n'aquellas remotissimas epocas, para o que hoje é a região norte da Africa? — Não quero deixar-me levar pela phantasia, além dos limites que são permittidos em assumptos de sciencia... n'uma conversação intima, — observou o D. Facundo. — Na minha memoria sobre as Afortunadas não posso ter d'estas ousadias. Não quero que os sabios me considerem... um homem leviano, um sonhador... um poeta emfim.»

— Seja poeta — acudiu lady Fly. — Eu tenho para mim que os grandes descobrimentos, as grandes acções e os sentimentos grandes se devem só a isso, a

que os homens vulgares chamam, desdenhosamente, poesia. Seja poeta!

—O respeito á sciencia—disse o dr. Wearisome,—não permitte liberdades, que podem pôr-lhe em risco a gravidade e levar ao erro os espiritos serios.

A minha opinião era como a do antiquario, média entre a da phantastica lady e a do prosaico doutor. Exprimi-a em termos singelos mas que provocaram logo uma calorosa discussão. É o que succede sempre ás opiniões médias.

Para D. Praxedes Aguahuco, interromper o sabio antiquario quando elle fallava ou tencionava fallar dos seus ascendentes, os Guanches, era um verdadeiro desacato. Por isso, depois de nos escutar por algum tempo com impaciencia, disse sentenciosamente:—Quem não sabe escutar um homem de talento e de saber, como é o meu honrado amigo, merece ficar sempre ignorando as grandes, as admiraveis verdades que elle descobriu: verdades, que hão de transformar a sciencia, quando elle as revelar ao mundo na sua cruditissima obra sobre os Guanches.

Uma convicção profunda fascina os homens, ainda mais incredulos e mais scepticos. O dr. Wearisome calou-se. Lady Fly applaudiu Aguahuco. Eu roguei ao

antiquario, que proseguisse na sua exposição, pedindo-lhe perdão, em nome de nós todos, de o havermos interrompido.

XX

O mundo com frio

—A terra foi tomada de frio intensissimo. Uma alva mortalha cobriu as planicies e envolveu as serras. A neve, caindo sem parar e amontoando-se sobre o solo, levantou as ilhas e os continentes muito acima do nivel das aguas. Os vales desappareceram; os campos ficaram sepultados; extinguiram-se por quasi toda a Europa os vestigios da vida. A vegetação, no curto tempo em que o frio lhe consentia a parca existencia, era debil, rachitica, atrophiada e o mais das vezes rudimentar. Os rios solidificados corriam lentamente, levando enormes massas de gelo engastadas em rochedos, que a violencia d'aquelle diluvio de neve arremessava do cume das encostas dos montes.

Ora amortecido e como gelatinoso, ora revolto, convulsivo, sacudido pela tormenta, o oceano arrastava a pesada mole dos gelos fluctuantes e levava, ás mais remotas regiões, a sua desoladora influencia. A luz do sol, pallida e velada por nuvens formadas de piscas de neve, deixava aquelles frios desertos envolvidos n'um perpetuo crepusculo. A mesma natureza parecia não ousar interromper o funebre silencio da terra, congelada e muda, senão para fazer ouvir, de tempos a tempos, os rugidos do trovão ou o sinistro baquear dos gelos, que se desprendiam das arribas do mar ou das alturas das serras.

Por aquella immensidade triste e desoladora, por aquelle deserto livido como um cadaver e como elle coberto da alva mortalha, vagueavam, transidas de frio, consumidas pela fome, devoradas pela sede e como espavoridas pelo susto, as rennas, as velozes corças dos paizes gelados; sobrias companheiras d'uma raça de homens, que ainda hoje existe quasi selvagem nas regiões hyperboreas.

Os Lapões e os Esquimaus, esses pigmeus que nas asperas regiões polares percorrem actualmente o ultimo periodo da sua existencia e rapidamente caminham para a extincção, eram, na epoca glacial, os

unicos habitadores das terras do hemispherio norte invadidas pelos gelos.

O que seriam os homens n'este funebre inverno do mundo, ainda hoje o podemos observar nos confins das regiões polares. Tacito descreve os Fenni, os habitantes das regiões hyperboreas nos seguintes termos: É, diz o grande historiador romano, muita a pobreza e a barberia d'aquelles homens que não possuem nem armas, nem cavallos, nem habitações. De hervas se sustentam, vestem-se de pelles; o seu leito é o chão. É sua unica defensão o dardo que, á falta de ferro, armam com ponta de osso.

As armas e instrumentos de pedra e de osso, os costumes, o modo de vida dos povos barbaros, que habitam os gelos das terras arcticas, não póde differir muito do que eram os homens da mesma raça, quando habitavam a Europa no periodo glacial. A mesma existencia miseravel, a mesma lucta incessante com a fome, a sede e o frio; a mesma falta de armas e de industria, a mesma existencia errante, os mesmos combates com as feras no mar e na terra. Aquelle pavoroso inverno prolongou-se por largos seculos, não o podemos duvidar; assim o prova o estado das estancias d'esses homens pre-historicos.

—O frio ia crescendo sempre; o elephante, o rhinoceronte, o hippopotamo, o tigre, a hyena, que habitavam as regiões por onde a neve estendia o seu manto esterilisador, fugiam de uma influencia mortifera a que não podiam resistir. Emigrando para o sul, buscavam o calor e a luz, os raios fecundos do sol, a alimentação e a vida. Com esses animaes emigrava tambem uma raça de homens, forte, robusta, provida de poderosas armas e instrumentos de pedra que com elles luctava e os vencia.

—Das especies animaes, que não emigraram porque na sua organisação havia condições apropriadas para resistir á aspereza d'um clima glacial, poucas resistiram; tal foi o rigor d'aquelle longo inverno de muitos seculos! O frio surprehendeu aquelles seres viventes no momento talvez em que buscavam, tomados de terror, um abrigo onde esconder-se das massas immensas de neve que do ceu se despenhavam. Ainda agora se encontram envolvidos pelo gelo, de pé, inteiros, cobertos de longos pellos com que a natureza buscava abrigal-os do frio, muitos d'esses animaes gigantescos; taes como o mammuth e o rhinoceronte, que habitavam, no tempo d'aquella immensa catastrophe, a parte septentrional da terra.

—Onde os mais poderosos animaes não poderam permanecer, onde os collossos da creação ou se extinguiram ou fugiram para escapar á morte, poude o homem resistir, amoldando ás circumstancias a sua organisação essencialmente transformavel. Tem o homem em si todas as aptidões, que a natureza distribuiu desegualmente pelas outras especies animaes: é essa uma das causas da sua actual superioridade e talvez um dos caracteres, que mostram melhor a sua juventude relativa. Está o homem ainda em periodo de progressão; por isso as suas formas, os seus caracteres, os seus typos são variadissimos: constituem-se uns, outros se extinguem. Ora rapida, ora lentamente, vae a humanidade aperfeiçoando-se; mas não sem que mais d'um dos modelos imperfeitos, compostos pela natureza sob a pressão e influxo das circumstancias, se destrua, para deixar livre o espaço e o tempo a outros mais perfeitos e completos modelos.

—Até onde poderá ir o desenvolvimento do homem no meio das oscilações porque o mundo está constantemente passando; das hesitações, das perplexidades com que por vezes a natureza parece titubear na sua marcha progressiva? Problemas insoluveis para nós! Mysterios insondaveis, que causam pavor e abatem o

espirito de todos os que não teem confiança em Deus, e não sentem, que a missão de cada um de nós n'este mundo não é substituir-se ao poder supremo, que creou e impoz ao universo as suas leis; mas contribuir, no limite das suas faculdades, para o bem da humanidade, cumprindo por esta fórma as leis eternas do dever, as leis da grande harmonia moral, que dá aos homens todos uma como existencia commum, uma indestructivel solidariedade.

XXI

Gigantes e pygmeus

—Andam na boca do povo em toda a Europa contos d'uma candida e rude simplicidade, em que o real e o maravilhoso se confundem; onde apparecem, sempre em lucta, sempre inimigos, seres sobrenaturaes, gigantes ou pygmeus, que vivem com os homens, que ora lhes são propicios ora funestos, a quem é dado por vezes contrariar as leis eternas da natureza, ler no futuro, vencer os inimigos ou defender dos perigos os amigos por meio de sortilegios e feitiçarias. Quem os inventou, esses contos a que o povo tem tão grande amor?

—Como é que, mesmo entre as gerações pensadoras, se communicaram esses successos maravilhosos, que tanto nos impressionam a imaginação e em que o povo tem, as mais das vezes, uma crença superstiçiosa? Não serão esses contos como que uma confusa

reminiscencia de factos, que o tempo deixou quasi envoltos n'uma vaga penumbra?

—É ao norte da Europa, é na sombria Scandinavia, que essas poeticas narrativas populares attingem quasi os caracteres e proporções da verdadeira historia. Os *Sagas*, tradições nacionaes em que tão rica é a Scandinavia, fallam muitas vezes da longa lucta dos Jotuars ou gigantes e dos anões, dos Goblins ou pygmeus das montanhas.

—Possuiam os pygmeus poderes sobrenaturaes, conheciam as malas-artes e dispunham de amuletos, que eram quasi sempre pontas de seta ou bolinhas de pedra. Contam alguns Sagas a perseguição implacavel, que soffreram os anões das cavernas e das montanhas e como muitos foram destruidos pelas armas e pelo fogo, por os considerarem os homens seres nefastos e de ruim condição. Os gigantes, de que rezam outros Sagas, eram seres fortes, grosseiros, estupidos e ferozes e não innocentes de canibalismo.

—Não serão as narrativas populares, que fallam de gigantes e pygmeus, reminiscencia longiqua e indefinida de sangrenta e prolongada lucta entre homens de fortes proporções e as pequenas raças que povoaram a Europa na epocha glacial? Como na Scandina-

via, foi mais prolongada a lucta; como as duas raças, —de anões uma, outra de gigantes... que tudo isto é relativo,—se acham ainda alli face a face, por isso os Sagas recordam a cada passo, envoltas em supersticiosas crenças, as mysteriosas tradições d'essas guerras e combates do mundo primitivo.

—Busquemos,—proseguiu o antiquario no tom didactico que havia assumido,—busquemos provas da existencia d'essa invasão de homens poderosos e fortes, dos suppostos ascendentes de parte dos actuaes europeus, nos paizes que os gelos, a renna e os pygmeus occuparam por largos seculos.

—Sempre luctas e guerras entre os homens por cubiça...—ia dizendo lady Fly.

—Ou por fome ou por frio ou por calor demasiado, ou pela belleza da mulher, ou pela nedia gordura dos rebanhos!—interrompeu o dr. Wearisome.—Está a historia cheia de heroes inspirados pelo estomago, pela pelle, pelos olhos ou pela vaidade! E pena é que d'esses heroes se possa dizer com Horacio:

Vixere fortes ante Agamemnonu
Multi; sed omnes illacrimabiles
Urgentur, ignotique longa
Nocte, carent quia vate sacro.

XXII

Aventuras de pigmeus

—Entrou a terra lentamente no que podemos chamar uma nova estação,—proseguiu o antiquario, depois de terminar a animada conversação provocada pelas opiniões do descrente doutor.—A esse longo e desolado inverno succedeu a primavera...—assim lhe podemos chamar,—a primavera que caracterisa o periodo actual da existencia do globo terraqueo.

—Foram-se os gelos fundindo de zona em zona e, á medida que elles recuavam para o polo, descobrindo á benefica acção da luz e do calor do sol o seio fecundo da terra, iam tambem caminhando para o norte, ou buscando as alturas das serras ainda envoltas pela neve, a renna e outros animaes, que hoje se com-

prazem nas regiões hyperboreas. Aquella misera raça de habitantes dos gelos, que os rigores do frio tinham defendido dos ataques das raças robustas dos meridionaes, foi successivamente compellida a abandonar os territorios que por largos seculos occupara. Nos confins do mundo habitado as vemos ainda, Laponios e Esquimaus, esconder a sua fraqueza, e, luctando contra os elementos e contra o implacavel odio de raças mais poderosas, esperar em prolongada agonia a hora propinqua já, do seu total desapparecimento.

—Diga-nos, sr. Facundo Primigenius,—acudiu lady Fly,—são muitos os vestigios da passada grandeza dos... interessantes Laponios? Não se conservou memoria d'essa violenta expoliação... de sol, de calor, de luz, de flores, de fructos da terra que soffreram os indefesos pygmeus? Pobre gente! Só em desertos de gelo, só em solidões, onde o frio dominou, os deixaram arrastar existencia miseravel em companhia da renna, do urso branco e dos monstros do mar!! Eu nunca gostei de pygmeus.

—E tem razão, milady,—acudiu o baixo e rotundo dr. Wearisome, despeitado.

—Tenho razão, de certo, proseguiu ella rindo. Não são bons nem sympathicos os pigmeus. Todos elles

tem malas-artes... como aquelles de que rezam as *Sagas* Scandinavas. O Dr. Wearisome escandalisa-se com as minhas opiniões? É... talvez seja, um representante d'esses povoadores da Europa na epoca glacial. Eram assim pequenos...

—Pygmeus com a cabeça redonda... e naturalmente, gordos... interrompeu o gigante D. Praxedes, a quem o Dr. era antipathico.

—Tal qual como o nosso excellente Wearisome— proseguiu milady.

—Assim será,—observou em tom agri-doce o inglez. —Estamos aqui, eu e o nobre guanche Aguahuco, para facilitar as demonstrações ethnographicas do erudito Primigenius. Eu sou o typo humano da edade do gelo e da renna, e D. Praxedes o representante dos broncos gigantes, que usavam armas de pedra, viviam nas cavernas com os ursos, e se vestiam... n'aquelle estylo mais que singelo de que ha pouco milady esteve quasi a...

—Sboking! —bradou lady Fly: e em seguida foi tomada d'uma d'aquellas hilaridades nervosas que a suffocavam e a que só podiam pôr termo os mais poderosos calmantes e as mais vivas e picantes emanações de saes e essencias.

Aguahuco deitou uns olhares ferozes ao impertinente doutor; e, a não ser a auctoridade de D. Facundo Primigenius, teriam talvez os dois adversarios dado alli mesmo assumpto para heroico poema d'algum moderno bardo.

XXIII

Contos inverosimeis

—Conservaram-se na memoria dos povos e muitas vezes tambem nos seus livros sagrados,—disse D. Facundo Primigenius, quando viu acalmada a colera dos dois representantes das raças prehistoricas,—conservaram-se, repito, sem que se saiba d'onde vieram, nem quem as foi buscar aos abysmos tenebrosos do passado, umas certas tradições; poeticas na fórma, mas a que no fundo corresponde indubitavelmente a realidade dos factos; que são como uma confirmação dos descobrimentos da moderna archeologia, assim como estes descobrimentos são verdadeiras provas materiaes, de que a historia da humanidade vae muito além dos limites que geralmente lhe assignam os chronologistas.

—Os cantos mythologicos dos Scandinavos narram, que os *habitantes das montanhas*, os goblins soffreram por longo tempo os horrores de uma epocha glacial. O mundo das trevas, diz a poetica tradição, é ao Norte e d'alli partem doze rios, onde corre um violento veneno; o vapor que os rios distillam condensa-se em neve, e as aguas gelam... O mundo do fogo é ao Sul, d'alli saem chispas ardentes que encentram o gelo e o derretem.

Houve um tempo em que o homem viu a terra cahir nas aguas e, mais tarde, sahir rejuvenecida e coberta de viçosa vegetação do seio dos mares.

Milady não poude conter o seu enthusiasmo.—Que admiraveis harmonias a sciencia sabe encontrar, onde os espiritos vulgares não vêem senão contradições! Como os que pareciam sonhos da imaginação dos povos, contos e as tradições maravilhosas... tudo emfim parece tomar esse cunho de gravidade e de authenticidade, que dá valor aos documentos e aos monumentos historicos! A mim parece-me estar vendo sair das mãos d'um esculptor a fórma severa, rude, singela mas eminentemente poetica da primitiva humanidade a luctar com o furor dos elementos, com a ferocidade dos monstros e com a violencia funesta

de suas proprias paixões! Prosiga, sr. D. Facundo, prosiga na exposição das suas interessantes opiniões. Temo cançal-o... Eu sou tão importuna com as minhas curiosidades que não sei como tem paciencia para condescender com ellas.

—Não tenho eu palavras para exprimir a minha gratidão — respondeu amavelmente o antiquario. — Proseguirei para obedecer ás suas ordens, milady.

—Vimos ha pouco a tradição da epocha glacial conservada pelos povos hyperboreos, por esses pygmeus que povoaram a Europa, e provavelmente a Asia tambem, no tempo em que a terra passava por um longo e funebre inverno. Agora vamos encontrar analoga tradição, conservada pelos homens das regiões quentes; pelos que recuaram diante dos gelos, e se concentraram nos montes e planicies em volta dos lagos que existiam, onde hoje vêmos o sinuoso mediterraneo, nas margens do mar que depois se transforma no arido deserto da Africa e emfim no immenso territorio da antiga Atlantida de cujas ruinas ficaram as ilhas Afortunadas.

«No livro sagrado dos Parsis conserva-se a remotissima tradição de um paiz de delicias, de um paraizo primitivamente habitado pelo homem. Era esse

paiz regado por um rio, onde o espirito do mal creou a serpente *mãe do inverno*. O inverno derramou o frio na agua, na terra, nas arvores; e então o espirito da luz creou *Saghdó*, abundante em rebanhos, segunda habitação do homem primitivo.

Não se está vendo n'uma e outra tradição a vaga reminiscencia do periodo glacial? Não será o cantico Scandinavo a poetica narração dos soffrimentos porque passou a raça dos homens companheiros da renna; para quem o ser supremo não creou uma nova terra, um novo paraizo? E aquella terra, que se desmoronou e se submergiu nas aguas, para mais tarde resurgir verde e viçosa, não será a terra que os gelos cubriram por longos seculos e que sacudiu a sua mortalha de gelo aos raios do sol da nova primavera?

«Na tradição do *Vendidad-Sadé*, que ha pouco citei, póde alguem desconhecer a historia dos povos, que fugindo diante da invasão dos gelos, buscou em terra nova um novo paraizo? Não será *Soghdó* a formosa Atlantida, cuja memoria conservaram tambem os sacerdotes Egypcios? Aquella terra *abundante em rebanhos*, por certo, não era a Europa anterior ao periodo da renna e dos gelos; porque então, segundo se reconheceu pelo estudo dos terrenos e das cavernas, onde se

encontram os restos dos animaes que viviam conjuntamente com os homens, não havia ainda rebanhos de gado. Ao declinar da epoca glaciaria, quando teve logar um refluxo das raças de homens fortes,—dos gigantes que habitavam a Europa antes d'aquella epoca,—quando os pygmeus hyperboreos se retiraram para as regiões polares, foi então que appareceram os rebanhos de animaes domesticos. D'onde vieram esses animaes? Vieram com os pastores, com os homens da nova raça... vieram da que nós poderiamos chamar região dos lagos e das ilhas: das margens do antigo mar do Saharà—da Atlantida.

XXIV

O mundo é um cemiterio e mais nada — Lady Fly chora

—São lentos, mal seguros, hesitantes os passos que dá a humanidade no caminho da civilisação; caminho tortuoso, difficil, arriscado, cortado de precipicios, envolto em trevas quasi sempre.

Assim como cada homem é um operario apenas, que contribue pelos seus actos para a laboriosa e illimitada tarefa, de que depende a existencia da sociedade; assim tambem cada tribu, cada povo, cada raça, cada typo humano,—apesar da sua longa existencia—não faz mais do que accrescentar algumas pedras á immensa pyramide do progresso, cujos alicerces se escondem no tenebroso abysmo do passado, e cujo vertice, talvez, um dia attinja as alturas esplendidas d'on-

de o espirito divino inspira a razão pura, e illumina a consciencia serena e immaculada do homem.

Cumprida a sua missão na terra morre o homem e, as mais das vezes, nem vestigios ficam da sua existencia. O mesmo tem succedido tambem a povos e raças inteiras. Lenta ou rapidamente, umas vezes se extinguem pela propria decadencia, outras pela violenta pressão d'outros povos e de outras raças mais fortes, cuja organisação está mais em harmonia com as mudanças por que, no andar dos tempos, passaram as condições physicas da terra e as condições sociaes dos homens; outras vezes modificam-se os povos, transformam-se as raças, já pela alteração dos seus caracteres physicos, já pela variação das suas qualidades intellectuaes.

As mudanças são incessantes: o mundo caminha, progride pela morte e pela metamorphose.

Sobjeitas a fluxos e refluxos no espaço e no tempo, as massas humanas andam errantes pela face da terra, buscando firmar um dominio que nunca alcançam, uma estabilidade que a natureza, sempre mudavel, não consente. Os seculos reduzem a pó os mais solidos e magestosos monumentos.

As oscillações do solo e o movimento das aguas

transformam a terra; e ora sepultam nos abysmos os continentes, desmoronam as montanhas e subvertem as ilhas; ora fazem sahir do seio das ondas novas terras; cercam os mares, esgotam os lagos, ou arrojam aos ares serras alcantiladas coroadas pelo fogo dos vulcões.

As metamorphoses incessantes dos seres vivos, metamorphoses essenciaes á sua existencia e ainda mais á lei universal do progresso, vão, por constante, ininterrompido, incansavel trabalho, modificando os typos da especie humana, assim como modificam os typos das outras especies. Tudo que se não póde transformar, tudo o que não progride, tudo o que se não harmonisa com as condições variaveis do mundo physico e do mundo moral extingue-se...»

— E os guanches! O que nos diz dos guanches, sr. D. Facundo? — perguntou, com riso de benevola ironia, o Dr. Wearisome.

D. Facundo cahiu em si, e rindo-se tambem, exclamou: — Que incorregivel mania de philosophar, esta minha! É o costume de viver só que me faz assim! Quem está só, como não receia cançar os outros, não modera os desvarios da sua phantasia e por fim perde o costume de conversar. So sabe infastiar

os que teem a desgraça de escutar as suas *charlas* interminaveis e sornas.

—Não diga tal, D. Facundo,—acudiu o inglez, sinceramente receioso de haver offendido o antiquario.—Não diga... nem pense que alguem se cança de o escutar. As suas opiniões seduzem, as suas doutrinas enlevam, o seu saber maravilha, e a sua philosophia...

—E a triste e pobre philosophia d'um homem que vive isolado do mundo,—com as mumias, com as tradições, com as saudades do passado, sempre a desejar o bem e sempre a ver fugir-lhe a esperança de que elle se realise n'este... grande cemiterio a que se chama a terra.

Estas palavras pronunciou-as o D. Facundo com emoção. Lady Fly alongou convulsa o labio inferior; tremeram-lhe as azas do nariz e grossas lagrimas, nitidamente contornadas, se lhe desprenderam dos desbotados olhos de porcelana azul e branca.

—Estou commovida!—Oh! commovida! É cemiterio a terra e o mar!... E ainda ha quem queira viver n'este cemiterio! Oh! continue, sr. D. Facundo, continue com a sua historia dos mortos. Tenho necessidade de soffrer... de chorar.

E a sentimental ingleza rebentou em pranto desfeito pelos mortos prehistoricos

Os mesmos calmantes, os mesmos saes e essencias que a curavam do riso, tiveram, ao cabo de alguns minutos, poder para a curar tambem do choro nervoso.

D. Facundo proseguiu.

XXV

A phantasia tambem é util

— O que eram esses homens que, na epocha glacial, abandonaram aos gelos e aos Turaneos pigmeus, aos ascendentes dos actuaes hyperboreos, dos Laponios e Esquimaus, as regiões que hoje occupam os povos civilisados do mundo? Porque transformações passaram, durante os longos seculos que habitaram as regiões dos lagos, os continentes e as ilhas, do que chamamos hoje a Africa e a Asia? — Difficil, senão impossivel é, actualmente e talvez o seja sempre, dar a estas graves questões uma cabal solução. Busquemos, porém, nos factos conhecidos, algumas indicações que possam esclarecer-nos, e guiar o nosso espirito pelo campo, mais ou menos vago, das hypotheses.

— Onde provas rigorosas são impossiveis, não deve o genio humano desanimar. A inducção e intuição são fachos brilhantes que podem esclarecer o passado e revelar-nos o futuro. Avante! Não nos deixemos tomar pelo desalento nem intimidar pelas difficuldades. A alma foi dada ao homem, para que elle podesse ir além da experiencia e da observação; para que podesse completar o mundo, pelo poder quasi divino da sua intelligencia. Avante! Que a Providencia recompensa as ousadias do espirito revelando-lhe a verdade... manifestando-lhe os arcanos, que a natureza e o tempo guardam nos seus insondaveis abysmos.

Havia o D. Facundo attingido quasi os limites da exaltação. Brilhavam-lhe os olhos, estavam injectadas as faces; os movimentos tinham o vigor e a firmeza da mocidade, e uma grande inquietação nervosa punha em perpetua contracção a physionomia do velho antiquario

— Avante! Avante, pois! — exclamou o gigante Agnahaco a quem o enthusiasmo do Primigenius se communicára. — Avante!... Isto é, retrocedamos... olhemos para traz. É do passado que ha de vir a luz do futuro... como muito bem diz o meu amigo Facundo. A verdadeira historia do homem é a dos tem-

pos... prehistoricos. Isto é, pela revelação, pela intuição, pela inducção, chegou o illustre Primigenius, —honra e gloria das Canarias, milady,—chegou a descobrir as primitivas revoluções da terra e dos povos. Sim... É fora de duvida, que os homens vigorosos, como a força creadora, puros, como a immaculada natureza, e para os quaes a terra se adornava de flôres e se carregava de fructos... homens formosos, que viviam em intimo... connubio com a terra, fecundada por uma primavera universal... é fóra de duvida, digo, que esses homens foram expulsos do paraizo, não pelo gladio de fogo de um cherubim, senão pelas massas de gelo que cobriram as regiões por elles habitadas; paralysando alli as faculdades creadoras, trocando a primavera por inverno rigoroso.

Era evidente que D. Praxedes Aguahuco repetia, sem as entender bem, algumas das phrases, emphaticamente campanudas, do seu mestre e amigo D. Facundo. Lady Fly, porém, como estivesse em veia de enthusiasmo e não fosse muito apta para discernir a verdade do erro, o bom do mau, o apparente do real, com tanto que lhe fallasse á imaginação e lhe titilasse os nervos, mimoseou, com uma escala completa de sorvidas interjeições, o gigante descendente dos prin-

cipes guanches. Lisongeado pelos louvores, animado pelos sorrisos, fustigado talvez pelos olhares, sympathicamente concupiscentes da vaporosa ingleza, D. Praxedes soltou os diques a uma eloquencia em segunda mão, que acabou por seduzir milady, com manifesto desgosto do dr. Wearisome.

XXVI

Viagem pittoresca de uma lady n'um camello

. . . . . .

. . . . . .

A excursão era longa e penosa, sobretudo para uma senhora. Lady Fly, porém, era intrepida; e, como todas as mulheres excessivamente nervosas, nada a fazia desanimar, nada a assustava, nada a cançava, quando um desejo ardente a saciar, uma curiosidade a satisfazer, uma phantasia a realisar, lhe dominava o espirito, lhe exaltava a imaginação.

Na frente da pequena caravana ia um camello. Por esse magro, felpudo, giboso, desarcado e desgracioso animal se havia milady tomado d'um enthusiasmo phantastico: não por ser, na expressão de Buffon, o

thesouro da Asia... A nobre ingleza pensava, que o ouro e a seda eram as verdadeiras riquezas do Oriente, e não o camello; opinião inteiramente opposta á do grande naturalista. — Não por ser a mais util e mais preciosa de todas as creaturas subordinadas ao homem; não por ser paciente e forte e humilde e intelligente; não por ser sobrio e honrado, adorava milady o camello. O camello era o symbolo do Deserto; era a representação da vida nomada; era uma cousa excentrica, quasi incompativel com a civilisação da Europa, e por isso estava milady apaixonada... n'aquelle dia, pelo camello.

Sobre a giba do escanzelado quadrupede assentava uma especie de cangalhas; de um lado ia lady Fly, do outro o descendente dos Guanches, o agigantado Aguahuco. Seguia-se, logo atraz, cavalgando uma mulinha de exiguas dimensões, o rotundo Wearisome. O D. Facundo e eu iamos a pouca distancia. Atraz saltavam de rocha em rocha, buscando sempre a parte mais escabrosa do caminho, alguns ilhéos, que nos acompanhavam como guias e levavam aos hombros e á cabeça a nossa modesta bagagem.

Corria ao longo da costa o caminho que seguiamos; ora afastando-se, ora aproximando-se das rocas esca-

brosas, asperas, aprumadas, negras, que as ondas batiam no seu incansavel movimento.

Cortada, a cada passo, de fundos e fragosos barrancos, a montanha, desde as alturas centraes da ilha,— da *Cumbre*—até ao mar, onde termina abruptamente, tem, entre Santa Cruz e o valle de Guimar, para onde iamos, um aspecto sinistro e desolado. No fundo das quebradas viamos o leito, totalmente secco, das ribeiras que na estação das chuvas se tornam em torrentes impetuosas. Negros basaltos, umas vezes em espessas camadas, outras em muros similhando construcção de ciclopes, outras em pilastras e columnelos, outras emfim quebrados e empastados n'uma argamassa de livida côr, formam as ribeiras, d'um e outro lado dos barrancos, levantando-se em sucalcos pelo pendor da serrania. Rochas vulcanicas, lavas vitrosas fazem vigoroso contraste com o tufo amarello-esbranquiçado, sobre que parece assentar a mole immensa da serra de Teneriffe. Aquelle tufo, fragil, esbroadiço, a que chamam a *Tosca*, cobre o largo pedestal de basalto, que se perde nos abysmos do oceano e cinge toda a ilha.

Acima da *Tosca* ergue-se a magestosa e severa serrania. Aquelle immenso colosso, que sahiu fundido das estranhas da terra, apoia-se em pés de barro e tem a

fronte cingida por vasta corôa de lavas, do meio da qual se levanta o agudo Pico do Teyde, ornado de um véu de alvos e fluctuantes vapores.

Ornada tambem de alvo e fluctuante véu ia a aguda lady Fly, sobre a mole pesada e escabrosa do seu dromedario, cujo passo, largo e rapido, difficilmente seguia a mulinha do doutor, apesar da impaciencia com que este a ia fustigando com uma grossa vara.

Milady comtemplava absorta a montanha escalvada e penhascosa; esqueleto esqualido, que a vegetação não veste e onde apenas rompem, por entre as fendas dos rochedos, plantas sem frescura e sem virente folhagem, cujos ramos, de formas monstruosas, se cobrem de lividos pellos, ou se ornam de agudos espinhos, distillando ás vezes succos venenosos e corrosivos.

O sol, dardejando raios ardentes sobre aquella triste paisagem, parecia querer requeimar ainda aquellas rochas negras e vitrosas e seccar de todo as tristes *Plecómas* que, na ramagem, remedam os chorões, e as Euphorbias, cujos braços quadrangulares e espinhosos se erguem como os de funebre candelabro.

XXVII

Devaneios poeticos

Inquieto pela debil saude da fragil ingleza, D. Facundo metteu esporas á mula possante, que cavalgava, e aproximou-se do camello em que iam, por singular contraste, o robusto Aguahuco e a tenue lady Fly.

— Milady, — disse elle, — estou quasi arrependido de ter promovido esta viagem... — porque é viagem longa e difficil a que vamos fazer, com risco para a sua saude delicada. O cançaço, este sol ardente, maus passos a atravessar e perigosos, e a difficuldade de encontrar commodo agasalho por essas aldeias, tudo póde prejudicar a saude melindrosa de uma senhora...

— Calle-se, — D. Facundo, acudiu a ingleza, — nunca me senti como hoje, tão forte, tão alegre e respirando com tanta desoppressão.

— Abusar, abusar sempre d'uma saude melindrosa, — acudiu o doutor que se aproximara tambem de lady Fly. — O sol está quente e, d'aqui a pouco, estará abrazador. Milady deve desistir do ousado projecto de subir a montanha e atravessar a ilha. É viagem para bomens e dos mais robustos. Ao Pico do Teyde não foi ainda senhora alguma...

— Ao Pico não irei; mas até onde se possa ir a cavallo hei-de ir eu. Não esteja em cuidados por mim. Asseguro-lhe que ha muito não me sinto como hoje. Estes medicos, — accrescentou milady voltando-se para mim, — ainda os melhores, os mais sabios, como o dr. Wearisome, por exemplo, não vêm em nós senão a machina, e esquece-lhes a força que lhe dá impulso. Em a machina tendo um desarranjo julgam-n'a incapaz de tudo: ora, ás vezes, a mais robusta machina humana, se lhe falta a energia, nada pode, tudo a cança; emquanto que o impulso... da vontade, faz milagres.

— Mas custam caros os milagres, — acudiu o dr. Wearisome, visivelmente inquieto.

— Não temos que atravessar as escabrosas e desoladas planuras das Cañadas. Isso seria impossivel, milady. O frio alli é intensissimo, durante a noite, e o

calor, durante o dia, incomportavel para quem a elle não esteja acostumado,—acudiu o D. Facundo Primigenius.—E accrescentou:—D'aqui a pouco chegamos á caverna da Guaya. Descançaremos em Guimar e, quando estiver bem disposta, emprehenderemos a viagem para a formosissima Orotava.

—Estou impaciente por lhe ouvir contar a historia da infeliz Guaya, D. Facundo,—acudiu milady,—e por ver a caverna mortuaria. Eu estou bem; não me cança muito viajar; e os quinze dias passados n'este abençoado clima, deram-me forças para a empreza. Ai! Como eu desejaria subir ao Pico do Teyde! Que esplendido deve ser aquelle magestoso quadro da natureza! Desde que li a viagem do grande Humboldt, a minha imaginação não sonha senão com essas maravilhosas ruinas, que os vulcões amontoaram n'aquelle circulo immenso das Cañadas.

—Descance, milady; teremos occasião de ver uma parte d'essas maravilhas. E depois admiraremos o encantado jardim das canarias, o valle de Orotava, que, em belleza, iguala aquella poetica descripção do Tasso...—E D. Facundo começou, declamando:

«Aure freschе mai sempre ed odorate
Vi spiran con tenor stabile e certo:

Ne i fiati lor, siccome altrove suole,
Sopisce o desta, ivi girando, il sole.»

E milady acudiu:

Ne, come altrove suol, ghiacci ed ardori,
Nubi e sereni a quelle piaggie alterna;
Ma il ciel di candidissimi splendori
Sempre s' ammanta, e non s'infiamma o verna;
E nutre ai prati l'erba, all erba i fiori,
Ai fior l'odor, l'ombra alle piante eterna.

O dr. Wearisome, manifestamente impacientado dos enthusiasmos de lady Fly e ainda mais da aspereza, da aridez e funebre aspecto do caminho que seguiamos, interrompeu:

—Tambem eu quero recordar versos do Tasso; e esses mais a proposito parecem do que vamos vendo, do que a poetica estrophe que, com tanto enthusiasmo, nos estavam declamando, milady e D. Facundo:

Ben son elle feconde, e vaghe e liete;
Ma pur molto di falso al ver s' aggiunge.

XXVIII

A Virgem da Candelaria vagabunda

Pouco depois desciamos, não sem risco, por escabroso e estreito caminho, cortado nas arribas do mar á beira de precipicio, que se aprumava sobre a estreita praia da Candelaria, onde as ondas embravecidas, a cada instante vinham rebentar com sinistro ribombo.

A intrepida lady Fly, pousada sobre o camello da banda do precipicio; sacudidos, pelo vento, vestidos cabellos e véu, parecia voar com delicia sobre o abysmo e, por vezes, se debruçava com tal ousadia para admirar o vertiginoso quadro d'aquella severa natureza, que Aguahuco mais d'uma vez ousou segural-a pelo braço, para que ella se não precipitasse. O rotundo doutor lançou mais d'uma exclamação ou antes

imprecação, que mereceu as censuras pudicas da phantastica ingleza.

O sitio é árido e triste. De um lado o mar quebrando-se n'uma praia de areia escura; do outro, as arribas fragosas e severas. Sobre a costa, ruinas d'uma fortaleza, que torrentes violentissimas, produzidas por um temporal que em 1826 devastou a ilha, derrubaram e, em parte, arrastaram para o mar. Mais acima, um velho convento, tendo, na sua pezada grandeza, os vestigios da passada opulencia, que os frades tiraram da piedosa devoção dos ilhéos, pela imagem da Senhora da Candelaria; imagem milagrosa, que a tormenta memoravel de 1826 foi arrancar do altar, coberta de ouro e de joias, cercada de offerendas, allumiada por lampadas preciosas, e sepultou nos tenebrosos abysmos das ondas embravecidas.

N'um penhasco, quasi sobre o mar, abria-se obscura caverna, cuja entrada, larga e pouco elevada, assombravam os candelabros de algumas euphorbias e os ramos pendentes de uma plecóma rachitica. Sobre o penhasco erguia-se uma capella de pobre e tosca apparencia, que mais parecia curral do que casa destinada á oração.

— Chegámos á gruta de Chinguaro, — exclamou

Aguahuco;—aqui podemos ver os sitios da milagrosa apparição da Virgem da Candelaria, da protectora das Canarias.

— Onde appareceu e desappareceu, — acudiu D. Facundo.— O mar a trouxe e o mar a levou. Apeêmo-nos e vamos ver a caverna funeraria da pobre Guaya.

— Mas não sem me contarem a historia da Candelaria,— disse milady apeando-se, auxiliada pelo braço possante do descendente dos Guanches.

— Historias de milagres! —interrompeu o dr. Wearisome, sorrindo. — São todas o mesmo. Nada se parece tanto como as historias de imagens milagrosas.

— Não, que a Senhora da Candelaria sobrepujou a todas. Foi adorada por herejes. Foi conquistadora, fez maravilhosas curas; salvou naufragos; afugentou piratas; deteve rochedos ao cairem por despenhadeiros alcantilados; causou grandes conflictos entre frades e clerigos. Surgio do mar e para o mar se foi. E por muitos annos resistiu ás tentativas, que se fizeram para a tirar da sua gruta, não a vencendo as armas dos guerreiros hespanhoes; não a tentando, nem as capellas sumptuosamente ornadas, nem os templos magestosos, nem o cantochão dos frades, nem as harmonias sacras dos clerigos, nem as folias dos romeiros,

—disse o antiquario Primigenius.—Mas agora vamos á caverna mortuaria, que tanto deseja vêr lady Fly...

—E a historia dos milagres?—interrompeu a ingleza, que, apezar de protestante, o maravilhoso da historia da Candelaria seduzia já.

—A historia, Aguahuco lh'a contará em Guimar, onde havemos de passar as horas do calor, ou antes todo o dia de hoje.

XXIX

Caminho difficil

Depois de curta visita á gruta e á capella, entrámos n'um barranco, apertado entre duas ribanceiras de rochas vulcanicas cortadas quasi a prumo, e cujo solo, leito durante as chuvas de inverno de caudalosa torrente, era todo formado de rochas quebradas e de calhaus grossos, que as aguas arrastam com pasmosa violência e medonho estrépito das alturas da serra. A trilha era aspera e por sitios difficil e perigosa, por se encontrarem n'ella penhascos enormes que obstruiam quasi totalmente o barranco e interceptavam a passagem. Ás vezes um veio de agua limpida e pura, que sahia d'entre as pedras para de novo n'ellas se esconder a alguns passos de distancia, augmentavam os embaraços do caminho.

A intrepida ingleza, ajudada pelo braço possante de D. Praxedes Aguahuco, que d'ella cuidava com sollicitude incansavel, caminhava com ligeireza e sem dar mostras de fatigar-se.

Não succedia o mesmo ao doutor, que rebolava, escorregava, trepava, gemia, suspirava e respirava como uma locomotiva impando de vapor; maldizendo entre dentes a sua sorte, e não poupando, nem as phantasias romanescas da sua doente, nem as locubrações e descobrimentos eruditos de D. Facundo.

Este parecia radiante; e, apesar da sua edade e da sua pequena estatura, caminhava sobre o leito da ribeira, como por caminho, que o costume lhe tornara facil e seguro.

Eu e elle iamos adiante e, mais d'uma vez, tentou o antiquario expôr-me o systema de embalsamar e guardar os mortos, usado pelos guanches; mas sempre a lady Fly, que de perto nos seguia, o interrompeu, pedindo-lhe que guardasse a sua dissertação para quando chegassemos á caverna, onde ella o poderia ouvir com descanço.

Em menos de meia hora chegámos a um logar, onde o barranco se estreitava e as altas e aprumadas rochas lançavam funebre sombra. O sitio era triste, de-

solado, sem vegetação, sem horisonte. Pouco distante o barranco formava uma curva, de modo que adiante de nós se não via senão um muro immenso de negro basalto e tufo de um amarello torrado. Parecia que estavamos no fundo de enorme poço. Em baixo a sombra, o silencio e a solidão; em cima um ceu azul intenso, o sol batendo nas bordas do precipicio, ramos de arvores e hervas em flôr que balouçavam docemente, brizas perfumadas, o canto das aves. A luz, a vida, o movimento!

A pobre lady Fly sentiu-se um instante desfallecer; não tanto pelo cançaço, como pela influencia deprimente da funebre e fera natureza que a cercava. O doutor acudiu logo, com os seus saes e as suas queixosas e amoraveis admoestações. D. Facundo, vendo fugir-lhe a occasião de mostrar um dos seus thesouros archeologicos, acudiu á debil ingleza, recordando-lhe que estava já alli a famosa caverna que ella tantos desejos mostrára de ver, e na caverna a mumia da formosa Guaya.

XXX

A conquista de Teneriffe — O encontro de uma mumia

O leitor precisa saber o motivo porque emprehendemos uma viagem á caverna das mumias, onde jaz a que D. Facundo Primigenius chama a formosa Guaya. Vou dizer-lh'o.

Dias depois da minha chegada a Santa Cruz, conversavamos, eu e D. Facundo, ácerca da conquista de Teneriffe pelos hespanhoes, e das violencias e iniquidades dos conquistadores, que votaram ao exterminio uma raça inergica, simples, generosa e pura, que vivia em intimo convivio com as forças da natureza e parecia conservar-se n'aquella afortunada ilha, isolada do resto da humanidade, para mostrar ao mundo moderno o que o homem fôra nos tempos prehistoricos, na denominada edade da pedra, por serem d'esta, e não de metaes, que se fabricavam os instrumentos de trabalho e as armas de guerra.

—O distincto e consciencioso historiador Viera exprime-se a este respeito em termos inergicos e justos, —disse D. Facundo, tomando um livro da estante que tinha diante de si e lendo: —«Quantos se interessavam pela antiga nação dos guanches e quizeram ver subsistir com algum lustre a estirpe d'aquelles soberanos para monumento d'uma varonia nobre, veneravel e original, não poderão deixar de sentir, que n'este ponto fosse tão injusto o modo de pensar dos nossos primeiros povoadores e colonos. Longe de darem protecção e respeitarem aquellas familias desgraçadas, conforme deviam, por principios de religião, de honra e de equidade, trataram toda a nação com incrivel desprezo; por tal forma, que a pobreza, a timidez, o abatimento e, mais que tudo, a inclinação herdada a uma vida selvagem e errante, foram causas que concorreram para a destruição das reliquias d'um povo que se havia salvado da *Modorra*...—uma epidemia devastadora que grassou nos guanches nos ultimos tempos da conquista—notou o antiquario—«da *Modorra* e da guerra.»

—Reliquias lhe chamou Viera,—proseguiu D. Facundo,—e com razão. Espoliação e escravidão, depois de durissima guerra e desoladora epidemia, foi o que

um povo, que se dizia civilisado e christão e que entrou em Teneriffe implantando uma cruz n'essa praia que fica em frente de nós, soube dar como lição de virtudes a um povo simples e heroico.

Os illustres chefes, os *Menceys* que governavam a ilha, foram captivos e levados aos reis catholicos. O mais valoroso de todos, o que mais batalhou pela liberdade da patria, foi, como se de besta fera se tratasse, domada por ousados caçadores, arrastado pelas cortes da Europa e exposto á curiosidade do Papa; tudo para maior gloria da religião, e maior lustre da civilisação dos nossos cavalleiros e devotos avós!

Tempos felizes aquelles!

—E ainda ha quem por elles chore e os queira dar ás nações modernas como modelo de uma organisação social, fundada nas solidas bases da tradição, das virtudes heroicas, e da piedade religiosa!—acudi eu.

—Ainda a este proposito merecem recordar-se as severas palavras do maior naturalista d'este seculo, do grande Humboldt,—observou Primigenius, abrindo n'uma pagina marcada e annotada, um volume da celebre *Viagem ás regiões equinociaes*.—«A religião christã, diz Humboldt fallando dos Guanches, que na sua origem tão poderosamente favoreceu a liberdade

dos homens, serviu de pretexto á cubiça dos europeus. Todo o individuo aprisionado, antes de receber o baptismo, era escravo. N'esta epocha ainda se tinha buscado provar que os negros são uma raça intermedia entre os homens e os animaes; o trigueiro guanche e o negro africano, eram vendidos no mesmo mercado de Sevilha, sem que se discutisse se a escravidão deve pezar somente sobre o homem de pelle negra e carapinha.»

A Providencia, — accrescentou, — puniu por mais d'uma vez com mão severa os perpetradores de taes crimes; e nem d'esses castigos mysteriosos escapou o grande capitão, que commandou os soldados dos Reis catholicos que conquistaram Teneriffe.

— Como? Como foi?. . .—perguntei com curiosidade.

É uma longa historia, fructo das minhas largas e laboriosas explorações em busca de mumias guanches. Sabe talvez que desde a conquista se tornou difficil descobrir as cavernas, onde se guardavam os restos mortaes dos antigos habitantes da ilha. Já trinta annos depois da conquista, a veneração dos guanches pelos cadaveres dos seus maiores e o receio de os expôr á profanação dos seus conquistadores, levaram-os a occultar com fero zelo as suas cavernas mortuarias.

Foram essas cavernas cuidadosomente fechadas com pezados rochedos, de modo que se não descobrem nas fragas dos montes onde estão escavadas, a não ser por alguma circumstancia fortuita. Com a extincção dos guanches extinguiu-se a memoria dos sitios, em que esses rudes monumentos se construiram. Ha muito que eu andava buscando por toda a ilha um d'esses thesouros da antiguidade guanche, e quasi havia perdido toda a esperança, quando um dia...

— Encontrou?

— Encontrei... uma maravilha, meu caro amigo. — D. Facundo Primigenius já me honrava com a sua amizade, quando encontrei a ultima mumia embalsamada pelos guanches.

— Não póde ella citar-se entre as que contam a edade por milhares d'annos, como algumas de que fallam certos antiquarios,— proseguiu D. Facundo, sorrindo com ironia; — mas esta tem edade certa, e, o que é mais, tem uma historia completa.

— Uma historia! — exclamei. — Pois se os aborigenes se extinguiram todos, se não ha d'elles tradições escriptas... porque ignoravam os guanches a arte da escripta...

— Tenho sobre isso duvidas, que me parecem fun-

dadas. Ha signaes gravados nas rochas das Canarias que não parecem um mero accidente, uma phantasia casual. Mas a memoria da minha mumia, da minha formosa *Guaya*, encontrei-a n'um manuscripto na propria caixa de cedro que a encerrava. É um thesouro o meu achado; digo-lh'o eu. E no dia em que publicar a minha obra,— accrescentava o antiquario com orgulho,—conhecer-se-ha intimamente, o modo de viver e de pensar d'esse povo extraordinario, que habitou por largos seculos Teneriffe.

D'ahi a pouco contava eu a lady Fly a minha conversação; e a phantastica ingleza corria a casa do antiquario Primigenius.

Tanto insistiu a boa lady com o nosso velho amigo, que este prometteu mostrar-lhe o seu thesouro e ler-lhe a tragica historia da Guaya. Combinou-se logo ali uma viagem á caverna mortuaria, apezar das reflexões prudentes de D. Facundo e dos conselhos do dr. Wearisome; e o antiquario prometteu ler o seu curioso manuscripto em Orotava, onde o tinha e onde a ingleza tomára casa para passar alguns mezes, afim de melhorar a sua deteriorada saude.

XXXI

A subida ao convento dos mortos

— Ali está a caverna. — Disse D. Facundo, quando viu lady Fly inteiramente reposta da impressão nervosa que a perturbara.

— Caverna? — perguntou a ingleza, olhando em roda para as ribanceiras, onde se não deixavam ver senão estreitas fendas, abertas pelas aguas ou por algum dos abalos subterraneos que acompanharam as violentas erupções vulcanicas a que está sujeita a ilha.

— Vê aquellas duas lages ali na ribanceira que nos fica na frente? — respondeu o antiquario, apontando para duas pedras engastadas na rocha, a uns vinte metros de altura. — Alli é a caverna.

— Alli! — E milady pareceu assustada, e como des-

apontada pela evidente impossibilidade de lá chegar. Com effeito a ribanceira era tão aprumada, e as asperezas da penedia tão pouco accessiveis, que nenhum de nós ousaria emprehender a perigosa ascenção.

— Com boa vontade e alguma energia lá chegaremos todos — disse Primigenius, rindo complacentemente. — Olhem!

Dois robustos ilhéos, que nos acompanhavam desde a entrada no barranco, estavam já trepando com pasmosa ligeireza pelas asperezas dos penedos, e outros dois, partindo de baixo, iam fixando em buracos esmeradamente abertos na pedra, fortes barras de ferro. Em poucos minutos os ilhéos armaram uma boa escada com um corrimão feito d'um cabo fortemente esticado, e abriram a cova das mumias.

— Agora podemos subir. — E D. Facundo offereceu a mão á diaphana e flexivel lady, com amavel desenvoltura.

— Vamos. Com o meu pezo não cahirá a escada, por certo, — observou a pobre enferma, com uma expressão de falsa jovialidade, em que bem se deixava perceber a tristeza e o desalento. — Vamos para a cova dos mortos com animo de lá não ficar... ainda.

A entrada era baixa e estreita, de fórma que por

ella se não podia penetrar senão dobrando o corpo e amoldando-se ás asperezas da rocha. Lady Fly passou como um silpho pela fenda da rocha. — O dr. Wearisome correu risco de ficar entalado entre duas pontas de basalto, demasiado proximas para que, sem perigo, n'ellas se podesse laminar o rotundissimo inglez. Para animar o doutor e provar-lhe que o corpo humano é elastico e a tudo se amolda, como se fosse de pura gelatina, o gigante Aguahuco escorregou, mudando a cada instante de dimensões e de fórma, pela parte mais estreita e mais baixa da boca da caverna.

Estavamos todos reunidos no centro do vasto ambito da funebre caverna. Os olhos, deslumbrados pelo sol, a principio não podiam enxergar nada; as tochas, que os ilheos tinham nas mãos, lançando oscillante e avermelhada labareda, não faziam senão tornar, por assim dizer, palpaveis as trevas e imprimir ás sombras sobresaltos phantasticos, que davam ao caliginoso espaço infinita grandeza.

Pouco a pouco começámos a distinguir o que nos cercava. Era um espectaculo pavoroso.

A abóbada da caverna parecia perdida n'uma obscuridade sem limites; e, se por vezes um raio de luz

esclarecia um ou outro angulo saliente da rocha, era apenas clarão subito e fugaz, como exhalação luminosa n'um céo carregado de nuvens em noite de temporal. Em volta do muro corria uma extensa tarimba, ou estrado alto de madeira, sobre o qual estavam estendidas longas e esguias mumias moldadas em pelles avermelhadas, umas com os braços estendidos ao longo do corpo, outras com os braços cruzados.

Em volta e de pé contra a rocha, outras mumias estavam direitas e hirtas como estatuas de templo subterraneo da India.

Approximámo-nos, não sem um sinistro arripio, que nos fez estremecer a todos os que, pela primeira vez, vimos tão lugubre quadro. A pobre lady Fly estava ainda mais alva e enfiada que de costume; mas a inergia da vontade venceu a fraqueza dos nervos; acercou-se das mumias e olhou, com as pupillas dilatadas, a bocca contrahida, presa a voz na garganta.

A face das mumias conservava-se inteira. A pelle, endurecida como pergaminho, pegada ás caveiras mal dissimuladas pelas carnes ressequidas, deixava reconhecer distinctamente as feições d'aquelles seres humanos, que ha mais de mil annos talvez, sentiram, amaram, luctaram, soffreram, gosaram, viveram em-

fim, como nós outros. Os cabellos, ruivos em muitas, louro-dourados e longos em algumas, tinham a flexibilidade e a textura natural. As boccas contrahidas; os ressequidos labios, descobertos os dentes alvissimos e incorruptos, pareciam estar rindo. Os tremulos lampejos dos archotes saltavam, revelando-as vagamente, sobre aquellas tristes mascaras, e parecia*darem-lhes por instantes expressão e movimento.

XXXII

A morte não é para metter medo

—É uma dança macabra completa, e ao vivo.— Disse com riso amarello o dr. Wearisome.

A voz do doutor, rompendo o silencio que todos instinctivamente guardavamos, causou vivo sobresalto em milady, e, força é dizel-o, não foi indifferente para nenhum de nós.

—As macabras eram a representação burlesca da morte; uma cruel reacção contra os terrores fradescos do outro mundo e das penas eternas do inferno — accudiu D. Facundo.—Aqui nada ha de risivel, é verdade, mas nada ha tambem de pavoroso... a não sermos nós os que estamos vivos, com a luz phantastica das nossas tochas e... os nossos medos supersticiosos.

—Medos!—exclamou lady Fly.—Eu não tenho medo dos mortos; tenho o sentimento profundo da grandeza d'esse mysterio, que está para além da morte.

—A isso é que eu chamo medo, milady. Talvez a expressão não seja justa, mas o sentimento de pavor dos mortos existe e é um sentimento inteiramente moderno; é um sentimento que se desenvolveu com o christianismo. Os terrores do vulgo, explorados artificiosamente pelos apostolisadores de um ascetismo ignaro, fizeram da elevadissima doutrina da vida futura, não uma doce consolação para os que soffrem, mas um tremendo e enervante espantalho para os espiritos fracos. Em vão os pintores e os poetas, reagindo contra aquelles estupidos terrores, os metteram a ridiculo em seus quadros e poemas; já traçando grotescas danças de esqueletos, já pondo em rima as proesas, tristemente burlescas, da morte. Nem a «grande dança macabra dos homens e das mulheres», nem o curioso poema de Juynes Juynes extinguiram no vulgo e até nos homens illustrados o inepto terror da morte.

—A morte,—interrompeu a descórada ingleza—a morte é tão feia... tão fria!—E a pobre lady poz sobre o peito o véu, que lhe fluctuava em roda, como se a tomára subitaneo regelo.

—Para os antigos a morte era apenas o eterno somno,—disse eu.—Uma borboleta sobre uma lampada apagada, representando o espirito a partir para as regiões eternas; rosas e corôas de flôres esculpidas a desfolharem-se; um faxo a apagar-se caindo dos braços do amor; scenas da vida para representar a morte, não como dôr mas como repouso, não como mysteriosa entrada no funebre mundo dos terrores, mas como saudosa despida das maravilhas esplendidas da natureza viva.

—Flores e harmonia, doces companheiras da vida, como me consolariam na hora do passamento!—exclamou a ingleza, apertando ao peito as mãos descarnadas, mas admiravelmente moldadas, e com os olhos a arrazarem-se-lhe de lagrimas.

—Nada de ideias tristes, milady,—exclamou o dr. Wearisome.—Ver-me-hei obrigado a intervir com a minha auctoridade de medico, para pôr termo a taes emoções. E com voz branda e quasi supplicante:—Vamo-nos d'aqui milady; este logar é frio, sombrio e humido; póde fazer-lhe mal o demorar-se mais aqui. Foi para gosar do ar puro e vivificante do oceano e das serras, do perfume das flores e da luz do sol que veio a Teneriffe, Milady, e não para passeiar pelas

cavernas mortuarias dos Guanches, ou ouvir as dissertações eruditas e instructivas, por certo, mas pouco alegres do sr. D. Facundo Primigenius.

John Bull acabava de mostrar uma das suas feições proeminentes; a impolidez inconsciente da phrase. D. Facundo despeitado acudiu logo:

—Tem razão, dr. Wearisome; mas peço para me justificar. Não propuz eu a milady esta digressão á gruta da Guaya, nem lhe fallei nas minhas... tristes dissertações sobre os Guanches, sem a isso ser convidado por sua excellencia. Para a distrair, onde tão poucos passatempos ha, alludi á historia da minha mumia, e lady Fly desejou conhecel-a e vir á caverna mortuaria e...

—E gosar d'este delicioso passeio que fizemos, e gosar do mais curioso espectaculo que na minha vida tenho visto,—acudiu milady, a quem as expressões do rotundo doutor haviam escandalisado tanto como a Primigenius.

—Não faça caso, sr. D. Facundo, do que diz Wearisome; é um bretão barbaro, que se crê pulido pela sciencia e pelo uso do mundo.—Ai! suspirou lady Fly, como peroração.—O maior martyrio das inglezas é aturarem os inglezes!

—Obrigado milady,—acudiu o doutor.

Parecia querer-se toldar por toda a parte a serenidade dos espiritos, e eu julguei opportuno perguntar a D. Facundo pela mumia da Guaya, causa da viagem que haviamos feito, e das queixas impertinentes do doutor inglez.

—Vamos, vamos a vêr a Guaya,—acudiu milady, batendo as palmas com alegria infantil:—vamos a vêr esse portento de belleza.

—Belleza ressequida, rosnou Wearisome.

—Callar, callar, doutor—disse lady Fly com auctoridade, mitigada por um sorriso.—Se eu fosse a dar ouvidos a Wearisome, estava já feita herva n'uma estufa; herva estiolada e sem flor. Nada via, nada ouvia, desdenhava de tudo... menos da medicina e do *roast-beef*. Hoje cala-se a Faculdade, doutor, e governa a poesia...

—E o *roast-beef* tambem,—interrompeu D. Praxedes Aguahuco alegremente.

—Temos alli que almoçar, e a fome já vae apertando.

Todos concordámos. Lady Fly agradeceu com um sorriso—em que não era só o estomago que intervinha—a lembrança de D. Praxedes.

Sahimos da caverna, e á sombra d'um penedo, onde brotava do chão limpida fonte e corria temperada aragem, nos sentámos a almoçar. Ao terceiro copo do excellente vinho de Teneriffe, o Dr. Wearisome estava reconciliado com todos e com tudo. Milady, reconfortada pelas emanações inebriantes do nectar que levava aos labios com frequencia, sorvendo-o gota a gota com manifesta satisfação, tinha a pallida face ligeiramente animada de rosado arrebol. O D. Facundo estava satisfeito, como archeologo que se vê cercado de curiosos e admiradores, junto do campo das suas conquistas. D. Praxedes Agualuco não cabia em si, ao sentir-se docemente acariciado pelos reflexos foscos dos olhos de loiça de milady. Eu comia como quem tinha estomago de boa tempera, espirito sem cuidados, e a esperança de ouvir a historia de uma mumia que promettia, ao menos, fazer-me passar algumas horas de instructiva distracção, e dar-me assumpto talvez para um conto com que animar a narrativa das minhas viagens.

XXXIII

A caverna dos mortos

— Veja, milady, como em volta da caverna se abrem na rocha os nichos, onde os nossos pastores depositavam vasos de barro com leite e *gofio:* o fardel para a longa viagem dos seus *Xaxos* — disse, ao voltarmos á caverna o antiquario, a quem a attenção complacente de lady Fly fizera esquecer as indelicadas palavras do dr. Wearisome.

E em seguida, D. Praxedes, que era o commentador obrigado do seu velho mestre e amigo, fez uma bombastica exposição dos costumes dos guanches, dos quaes, em termos arrebicados, exaltou a singeleza pastoril. Explicou elle como com agua e sal, com unguentos de manteiga de cabra e hervas cheirosas, e com

pós secativos vegetaes e mineraes, os guanches preparavam as mumias, a que chamavam *Xaxos;* como as envolviam ou antes as moldavam em pelles finas e bem curtidas, e como, emfim, ao deposital-as nas grutas mortuarias, lhes offertavam um jarro de leite e *gofio*...

— Gofio?! O que é?— perguntei.

D. Praxedes Aguahuco respondeu-me com os versos de Viana, o candido cantor das Afortunadas:

La mejor variedad de sus manjares,
Era que la cevada bien tostada.
En molinos de mano remolian.
Tanto que del pajizo y tosco grano,
Sacavan el menudo y sutil polvo,
A quien llamaron gofio, que suplia
Por regalado pan para el sustento,
Con leche, miel, manteca lo amasavan;
Y con sola agua y sal, el que era pobre.

Lady Fly que sufficientemente entendia e fallava o hespanhol, dispensou a explicação, que lhe queria dar o dr. Wearisome; o qual, havendo passado muitos annos no Perú como agente de uma sociedade protectora dos coolis, conhecia perfeitamente a lingua de Cervan-

tes. Não queria, a romanesca lady, perder a impressão musical que lhe causava a declamação de D. Praxedes, cuja voz possuia uma extraordinaria sonoridade.

— Como vê, milady, nada tinha a morte de pavorosa para os nossos guanches,— disse, passado alguns momentos, D. Facundo,— uma viagem, uma simples viagem mais larga que as outras, que elles faziam em vida pelas penedias da serra. Para a viagem vestiam os xaxos de pelles; ornavam-lhes o collo com collares de contas feitas de barro vermelho; davam-lhes um fardel de leite e gofio; punham-lhes, ás vezes, ao lado o cajado, symbolo do mando em terras de pastores.

— Quando já não tinham esperança de poder ser uteis, quando a doença ou a velhice lhes tolhia os membros e os impossibilitava de trabalhar ou de combater, eram elles, os singelos pastores d'estas ilhas Afortunadas, tão despegados da vida e tão pouco medrosos da morte que, juntando em volta de si os seus parentes e affins, sentados, ao cair da tarde, á entrada da escura caverna em que habitavam, contemplando saudosos as penedias, as serras, as arvores, os campos, os rebanhos; escutando com melancholia, o murmurar das aguas, o sussurrar das folhas, o chilrear melodioso das aves, o tremelicoso balar dos cor-

deirinhos, o latido longiquo dos cães, o trovar amoroso das pastoras: diziam... elles os philosophos da natureza, *Vaca guaré!* Quero morrer!—E tristes, mas resignados, os parentes, os amigos, transportavam esses desenganados da vida á caverna mortuaria que haviam escolhido, reclinavam-os n'um leito de brandas pelles, punham-lhes á cabeceira um jarro de leite, e cerrando depois a funebre mansão, ali os deixavam acabar na solidão e no silencio a cançada existencia.

Esta interessante narrativa fêl-a D. Praxedes com singular enthusiasmo, e em tragica melopeia. Era evidente que, ao descendente dos guanches, não eram indifferentes os enthusiasmos phantasiosos da herdeira espiritual de Malvina, a musa lacrimosa do velho bardo Ossian.

Mas o rotundo doutor não gostava de pensar na morte, nem sentia em si disposições para articular resignado o triste *Vaca guaré!* dos antigos ilhéos: por isso suggeriu, a medo para não escandalisar milady, que era tempo de ver a curiosa mumia, a que D. Facundo Primigenius, com muita rasão — a ser verdade o que d'ella contava — dava excepcional importancia.

XXXIV

A mumia da bella Guaya

D. Facundo encaminhou-se para o fundo mais recondito da caverna; e ahi, afastando com ajuda dos dois ilheos uma pezada lage, poz a descoberto um estreito nicho onde estava de pé um caixão de madeira de cedro. Transportada para a boca da gruta, onde lhe dava a luz do dia, a caixa preciosa, como Primigenius lhe chamava, começou este por fazer observar a perfeição relativa com que ella fôra feita.

— Com toscos instrumentos, machados e facas de pedra cortante a que chamavam *tabonas*, faziam aquelles homens rudes todas as suas obras. E com que perfeição? Veja, lady Fly — proseguiu D. Facundo, abrindo o caixão. — Veja se a Guaya era bella como lhe disse.

Era de maravilhar o que então vimos!

Dentro do caixão de cedro perfumado, que similhava gracioso nicho, um vulto de mulher de uma belleza de fórmas, de uma pureza de linhas, de uma graça de contornos como só um Praxiteles ou um Canova o poderiam sonhar. As pelles finissimas, em que fôra amortalhada a formosissima Guayá, haviam moldado, com inexcedivel perfeição, aquelle corpo maravilhosamente harmonico em todas as suas proporções: e conservavam inalterada a sua primitiva compostura. O tempo déra ás brancas pelles uma tintura rosada: e a meia luz que entrava pela boca da caverna animava aquella fórma vã com os tons da vida. O ligeiro capuz que cercava a cabeça sem a cobrir, desenhava em torno d'esta um nimbo gracioso. Nenhum de nós, nem o proprio dr. Wearisome, pôde conter a sua admiração ao fixar-se no rosto da mumia, cuja perfeita conservação raiava quasi em milagre: parecia esculpida em marfim que o tempo apenas amarellecera: as feições eram de uma regularidade e pureza esculptural irreprehensiveis. A fronte era larga e levemente proeminente; os cabellos longos e d'um louro dourado, que a coroavam, caiam com profusão pelos hombros e vinham espalhar-se sobre o peito em ondula-

ções caprichosas. As palpebras cerradas, mais parecia haverem cedido ao peso do somno do que á fria e dura acção da morte. Os labios entre-abertos, descobrindo um pouco os dentes alvissimos, desenhavam na boca, bem talhada e breve, um triste e angelico sorriso.

O oval perfeito da face, alterado pelo dessecamento dos musculos, tomára a fórma alongada, caracteristica das estatuas que repousam sobre os tumulos gothicos. Os braços cruzavam-se pudicamente sobre o seio; e na mão pousava, cuidadosamente embalsamada, uma d'essas avesinhas de plumagem azul, que vivem no triste deserto que cerca o Pico do Teyde, entre as brancas e perfumadas giestas. Companheira graciosa das alpinas violetas e das rosas dos jardins d'Armida, cantados pelo Tasso, ás suas formosas socias na solidão, faz ouvir os seus melodiosos e tristes gorgeios a graciosa *Fringilla*, que prefere a morte ao captiveiro.

Que bella na serenidade da morte! — exclamou lady Fly. — Parece uma estatua que dorme e em cujo rosto o esculptor soube revelar-nos os encantos d'um sonho d'amor!

A romantica ingleza olhava para o bem apessoado Aguahuco; e n'aquelles olhos desenxabidos havia uma expressão de mal definida paixão.

D. Praxedes nem se quer se apercebeu do olhar de milady; tanta era a admiração, persistente e quasi apaixonada, com que admirava a maravilhosa mumia.

— Não me canso de ver a formosa Guaya,— disse elle.— Cada vez que D. Facundo me permitte admirar o seu thesouro, sinto-me como transportado ao tempo em que era dos guanches esta formosa ilha, e figura-se-me ver aquelles olhos abrirem-se, aquelle sorriso viver, e palpitar aquelle coração... como palpitam os corações que amam.

Decididamente aquella mumia tinha um influxo magico sobre quantos a viam. As palavras de Aguahuco não eram a expressão do enthusiasmo d'um archeologo, mas as d'um amante. D. Facundo Primigenius, ao ouvil-as, fechou quasi involuntariamente o caixão; a physionomia, sempre serena, do velho antiquario tomou, por um momento, uma expressão extranha. Dir-se-hia que tinha zelos do seu joven amigo e discipulo.

Ao dr. Wearisome não passava sem reparo nem o olhar de milady para D. Praxedes, nem o enthusiasmo d'este pela mumia.

Na sua face rubicunda, que eu mirava com curio-

sidade, appareceram successivamente a expressão do despeito e d'uma acre jovialidade. Foi sob esta ultima impressão que elle disse:

— Está admiravelmente conservada esta mumia. Deve ter-se por maravilhoso o processo de embalsamamento que produz taes resultados. Mas não creio que se chegasse a conseguir ressuscitar nos cadaveres as faculdades de sentir... e de amar; aliás poderia essa mumia apaixonar-se por algum dos seus adoradores, como elles por ella se apaixonaram já.

Primigenius e Aguahuco olharam ambos, com surpreza e máo humor, para o inglez; como se as palavras ironicas d'este houvessem dado subitamente fórma e realidade ao sentimento vago e confuso, que se lhes escondia no mais intimo e recondito da alma. Ambos involuntariamente soltaram uma exclamação e fizeram um gesto de energica denegação.

Foi D. Facundo quem primeiro se repôz do abalo causado pelas palavras insidiosas do Wearisome; e, como envergonhado de haver tão bruscamente encerrado a mumia, disse — Tem rasão, doutor. É perfeita a conservação da mumia. Eu julguei que já a tinham observado bem, por isso fechei o caixão. O ar pode prejudical-a e já estava ha muito ao ar. Mas se a

quer... se a querem ver outra vez, se o doutor a quer estudar, aqui está ella para isso.

— Não, não, D. Facundo — acudiu a ingleza, — o melhor é guardal-a já no seu nicho de pedra, para que não soffra avaria... e para que a não soffra tambem o seu amigo D. Praxedes. A vista de Guaya agita-o e commove-o tanto!

— E não tenho rasão, milady? — respondeu Aguahuco — procurando esconder a impressão que o dominava n'um riso falso.—Aquella pura belleza, simples, serena, candida...

— E secca! — interrompeu acremente milady.

— Na morte — acudiu offendido o descendente dos guanches.— Na vida, como vê, tinha fórmas d'uma Venus. Não tinha a pelle collada ao osso... em vida.

A pobre lady olhou involuntariamente para as mãos de esqueleto que a doença lhe fizera, e um rubor tenuissimo lhe assomou ás faces, para logo se esvaecer n'uma pallidez de morte: os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas, e os labios convulsos murmuraram:—Vamo-nos d'aqui, vamo-nos depressa.

Causou-me dolorosa impressão ver aquella mulher, ainda nova, que tinha todas as condições materiaes do que o mundo chama a felicidade, a sentir-se con-

sumir por implacavel doença, a querer apegar-se á vida por um sentimento subito e apaixonado, que se lhe gerava ao mesmo tempo na imaginação e no coração, e vendo cahir as suas poeticas illusões em face d'uma mumia; rival posthuma saida do sepulchro para rematar as suas desditas.

— Vamo-nos, milady, — disse-lhe eu, offerecendo-lhe a mão para a ajudar a descer a ingreme escada.

Aguahuco comprehendendo o mal que involuntariamente fizera á valetudinaria ingleza, offereceu-lhe tambem o apoio do seu braço. Lady Fly, agradecendo-lhe com um sorriso que era ao mesmo tempo uma queixa, uma caricia e um lamento, tomou-me a mão, e desceu resolutamente.

— Soffre, milady? — perguntei eu, vendo quanto a afadigára o movimento rapido e penoso que acabava de fazer, e ainda mais as dolorosas sensações que a haviam assaltado.

— Não; não é nada — disse ella, sentando-se quasi desfallecida n'uma pedra — Vae passar já. — E, depois de curta pausa, perguntou-me com voz dolente: — É bella, muito bella, não é verdade?

— É, de certo, — respondi. — Mais perfeita mumia não a póde haver.

— Mas não é crivel que um homem se possa apaixonar por ella?!

— Em idéa, milady!— disse eu.— Algum archeologo, como D. Facundo, pode, com rasão, considerar aquelle curioso exemplar, como um objecto de inestimavel valor para um museu.

— Não é da paixão de antiquario colleccionador que fallo, é...

— É de uma paixão de namorado?— acudiu D. Facundo, que se aproximára de nós e ouvira as ultimas palavras da conversação.— Namorado de Guaya, namorado d'uma morta de ha mais de dois seculos e meio, só eu o posso estar. Bem vê, milady, que os velhos não devem empregar o seu amor, senão em quem lh'o possa pagar além da sepultura, para onde vão rapidamente pendendo já.— E o bom do antiquario riu-se maliciosamente. De si, ou de lady Fly? Talvez de ambos.

XXXV

Lady Fly namorada

Esta interrupção de Primigenius animou um tanto a impressionavel ingleza; um sorriso menos angustioso lhe curvou os pallidos labios, e os seus olhos, ainda humidos de lagrimas, buscaram a colossal corpulencia de D. Praxedes. Este, cofiando a ruiva barba, escutava com ár de sufficiencia uma dissertação que lhe estava fazendo o dr. Wearisome, sobre o estudo comparativo das mumias Egypcias e das mumias Guanches, e causas provaveis de suas differenças e similhanças; mas não deixava o joven antiquario, por reflexo, de pensar em milady, e de olhar de soslaio, quando defendia emphaticamente as mumias da sua terra, contra as suas rivaes do Nilo.

Os olhos do exuberante Guanche e da amoxamada filha d'Albion, encontraram-se e logo alli se fez a reconciliação pela magia, não da belleza d'ella ou da elegancia espirituosa d'elle, mas pela magia d'esse mysterioso poder que geralmente atrahe os contrarios, quer no phisico, quer no moral, quer nos seres viventes, quer nas forças da natureza.

A consequencia immediata d'esta reconciliação tacita, foi lady Fly passar uma rápida inspecção á sua toilette; sacudindo o pó aqui, dando alli uma curva graciosa ás pregas do vestido, alisando uns cabellos e desordenando artisticamente outros, envolvendo a cabeça no branco e transparente véo de modo a imitar um turbante, e prendendo em volta da cintura faxa transparente e variegada, com as pontas largamente fluctuantes e franjadas de ouro. Terminada esta fructuosa operação, conscienciosamente emprehendida no intuito de realçar os seus escalavrados encantos, milady levanton-se, e, encaminhando-se para os dois interluctores na sahia discussão, disse-lhes: — Deixem-se agora de fallar em mortos, e occupemo-nos dos vivos. Vae apertando o calor e eu sinto necessidade de descançar. O sr. D. Praxedes perdoará a uma pobre enferma o confessar assim a sua fraqueza.

—Milady tem dado provas d'uma intrepidez, que não denuncia fraqueza,—respondeu Aguahuco.—A elevação d'um nobre espirito e a energia da vontade supprem a debilidade das forças physicas, e bastam muitas vezes para realisar os mais heroicos feitos.

—Não tenho aspirações heroicas. O que busco é esquecer-me do mal que me vae minando a existencia; e por vezes... é tão forte em mim o enthusiasmo por tudo que é grande, é tão poderosa a minha admiração por tudo quanto a poesia envolve em seus mysticos perfumes, que me parece sentir a vida affluir-me ao coração... e com ella a esperança de poder, como as demais mulheres, gosar d'uma existencia plena e florida; fazer a felicidade dos outros e alcançar assim esse contentamento illimitado, que a Providencia sabe dar aos que cumprem os deveres que ella impoz a todos nós. Doce illusão esta minha! —E de novo as lagrimas assomaram aos olhos amortecidos de lady Fly.

Estava sinceramente internecido o colossal Aguahuco, quando disse á sentimental ingleza:—Coragem! Tenha confiança, milady, na benefica acção do clima vivificante de Teneriffe. O jardim do mundo é Orotava, e alli a natureza faz prodigios... que n'este caso

não são, felizmente, precisos. Algumas semanas bastarão para debelar o seu leve soffrimento, milady, e restaurar-lhe finalmente a saude.

Será o que Deus quizer! — disse a ingleza com resignação.

XXXVI

O valle de Guimar

O valle de Guimar, onde entramos depois de caminhar curto espaço pela ribeira do mar, sobe em amphitheatro até aos elevadissimos penhascos de *la Cumbre* e das *Cañadas*, que formam como um circo abrupto em volta da chã immensa, onde se levanta o grandioso Pico do Teyde. Fecham o valle por um e outro lado duas magestosas ribanceiras basalticas, que em cima se destacam do espinhaço da serrania, e em baixo vem morrer na costa do oceano: no sopé d'estas ribanceiras correm profundos barrancos, que são, no inverno, torrentes impectuosas.

A beira-mar, árida e arenosa, tem o mesmo aspecto desolado, a mesma vegetação triste de *facies* africana

que o resto da faxa litoral que haviamos percorrido desde S. Cruz. Tres negros e elevados morros, sentinellas avançadas dos numerosos vulcões, que em diversas epochas tem profundamente rasgado o solo revolto da ilha, levantam-se quasi sobre o mar, e augmentam ainda a severidade do sombrio átrio d'aquelle fresco e formoso valle.

O contraste é maravilhoso, mas não perturba, antes realça a belleza da caracteristica paizagem.

A poucos kilometros do mar levantam-se sobre uma collina, — por entre o verde alegre dos pampanos, a ramada magestosa dos loureiros e vinhaticos, a pallida folhagem das figueiras, as boliçosas vergonteas das trepadeiras, — grupos pittorescos de alvejantes casas.

É Guimar. Mais além, a maior altura, apparece sobre a direita uma graciosa aldeia, situada á entrada de estreita garganta formada pelo monte Yzanha, que se encosta ao combro da grande serrania central e a um recosto elevado e parallelo. É Arafo.

Acima das duas povoações e da zona cultivada e fertil, ali quasi onde o valle de Guimar vae fenecer, estreitando se nos alcantis da serra, ergue se escuro monte, magestoso e soberbo, que parece estar ameaçando de tremendo cataclysmo de fogo o calmo e ame-

no campo, que as flôres e os fructos alegram com naturaes primores.

Áquella hora, o valle brandamente repousava em descuidoso silencio, interrompido apenas pelo melancholico cantar dos graciosos canarios e pelo ciciar da aragem entre as folhas, ou pelo tintinar das campainhas dos rebanhos e resonantes brados dos pastores nas montanhas, quando n'um dos primeiros annos do seculo passado, em noite de natal, cheios os ares dos canticos de alegria e singelas orações do povo em louvor do Menino Deus e da Virgem Maria — da milagrosa Virgem da Candellaria — um violento terramoto lançou o terror e a consternação em Teneriffe e principalmente em Guimar. Os abalos succediam-se uns aos outros com pavorosa rapidez. Os templos, as casas, fendidas e desmoronadas as paredes, caiam a pedaços. Tombavam as arvores, arrancadas pelos impulsos subterraneos. Sacudidos pelas convulsões do solo, os penedos precipitavam-se dos montes no fundo dos barrancos com estrepitoso ruido. Fundiam-se as rochas, abriam-se precipicios. Tudo se agitava e tremia. A ilha inteira parecia querer sumir-se no Oceano. Os canticos alegres, as devotas orações gratulatorias, os risos e as musicas do povo mudaram-se em

desolados prantos, em gemidos angustiosos, em orações de penitencia. Por toda a parte se ouvia supplicar a brados a divina misericordia, e a esses brados misturavam-se os lugubres estertores da agonia. Rasgava-se a terra por muita parte, vomitando fogo; sem que as suas terriveis oscillações tivessem termo. Por trez mezes successivos durou aquelle medonho paroxismo da natureza; até que, impellida a montanha pelas forças volcanicas, se levantou, na base *de los Roques de Guimar*, arrojando torrentes de lava constante, o volcão de sinistro aspecto, que assombra o valle.

Da cataracta do extincto volcão vêem-se sair duas poderosas massas de lavas e escorias negras, contorcidas, revoltas, escabrosas, que descem em sinuosos enleios, pelo pendor do monte: uma acercando-se de Arafo, e alongando-se depois n'um barranco até o mar: outra, dividindo-se em dois ramos, um dos quaes por tal modo se encosta á povoação de Guimar, que só por milagre esta ha podido escapar á sorte da desditosa Herculanum.

Por detraz da pyramide volcanica, a montanha, fendida e profundamente dilacerada, deixa ver agora as alcantiladas muralhas de basalto, entre as quaes corre

o escuro e escabroso desfiladeiro, por onde o valle de Guimar communica, atravez de *la Cumbre* e de *las Cañadas*, com os territorios situados na outra encosta da ilha.

O sombrio, arido, sinistro aspecto do monte volcanico, projectando-se nos despenhadeiros asperrimos e negros, que no alto cume da serra mal escondem entre nevoas as agudas dentaduras de suas cristas inaccessiveis, fórma o ultimo plano da maravilhosa paizagem que ao subir o valle admiravamos, em quanto D. Facundo Primigenius nos contava a terrivel historia do terramoto e da erupção de 1705.

Assim, entre as narrativas de Primigenius e as exclamações tragico-sentimentaes de lady Fly,—que lamentava ainda não ter sentido os terrores de um terramoto, nem presenciado o grandioso espectaculo de um volcão em plena erupção,—chegámos á praça de Guimar, cujo nome, de que me não recordo, devia naturalmente ser «Praça da Constituição», visto como nas Hespanhas, terra de si dada a theoricos constitucionalismos, não ha povoação ou logarejo que não tenha a sua praça da Constituição. Entrámos, pois, na praça... da Constituição.

Ao fundo a egreja, cuja frontaria só tem de notavel

a triste nudez de um paredão caiado, e desgraciosamente rematado por tres recortes semicirculares. Abre-se alli um largo portão, emmoldurado por duas toscas pilastras, rematadas por entablamento já gasto pelos annos. Por cima tres janellas; a central, servil imitação do portão; e as lateraes, fiel copia de duas orbitas sem olhos.

Á direita, algumas casas, em estado de transição a pardieiros e pouco communicativas por natureza; pois que lhes não sobravam nem janellas nem portas, e as poucas que tinham, tão estreitas eram, que parecia estarem alli unicamente para satisfazer ao velho preconceito de terem as casas aberturas, por onde entrem seus donos, e o ar penetre de quando em quando.

Á esquerda, uma muralha antiga, com um resalto ao meio, e no angulo uma guarita; no prolongamento da muralha, uma casa de severa apparencia, com portão ornado de grossa pregaria, e duas janellas estreitas com grades de ferro. Um vinhatico colossal debruçando grossas pernadas por cima da muralha; alguns ramos de medronheiro arboreo ostentando, por entre folhas similhantes ás do *loureiro*, formosos cachos de *medronhos* côr de laranja. Os ensaiões e os fetos bro-

tando pelas juntas das pedras e sobre os telhados: delicadas gramineas seccas, dourando o chão, davam áquelle quadro, de genero puramente rustico, uma apparencia triste de solidão e de abandono.

Ao entrar na praça a extravagante caravana, saiu da egreja ao nosso encontro o cura, de longa sotaina negra e enroscado chapéo á D. Bazilio. D. Serapião, o cura de Guimar, podia tomar-se por um perfil e não por um vulto de homem, tão proeminentes eram o nariz e o queixo, e tão chato, escorrido e esgrouviado tudo mais. Maravilhava vêr aquella sinistra e exotica figura caminhar para nós com velocidade de duende; e ainda maravilhava mais ver-lhe escancarar n'um riso alvar e triste, a boca descommunal, por onde saia a mais rouca e retumbante voz que tem desentoado cantochão em côro de aldeia.

— Salve Deus o sr. D. Facundo — disse o cura.— Esperando estava eu por Vossa Mercê e pelos seus companheiros de viagem. — D. Serapião saudou lady Fly, que pousava sobre o seu camello. — Tambem os está esperando a nobre Senhora D. Saturnina de las Angustias Marcos y Marcos Calavera y Cursi, e seu heroico marido, o general Calavera y Cursi, gloria d'esta parochia de Guimar e honra das ilhas Canarias.

XXXVII

D. Saturnina e o general Calavera

O tropel e a resonante voz do cura começaram a chamar sobre nós a attenção dos visinhos de Guimar. A vista da ingleza, em volta da qual fluctuavam o veu branco que lhe pendia do chapéo e a faxa multicôr que lhe enrolava a cintura, picou a curiosidade desoccupada dos pacificos habitantes da aldeia. Primeiro assomaram ás portas, ás janellas, ás frestas, ás esquinas cabeças de mulher, em que se pintava a admiração e se deslisavam risos benevolos, mas pouco lisongeiros para os que serviamos ali de espantalho publico: depois acercou-se de nós um grupo de pequenos, mais rotos que respeitosos; seguiram-se-lhes alguns dos poucos homens ociosos do logar, e umas

seis ou oito beatas que, interrompendo as suas devoções matutinas, sairam ao adro da egreja para dar fé do que passava.

D. Serapião, affastando os importunos, reprehendendo as beatas, saudando os magnates, dando a mão a beijar aos pequenos, não sem lhes sacudir um tanto as orelhas, foi-nos encaminhando para a casa de aspecto antigo e severo que nos ficava á esquerda, e que até ali se conservara fechada, como se em tão fidalga mansão não podesse a curiosidade ter entrada.

— Esta é a casa de D. Saturnina de las Angustias Marcos y Marcos Calavera y Cursi — disse o cura para a ingleza, batendo na solemne porta.

Dois robustos camponios, que haviam tirado a vestia e a manta serrana para vestirem fardas verdes, a que o tempo e a luz haviam dado tons amarellos, como os das folhas outoniças, vieram ao nosso encontro para nos ajudarem a apear.

Os dois labrêgos agaloados tomaram a dianteira, com gravidade comica, e nós, seguindo-os processionalmente, transpozemos os derrocados umbraes do fidalgo solar dos Marcos y Marcos, onde nos recebeu um velhinho que exercia o honroso cargo de mordomo e escudeiro de D. Saturnina de las Angustias e de seu glo-

rioso marido. D. Santiago Calavera y Cursi esperavanos á entrada do pateo interior. Era o general homem mais que septagenario, figurando ter muito menos annos: baixo e franzino; ornado de profuso cabello, de crespo bigode e sobrancelhas espessas; tudo cuidadosamente tinto de um negro que rivalisava com a lava do volcão de Guimar. Vestido de alvadio claro, realçava a sua juventude artificial — o general dava-se ares de *pollo* — uma gravata do mais vivo azul.

Cercado de alegretes com flores, ornado de arbustos e trepadeiras dos tropicos, refrescado por um tanque onde corria em profusão a mais limpida, saltitante e appetitosa agua que n'aquella hora de calor se podia cobiçar, abrigado do sol por um toldo, preso a tal altura, que deixava circular livremente o ar, aquelle pateo dava-me uma sensação de bem estar, de frescura e de socegada alegria, que não tiveram força para perturbar, nem a desenvoltura impertinente e cumprimenteira do general, nem a voz horripilante do cura, nem a agitação atarantada e lorpa dos criados.

O general dando o braço, com requebrada e afrancezada galanteria, a lady Fly, conduziu-a a uma sala que ficava do outro lado do pateo. Alli estava a fidalga; a descendente da estirpe illustre dos Marcos y

Marcos. A sala era grande, quadrada, mal alumiada por duas janellas que, sobre serem estreitas, eram assombradas por espessa ramada, que bracejava das arvores seculares da quinta: o chão era ladrilhado á mourisca; o tecto, madeira escura, quasi negra, trabalhada em florões e pingentes; as paredes, tapetes d'Arras com batalhas romanas e tres grandes quadros da escola funebre e ascetica de Rivera; os moveis, antigos como a sala, de couro lavrado com pregaria de bronze.

D. Saturnina de las Angustias Marcos y Marcos Calavera y Cursi era, no physico, senhora para aquella sala. Mais de cincoenta annos; alta e grossa; cabeça orgulhosa e levantada; profusos cabellos, negros como azeviche; olhos mais negros ainda, que vivamente repelliam a expressão de languida melancholia que sua dona lhes queria dar; boca franzida aos cantos, ligeiramente encurvados para cima; nariz fortemente aquilino; gesto pomposo, que um certo abatimento artificial tentava adoçar; vasquinha de seda negra, com largas pregas lançadas com elegancia; tal era a fidalga de Guimar.

As duas damas sentaram-se, com admanes da mais perfeita cordialidade e da mais aristocratica cortezia.

A hespanhola, com a desenvoltura expontanea do caracter nacional; a ingleza com o gesto compassado e postura um tanto impertigada, que não destoa no *gentlemanismo* britannico. Depois de trocarem algumas palavras banaes, D. Saturnina encaminhou lady Fly para os seus aposentos; o general fez o mesmo ao dr. Wearisome. D. Facundo, Aguahuco e eu fomos para casa do cura, que era do outro lado da praça, ao pé da egreja. Uma hora depois, estava comnosco D. Santiago Calavera y Cursi.

XXXVIII

A familia Calavera y Cursi

Estavamos reunidos n'um espaçoso serrado, que era ao mesmo tempo jardim, pomar e horta. Ali, as laranjeiras e bananeiras, as anonas e mangueiras, entremeavam-se com a vinha; os maracujás, as aboboreiras, as fuxias e as boguenvilias formavam espaçosas mattas; ali os ananazes erguiam as suas elegantes pinhas coroadas de rígidas folhas, ao lado de couves e alfaces e do inhame; as cannas de assucar vegetavam junto do milho: os feijões abraçavam-se com a batata doce. Bignonias esplendidas, modestas e perfumadas rosas, bromelias de côres rutilantes, mirtos sombrios, phantasticas orchideas, flores, emfim, de todas as regiões abriam ás brisas, suaves e tepidas, as corolas

esmaltadas de mil cores, embalsamando-as com viva e penetrante fragancia. Era o passal do cura; que elle com esmero cultivava por suas mãos, e lhe era passatempo e enlevo na sua pittoresca e desordenada variedade. Já D. Serapião nos havia feito admirar cada uma das suas flôres favoritas, já nos tinha mostrado as suas mais prosperas culturas, já nos chamára a attenção para a pittoresca vista das montanhas e para os graciosos movimentos das nuvens que corriam por ellas; e era de vêr o enthusiasmo e a quasi ternura com que o bom do cura fallava das mudas, mas viçosas e perfumadas companheiras da sua vida solitaria. Havia alguma cousa do amor paternal no modo por que elle encarecia os meritos e bellezas das suas queridas plantinhas; sem dar preferencia em seus louvores, nem ás fragrantes flôres, nem aos appetitosos fructos, nem ás tenras e mimosas hortaliças. O padre Serapião era justo; não queria deixar sem recompensa nenhum dos bons serviços, que lhe prestavam as verdejantes producções do seu passal; nem tambem queria ou sabia dar preferencias, quer ás bellezas das que o maravilhavam, quer ao merito das que o nutriam.

— Que vida socegada e feliz — exclamei eu — se deve passar n'este paraizo! Bemaventurado o padre

Serapião, que, cercado dos encantos e perfumes das flôres, tendo diante dos olhos o primoroso quadro d'essa bella natureza, repassada a alma da doce e placida alegria do dever singelamente cumprido, da religião ferverosamente sentida, vê passar os dias sem que as paixões e as luctas da vida lh'os venham amargurar.

A horrenda cara de D. Serapião, que se havia animado de uma pura alegria emquanto nos levava a visitar a sua fazenda, cobriu-se de uma expressão beatifica ao ouvir-me. Aquelle queixo e aquelle nariz proeminentes e monstruosos, que eram quasi por si a cara toda, aproximaram-se; e a boca, que os separava, alongou-se n'um sorriso até as orelhas, que desappareciam em bastas moitas de cabello grisalho. Era feio e disforme aquelle todo; mas a bondade transparecia ali, e dava-lhe uma doçura inexplicavel, a que os olhos, pequenos mas expressivos, e n'aquelle momento humedecidos pelas lagrimas, accrescentavam ainda os mysticos reflexos de uma alma profundamente religiosa. Eu, já surprehendido da maneira poetica por que elle parecia comprehender a vida íntima e mysteriosa das plantas, fiquei maravilhado da luz suave d'aquelles olhos, da placida serenidade d'aquelle

sorriso, d'aquella mistura incomprehensivel do horrivel e do bello.

— A graça de Deus — disse elle com a sua voz retumbante, que destoava extranhamente da brandura das suas palavras — A graça de Deus dá-me esta paz da consciencia, esta tranquilidade nunca perturbada, que tem feito até hoje a alegria da minha vida. Vivo assim feliz; com os meus santinhos na egreja, com as minhas flôres, que tambem são d'elles, aqui; com Nossa Senhora da Candelaria, que me ouve as orações, porque me dá este nada de que vivo satisfeito, em toda a parte. Em roda do pobre cura — proseguiu — todos são bons, mas ai! nem todos são felizes; e eu não posso acudir a todos, apezar de me ajudarem, no que podem, almas bemfazejas. A casa do general é muitas vezes a providencia dos pobres... e é sempre a minha providencia. Muito bons, muito bons senhores...

O general Calavera, que tinha estado visivelmente aborrecido, em quanto durou o nosso largo passeio em volta do passal do cura, aproveitou a occasião para o interromper.

— Não falle de nós, D. Serapião — disse elle — N'aquella casa manda o nosso bom cura, e faz-se o que se pode para lhe ser agradavel: nada mais.

— Faz-se muito na sua casa, general, para acudir á pobreza. A sr.ª D. Saturnina, minha senhora, é caridosa e boa; não ha pedir-lhe, sem que ella attenda logo as queixas dos que soffrem. A menina, a nossa menina Carmen, é mesmo um anjo! Sempre aquelle coração está aberto para todos os sentimentos generosos... e depois tão alegre, tão dada! Olhe — disse o cura, voltando-se para mim — a menina, a filha do general, quando não está na egreja resando, ou lendo nos seus livros... lê horas esquecidas a menina!... ou tratando das suas flôres... ella gosta de flôres como eu gosto... anda por esses montes, por esses casaes, a tratar das creanças, dos velhos, dos pobres, dos doentes... de tudo. Ai! que alma, que alma aquella!

Calavera y Cursi, sensibilisando-se pelo que ouvia dizer de sua filha, acudiu:

— Sim, sim. A Carminho tem cousas boas, é verdade; mas traz muitos versos e muitos romances na cabeça; passa horas de mais a ler... e por vezes, meu caro cura — aqui o general tomou um tom de confidencia — está alegre, alegrissima, sem ter motivo; ou então, de uma pertinaz tristeza, á qual nada explica e nada distrahe.

— Caprichos da mocidade! — interveio D. Facundo — As meninas são nervosas, e o segredo do que n'ellas se vê por vezes, alegria ou tristeza, está tão escondido nos mysteriosos escaninhos do seu espirito ou do seu coração, que ninguem o poderia descobrir... nem ellas proprias.

— A Carminho é... nervosa, talvez — acudiu o general — mas não como as outras mulheres. Olhe, D. Facundo, não é nervosa do mesmo modo que a mãe; bem sabe.

— A sr.ª D. Saturnina é uma senhora... Uma pessoa... — masçou D. Facundo.

— Boa. A Saturnina é boa; mas quando está com o nervoso, é insupportavel. Tem uns nervos caprichosos, exigentes, e quer ainda por cima que lhe adivinhem os segredos, segundo ella diz, quando está assim rabugenta. Ninguem a intende; ninguem lhe quer bem, vive no mundo só, com as tristezas que lhe angustiam a alma, sem ter outra alma que afine com a d'ella. Isto tudo diz Saturnina por mim, D. Facundo — proseguiu o general em tom jovial — Queria que eu tambem fosse nervoso, e tivesse, para lhe ser agradavel, tristezas na alma... Ah! ah! ah! Eu ainda ahi não cheguei. O mais que me acontece... e o

nosso cura desespera quando lhe eu digo isto... o mais que me succede é sentir-me morrer de aborrecimento n'esta solidão, n'esta monotonia. Vou-me petrificando de dia para dia... apezar das flôres do padre Serapião, dos nervos de minha mulher, da vista das *Cañadas* na serra e das ondas do mar lá em baixo. É bonito, tudo isto, é bonito; mas é sempre o mesmo; e eu preciso da variedade, da mudança, dos caprichos da sorte, dos perigos. Sabem o que eu queria, senhores? Era, ao menos, que houvesse para ahi um terramoto; que nos saisse d'esse valle um novo volcão.

— Jesus, misericordia! — exclamou o cura, levando as mãos á cabeça.

— Este Teneriffe — proseguiu Calavera — que tanto se agitava n'outro tempo, e tantas vezes quebrava, com o espectaculo de um bom volcão, a monotonia dos ilheos, adormeceu desde que eu cá estou!

D. Facundo Primigenius moveu a cabeça, como para dizer que compartia o desgosto do general.

— Eu tambem — disse elle — apezar de não ter necessidade de impressões fortes, nem sêde de perigos, como o general... — e na voz tremia-lhe um riso de ironia mal disfarçada — eu, ainda que não sou um

heroe, um homem de guerra, nem me aborreça com a monotonia da vida que, graças a Deus, me vai correndo bem n'este paraizo terreal, gostava, comtudo, de assistir a uma erupçao volcanica, como essas que no seculo passado cobriram de torrentes de lava o valle de Guimar e arrasaram Guarachico.

— Que está dizendo!— exclamou o cura.

— Queria ver — acudiu o antiquario — esse magestoso phenomeno da natureza... em toda a sua prodigiosa grandeza. Que explendido espectaculo deve ser o paroxismo d'aquella montanha immensa, agitada pelas forças volcanicas que se lhe escondem no seio, e que um dia, talvez, a venham a precipitar no mar, d'onde outr'ora saiu.

— E as catastrophes que acompanham sempre estes flagellos, sr. D. Facundo... esquece-se d'ellas? — acudiu D. Serapião.

— Não, não me esqueço. Mas as tragedias humanas não me interessam. Todos os dias as estamos vendo, sem que para isso a natureza tenha que se perturbar, sem que se revolvam em turbilhões de fogo as entranhas da terra. Alem de que — prosegniu D. Facundo — a propria immensidade dos cataclismos, dos grandes paroxismos da natureza, amesquinha tanto o ho-

mem, que as suas desgraças passam quasi desapercebidas, para todos quantos n'ellas não estão immediatamente interessados.

— Pois pode-se ser indifferente as desgraças da humanidade! — exclamou junto de nós a voz sentimental de lady Fly, que nos saiu ao encontro de uma rua, assombrada de arvores e trepadeiras, do jardim do cura.

XXXIX

Provas de um paradoxo

Dava o braço á pallida lady uma rapariga de singular belleza. O rosto, de um oval perfeitissimo, era d'essa côr, entre branco e moreno, que tem como que reflexos de bronze dourado; os olhos rasgados e vivos, de um negro fechado, lançavam luz e pareciam, de buliçosos e inquietos que eram, ter o mysterioso condão de fallarem, de rirem, de se apaixonarem, de se amortecerem a cada gesto, a cada movimento, a cada affecto; a boca, pequena como um botão de rosa, tinha ondulações ligeiras e graciosas, que lhe davam extranha mobilidade: os cabellos profusissimos eram de um castanho escuro, onde a luz brincava em mil reflexos metalicos. Ao pé da ingleza parecia pequena;

mas a expontaneidade, a graça tinham n'aquelle corpo gentil a sua mais perfeita expressão. Vestia singelamente de branco; ornavam-lhe os cabellos uma flôr d'um escarlate vivo e uma mantilha transparente, que parecia querer-se desprender para não occultar nenhum dos encantos d'aquella maravilhosa creação da ardente e pujante natureza das Hesperides. Era Carmen; a filha do general Calavera y Cursi.

Seguia as duas damas o dr. Wearisome.

— Milady — disse D. Facundo Primigenius, respondendo á observação da ingleza — pode-se ser, não digo indifferente, mas pouco sensivel ás humanas calamidades, quando os grandes phenomenos da natureza, que assombram o espirito e paralysam o coração, são d'ellas a causa. A magestade das forças naturaes que abalam, torcem, quebram, despedaçam o que para nós é falsamente a imagem da estabilidade,—a terra,—tem tal poder sobre a alma, que se não commove esta com o ver a fragilidade da vida humana, onde se mostram frageis as mesmas penhas, onde são instaveis as serras, onde tudo se subverte e tudo cede ao poder incommensuravel da natureza.

—Não, D. Facundo, não é assim—acudiu a ingleza — Nos corações sensiveis não perdem nunca o seu

poder os sentimentos de commiseração e de sympathia pelos que soffrem. Eu, quando visitei as ruinas de Herculanum e de Pompeia, não pude deixar de chorar pelas victimas d'aquella horrivel catastrophe... sobre tudo quando me recordei do corajoso Plinio, e quando me mostraram a casa onde se encontrou o esqueleto de uma pobre mulher, ornada ainda com uma cadeia de ouro e anneis preciosos, conchegando nos braços descarnados um esqueleto de creança...

— É isso, é isso mesmo — exclamou D. Facundo — Para mover os affectos, as paixões por assim dizer individuaes, como são o amor, a commiseração, a ira, o odio, a ternura, é necessario que haja uma causa, permitta-se-me o termo, personalisada. Os grandes espectaculos da natureza, os phenomenos de destruição causados pelas forças que regem o mundo, produzem o terror, o susto, a admiração, o pasmo que sobrecolhem os sentidos, entorpecem a sensibilidade, obliteram as faculdades affectivas. Por isso, milady, quando visitou Pompeia e Herculanum, que o Vesuvio sepultou sob cinzas e lava, não foram as ruinas das duas cidades, antes florescentes, que commoveram a delicada e extremosa sensibidade de V. Ex.ª: foi a mãe morrendo com o filho nos braços; foi o philosopho sa-

crificando a vida, para estudar mais de perto a prodigiosa erupção do volcão.

— Mas, D. Facundo, foi em presença da grande erupção, que sepultou as duas miseras cidades, que o celebre Plinio achou, na sua alma, sentimentos de pezar pela desastrosa morte de seu tio, o antigo Plinio — acudiu a ingleza.

— É verdade, milady, é verdade — acudiu o antiquario philosopho — Plinio chorou a morte do heroico observador, a quem o uniam os laços do parentesco e estreitas harmonias de espirito e de saber: mas chorou-o pouco. Profundamente abalado pela maravilhosa grandeza da pavorosa erupção do Vesuvio, Plinio não tem uma palavra de commiseração sequer, para as duas notaveis cidades, a cuja catastrophe assistiu. Por longos annos o Vesuvio havia estado adormecido. Como diz Plutarco, o monte era coroado por uma cratera de bordos escarpados, onde se entrelaçavam os pampanos viçosos da vinha: o fundo era uma planicie esteril, como a que se vê aqui no alto do monte, coberta de retamas em flôr, e cortada de torrentes de lava solidificada; no recosto exterior extendiam-se campos cultivados, de excepcional fertilidade: ao sopé levantavam-se as duas cidades prosperas e ricas de Hercu-

lanum e Pompeia. Mas no coração do monte escondia-se o fogo devastador, accumulavam-se as substancias em fusão, cresciam as forças para uma nova e inesperada explosão. O fogo não arde sempre nas entranhas dos volcões, nem se apaga durante os longos periodos de quietação em que parecem extinctos. Como no Etna, de que falla Ovidio, n'esta serra de Teneriffe em que ora estamos, milady:

> Nec quæ sulfureis ardet fornacibus Ætna
> Ignea semper erit, neque enim fuit ignea semper.

Grande devia ser o choque que Plinio recebeu ao assistir á erupção do volcão; e a machina humana, uma vez abalada por violenta impressão, ou agitada por ardente paixão, como eu dizia ha pouco, não tem força que dispender em sentimentos ternos, nem pode compadecer-se dos males alheios. Em taes casos, isso a que chamam o egoismo, não é mais do que o resultado de uma lei natural; a lei da conservação e da transformação das forças.

Era claro que D. Facundo se preparava a soltar as redeas á sua inexgotavel loquela, e a expôr uma das suas theorias, ou antes phantasias philosophicas.

Lady Fly era toda attenção. O dr. Wearisome sorria com a expressão meio desdenhosa, meio pedante,

com que as mediocridades scientificas honram os seus confrades nas sciencias e nas lettras, quando são forçados a reconhecer-lhes verdadeiro merecimento. A formosa Carmen abria olhos de soffrega curiosidade, que pareciam instar com D. Facundo, para que desse a explicação de suas nebulosas palavras.

— Explique-me o que acaba de dizer, sr. D. Facundo — exclamou Carmen. — Eu gosto de saber tudo. — proseguiu, voltando-se para lady Fly — Ás vezes não entendo quanto me diz D. Facundo, mas dá-me gosto escutal-o... e adivinhal-o... quando elle não diz heresias.

— A minha linda Carmen entende tudo e entende de tudo — acudiu D. Facundo com terna benevolencia — Pensa muito...

— Nem sempre — interrompeu Carmen, rindo.

— Quando não pensa, sonha acordada; que é o modo de pensar das meninas, e não é o peior.

— Sonho. E porque não?

pues estamos
En mundo tan singular,
Que el vivir solo es soñar;
Y la experiencia me enseña.
Que el hombre que vive sueña
Lo que es, hasta despertar.

— Lá está ella com os versos! — interrompeu o general Calavera — São os seus companheiros de sempre.

— Pois com que quer o papá que me entretenha n'esta nossa solidão, senão com os meus livros? Quero-lhes muito e sei-os quasi todos de cór.

— Sabe-l'os de cór e estás sempre a lêl-os!

— Acho ahi conselhos para tudo: alegrias e prantos, e ás vezes consolações para as minhas magoas. — e a bella Carmen ria: mas era o riso contrafeito, e duas brilhantes lagrimas tremiam-lhe nos olhos, tornando-lhe o brilho mais luminoso.

— Tem magoas a minha flôr silvestre! — exclamou D. Praxedes Aguahuco, com uma expressão de vagos zelos, que deixavam adivinhar não ser o coração do descendente dos guanches indifferente aos encantos da *flôr silvestre*, como elle familiarmente chamava á filha do general.

— E quantas! — exclamou ella, e em seguida declamou:

Cansada estar pudiera la fortuna
De los muchos agravios que me ha hecho,
Dejando ya sin resistencia alguna
Las flacas fuerzas de mi debil pecho.

— Formosos versos são esses! E que exprimem queixas verdadeiras das almas que soffrem! — acudiu, soltando longo suspiro, a romanesca lady.

E em tom um pouco ironico sim, mas sem sombra de malevolencia, a graciosa menina declamou:

Pobre, inocente alma que no sabe
Que solo al niño su inocencia abona,
Y que en el mundo compasion no cabe
Que en la inocencia a mofador se encona.

E como se receiasse ter offendido a delicada ingleza, a bella Carmen deitou-lhe familiarmente os braços em volta do pescoço, e deu-lhe um meigo e carinhoso beijo. Entre surprehendida e encantada, lady Fly sorriu, correspondeu com uma caricia fleugmatica á adoravel caricia da fogosa hespanhola e limpou uma lagrima de ternura, que se lhe desprendeu das palpebras transparentes e descoradas.

— Aqui na minha terra, milady, não ha tristezas que durem — acudiu Carmen com uma expressão de viva alegria. — Passam todas, como as trovoadas da serra, para deixarem apoz si a luz esplendida do sol; maior perfume nas flôres, e nas avesinhas mais suaves cantos. Eu tambem tenho os meus instantes de

trovoada; mas acalmo-a com os versos dos meus poetas. E n'elles acho raios de luz brilhantes como os do sol, cantos tão suaves como os das avesinhas, e perfumes tão penetrantes como os das flôres do monte.

— Dôres, que passam assim, e deixam na alma taes encantos, não são dores, minha querida Carmen; são mais uma harmonia que completa a felicidade — acudiu milady, a quem a candida familiaridade de Carmen havia seduzido, a ponto de esquecer a reserva britannica, compassada, formalista e... soberanamente fastidiosa. A saude da valetudinaria ingleza melhorava a olhos vistos, sob o benefico influxo do clima e mais ainda do expontaneo calor do caracter meridional.

— Essa opinião está de accordo com a de um dos meus poetas — disse a filha do general. E logo declamou:

Quien no supo del mal, dice un poeta,
Que no merece el bien; y yo podria
Decir que quien el mal no conocia,
Tendrá el alma con el mas inquieta.

— Mas venha, D. Facundo, venha a explicação do egoismo e das paixões pela... lei da conservação e da transformação das forças. Não foi assim que disse,

D. Facundo?—proseguiu a graciosa Carmen, córando, e como envergonhada da propria ousadia em fallar em cousas que lhe pareciam transcendentes. E logo proseguiu com a boca cheia de risos—Eu trago cá dentro umas certas inquietações, que não sei bem o que são... paixões talvez; mas estas não me tornam egoista, não me fazem indifferente aos males alheios; pelo contrario. Se estas minhas... paixões, escapassem á explicação de D. Facundo! Que gloria refutar, com o exemplo frisante... d'este meu coraçãosinho de camponeza, as theorias de um sabio!

—Minha querida Carmen—acudiu o antiquario—não lhe está reservada... uma tal gloria. Esse coraçãosinho... de camponeza, tem sensibilidades que em outros se não encontram. Ha ahi, n'essa delicada organisação de mulher, correntes de força affectiva, que estão em quasi incessante actividade, e a levam a amar tudo que é bello, a compadecer-se de tudo que soffre, a derramar expontaneamente beneficios, actos de dedicação, amoraveis consolações em volta de si. Eh! Eh! A minha Carmensinha... Peço-lhe perdão do que vou dizer. A minha Carmensinha é uma delicadissima machina de transformação das forças. Quasi todas as forças, que alimentam a actividade da

machina, se transformam na caridosa, na amoravel Carmen, em força nervosa, e essa dispende-se em incessantes correntes expansivas, que determinam aquella actividade affectiva que ella chama as suas paixões.

— Nada entendi, D. Facundo — interrompeu Carmen — nada entendi, senão que me chamou machina... machina de affectos, de sentimentos amoraveis; mas por fim machina. Recorda-me o embrulhado da sua theoria, D. Facundo, o que dizia um dos *locos de Valença* de Lope de Vega:

> Guarda tu corazon, dice, y advierte
> Que del mismo procede lo que es vida.
> Mas los médicos grandes y filósofos,
> Cual vos lo sois, la han puesto en el celebro
> De donde todos los sentidos salen,
> Y proceden del alma las acciones.
> Esta fuerza se vierte por el cuerpo,
> Vivificando con calor los miembros.

— Pois tem rasão o louco, Carmen — accudiu D. Facundo. — Não anda longe da verdade o que elle diz: e a minha theoria... como que fica esboçada n'essas palavras...

— De um louco! — exclamou lady Fly — Não sei,

D. Facundo, não sei em verdade que julgar d'essas comparações de um ser pensante, sensivel, animado por uma alma divina, com uma machina! Uma machina! Eu! Eu sinto em mim vagas aspirações ao infinito, ao sublime! Eu sinto o espirito a desprender-se-me da terra e a voar para a eternidade! Eu, uma machina!

— Não se escandalise, milady — accudiu com expressão de branda e amoravel ironia a bella Carmen! — E' o meu bom amigo D. Facundo excellente pessoa, todo bondade, e com... uma alma — não ha remedio senão chamar-lhe assim, mesmo em risco de lhe desagradar — com uma alma elevada, que a tudo que é grande e bello consagra as suas sympathias, e a tudo o que é sublime ergue as suas aspirações...

— Carmensinha, não brinque com um velho amigo! — interrompeu o antiquario, visivelmente desconcertado pelos ironicos louvores da filha do general.

— Não brinco — disse esta — Digo a verdade, que todos sabem. Eu, por mim, admiro e escuto com enthusiasmo as lições d'aquelle que tantas vezes tem condescendido em ser meu mestre. Mas ha entre nós... entre mim, pobre ignorante, e um sabio que tem lido tudo, pensado em tudo, em tudo penetrado com a sua

previlegiada intelligencia... ha entre nós uma divergencia profunda, que muitas vezes degenera em guerra...

— A que a paz succede promptamente.

— Succede a paz, D. Facundo, mas não a concordia. Nas cousas que tocam na minha fé, que contratrariam as minhas crenças, que perturbam a religião que me ensinou minha mãe, e o meu bom padre Serapião me arreigou na consciencia, não transijo. Nem ao proprio D. Facundo posso perdoar que ponha em duvida, diante do mim, o que a religião nos ensina: isso não. — Estas ultimas palavras disse-as ella com vehemencia.

— Tem rasão filha — interrompeu o cura com enthusiasmo. — Devem serrar-se os ouvidos para não ouvir palavras... que a doutrina condemna.

D. Facundo, ao ouvir o cura, córou de impaciencia; mas reportando-se logo, disse: — Vamos, basta! Não falta senão accusarem-me de hereje, e entregarem-me á Inquisição... que felizmente a liberdade matou de vez. Pois, minha querida Carmen, meu bom cura, eu tenho tambem uma pura e sublime religião: a religião da verdade e da virtude. Busco a verdade na natureza e na historia; e a virtude em todas as acções

que podem elevar a consciencia do homem e approximal-o d'esse typo mais perfeito, que deve um dia substituil-o sobre a terra. O estudo da verdade não pode offender a religião. Deus, que é a suprema verdade, não será comprehendido e adorada em todo o seu explendor, senão no dia em que forem revelados pela sciencia todos os segredos da natureza.

— Busquem os sabios os segredos da natureza — acudiu Carmen, incendido o rosto pelo fogo de subita e como inconsciente paixão: — busquem-nos; que não encontrarão nunca o Deus consolador dos afflictos, cuja misericordia infinita eleva em extasis ardentes, até ao seu throno de explendida luz, as almas que o amam, que o adoram sem buscar descobrir-lhes os mysterios sublimes. Para mim — proseguiu — a fé é tudo, e repito sempre, como o poeta:

Angel cuya sombra adoro,
Cuyo nombre santo ignoro,
Cuyo semblante no veo,
Y en cuya presencia creo,
Y cuya existencia sé,
Muestrame el camino cierto,
De este mundo en el desierto,
Y guia que sin fin no vague
Y con los vientos se apague
La lampara de mi fé.

Havia tal melodia, tal encanto na voz vibrante de Carmen, os seus olhos em extasi tinham um brilho, um explendor tal, que todos nos sentimos profundamente commovidos. Lady Fly soltou uma interjeição de enthusiasmo, e, banhada em lagrimas, apertou nos braços a formosa hespanhola. D. Praxedes, sempre da opinião do antiquario, d'esta vez abandonou-o sem reserva. O cura, como fóra de si, esteve a ponto de lançar a excommunhão ao seu amigo D. Facundo. O rotundo dr. Wearisome, impedernido atheo, teve vislumbres de emoção, e correu a mão pelas ruivas suissas para os occultar. O general, esse ficou boquiaberto a olhar para a filha, como se ella houvesse levantado vôo sobrenatural para as regiões celestes.

D. Facundo Primigenius, surprehendido de se ver assim o alvo de sentimentos pouco benevolos, elle que era naturalmente bom, complacente, singelo nos seus sentimentos, modesto e reservado nas suas palavras, ficou suspenso e turbado; não ousando nem fallar, nem fazer um gesto, para não accordar de novo as susceptibilidades de Carmen, a quem elle parecia consagrar ternissimo affecto.

Seguiu-se largo silencio. Depois, acalmada a excitação que momentaneamente lhe turbara o espirito, a

bella Carmen levantou-se, foi direita ao antiquario, com um sorriso de indivisivel suavidade, os olhos humidos de lagrimas, a mão extendida e quasi supplicante: — Perdão — disse ella — perdão, meu bom amigo. Fui exaltada e injusta, bem o sinto. Mas não o offendi. Não é verdade que o não offendi, D. Facundo?

— Não, não — respondeu o velho, apertando-lhe a mão, e limpando furtivamente uma lagrima. — Eu tambem, minha querida Carmen, não suppunha que a affligia, fallando-lhe... das minhas phantasias philosoficas. São a occupação, e o refrigerio dos meus velhos annos, e não creio que d'ellas possa vir mal ao mundo.

— Esqueçamos... as nossas mutuas offensas — interrompeu ella, com um riso encantador. — D'esta vez escapou de ser excommungado pelo nosso cura; e para a outra prometto-lhe ser... menos arrebatada para que me não possam dizer:

> Al ceño de tu colera divina
> Los mundos com pavor se estremecieron.

XL

A fidalga sentimental

N'este instante entrava no passal do cura, com solemne passo e a cabeça magestosamente erguida a fidalga de los Marcos y Marcos; seguida do escudeiro da casa, cuja gravidade não destoava das suas elevadas funcções, nem do porte magestatico de sua ama.

Todos se levantaram ceremoniosamente para recebel-a; e o general conduziu, com extremos de polidez, sua pomposa mulher para o banco onde Lady Fly estava sentada. Havia nos menéios de Calavera e Curci muita d'essa artificiosa e exagerada cortezania, com que os fidalgos de máo quilate buscam esconder as deficiencias de uma educação descurada; mas havia tambem, n'este caso, o desejo de não despertar os

nervos da illustre Marcos y Marcos, de quem o heroico militar tinha evidentemente medo.

Depois de profundo e soluçado suspiro, que podia ser caução ou romanesco alivio de secretas magoas, D. Saturnina rompeu o silencio, dizendo:— Vim encontrar a minha Carmen, como sempre, a declamar poesias!... Não pensa ella que nem sempre... Que digo eu?... que raras vezes a poesia encontra echo em roda nós; antes enfastia e desgosta os que de prosa vivem e se alimentam. Não digo isto por Milady, que me parece ter, que tem de certo, uma alma delicada e poetica; mas por estes senhores... pelos que eu conheço.— E aqui a fidalga lançou um olhar desdenhoso para o marido, e um gesto conciliador e benevolo para mim e para o dr. Wearisome.— O que era, Carmen, o que estavas dizendo filha? Vejo-te animada, e nervosa. Que te succedeu, minha filha?

— Nada, mamã — respondeu Carmen. — Uma das minhas questões com D. Facundo, que a mamã conhece. Mas já estamos bem.

— Ai! O nosso amigo D. Facundo anda engolfado em estudos, que parecem ter por fim matar toda a poesia da vida. Ao menos elle é um philosopho, e deve-se-lhe perdoar: mas os que nada são, e nada sa-

bem, esses é que não tem desculpa em não ver do mundo senão o que elle tem de vulgar e prosaico. É triste, é doloroso — proseguiu com vehemencia D. Saturnina — sentir arrebatamentos, ter aspirações, possuir uma alma que se eleva ás ethereas regiões do sentimento, e atravessar assim a vida inteira sem encontrar quem nos comprehenda, sem ver em roda de nós senão frio egoismo ou vulgares paixões. Estar só, sempre só com os ardores estereis do proprio coração, é um martyrio, a que nós, as pobres mulheres, fomos condemnadas pela sorte impiedosa. Não é verdade, lady Fly?

Interpretada assim pela sentimental matrona, a diaphana ingleza, cujo espirito suave se não sentia fustigado pelas violencias do sangue meridional, córou ligeiramente ao responder: — Só não; que na propria alma, nos sonhos da imaginação, nas vibrações do coração que os encantos da natureza commovem, na attração sympathica e irresistivel do sentimento para tudo quanto é bello, e no mistico amor a Deus, que enche o universo de sua misericordia infinita, encontra a mulher, — a mulher que soffre e ama, — consolação para as suas magoas, e companheiros seguros e fieis para as horas de solidão.

O doutor inglez, que escutára com riso ironico as intolerantes beatarias e os devaneios alambicados, que D. Facundo inconvenientemente provocára, não se pôde calar e por fim exclamou: — Vamos, D. Facundo Primigenius! Ouse agora comparar a machinas tão gentis damas! Atreva-se a dizer que esta quinta essencia de sentimento não é mais do que um phenomeno physico da transformação das forças! Estas expressões sublimes, meu caro, não são d'este mundo, são de outro mundo. A alma d'estas senhoras... de todas as senhoras, veiu directamente do céo.

— É essa a doutrina de Al-Gazzali, um escriptor mahometano — respondeu o antiquario — «Deus creou o espirito do homem» diz elle «de uma chispa da sua propria luz: o seu destino é voltar para elle.»

— Já vê.

— Mas a luz — proseguiu D. Facundo — é uma das manifestações da força universal: e já vê tambem como tudo confirma, mesmo a vaga idéa de Al-Gazzali, a minha theoria. Mas não fallemos mais n'este assumpto, para não offender nem a minha bella Carmen, nem lady Fly, a quem tanto respeito.

— Eu não me offendo — acudiu milady — Gosto de cuvir todas as opiniões; mas não aceito senão aquellas

que quadram com o meu modo de sentir e de pensar.

—E a Carmen?..— perguntou D. Facundo, que estava ancioso por justificar a sua extravagante asserção; sobre tudo para se fazer valer aos olhos dos que eramos ali estrangeiros.

—Eu, prometto não me entrometter mais em transcendentes philosophias— respondeu Carmen—Quero ficar ignorante, como sou; e conservar puras as crenças singelas que tenho. Dou-me bem com ellas.

—Então...

—Póde fallar, meu bom amigo. Vou, com o nosso cura, colher flôres para enfeitar o altar de Nossa Senhora da Candelaria; que é depois de amanhã a sua festa.

E a bella Carmen, acompanhada de D. Serapião, affastou-se, declamando com voz commovida.

Tu eres, oh Maria! un faro de esperansa
Que brilla de la vida junto al revuelto mar,
Y hacia tu luz bendita desfalecido avansa
El naufrago que anhela en el Eden tocar.

Esquecendo-me de D. Facundo e das suas philosophias, segui com os olhos a graciosa hespanhola, que ia, como formosissima mariposa, correndo de flôr em flôr, buscando as mais bellas, as mais perfumadas e de

mais vivas côres, com ellas tecendo graciosas grinaldas, grupando explendidos ramelhetes, que depunha em profusão, nas mãos do cura. D. Serapião estava maravilhado d'aquella rapida devastação dos seus thesouros, sorria e olhava quasi com adoração para a encatandora Carmen.

Estive a ponto de seguir a seductora donzella; e só me deteve o receio de ser tomado por inconveniente o meu procedimento. Attrahia-me o encanto do quadro; e mais ainda a viva curiosidade de penetrar aquelle caracter singular, em que a razão lucida, a phantasia exaltada, a puresa, a candura, a bondade, a paixão inconsciente e o fanatismo, se mesclavam e confundiam em estranhas e desordenadas harmonias.

D. Praxedes Aguahuco teve o mesmo desejo que eu, e deu ainda alguns passos para o realisar. Lady Fly comprehendeu-lhe a intenção, e, com mal disfarçada impaciencia e involuntaria precipitação, disse-lhe:—D. Praxedes! Não tem curiosidade de ouvir o que nos vae explicar o sr. D. Facundo?...

Cahindo em si, a pobre lady teve um estremecimento nervoso, e para disfarçar, voltou-se para a fidalga de los Mareos y Mareos, exclamando:—Que formosas grinaldas vae tecendo sua filha, sr.ª D. Saturnina!

XLI

Capitulo para se não ler

—Ninguem póde pôr em duvida a íntima, a estreitissima relação que une a alma e o corpo: este é a materia que muda, que se transforma, mas que se não destroe; aquella, a força que communica a actividade á materia, que se manifesta sob variadas fórmas, mas que nunca se extingue. A alma do homem está em todo o corpo, percorre todos os orgãos; n'uns encontra-se com maior actividade, n'outros manifesta-se difusamente. Mas está em toda a parte; habita por assim dizer em toda a machina para a vivificar—Assim começou D. Facundo a exposição da sua doutrina.

—Que diz, D. Facundo! — exclamou lady Fly. — Pois póde crêr que a alma não está aqui? — e levou a mão á cabeça. — Não é ella esta pura essencia immaterial, este fogo intimo, esta mystica luz que se manifesta a cada momento pelo pensamento, pela imaginação, pelos sentimentos, pelas paixões?

—Essencia immaterial, fogo intimo, mystica luz... tudo isso é a força que se transforma, que percorre o corpo, como a electricidade percorre os fios de um telegrapho; que umas vezes é calor, outras acção chymica; —luz n'alguns animaes, electricidade n'outros, sensação, pensamento, paixão energica, vontade... a força que é a vida emfim, em todas as suas multiplas manifestações. E não me accuse Milady, — proseguio o antiquario — tenho por mim authoridades insuspeitas, ainda para os mais escrupulosos... Santo Agostinho diz: «A alma está ao mesmo tempo, toda presente não só na massa inteira do corpo, mas tambem em cada uma das suas particulas.» Não está esta minha opinião d'accordo com as leis da physiologia, dr. Wearisome?

—A intima união da alma e do corpo, do que nós chamamos o espirito ea materia, parece evidente, — respondeu o inglez; — mas...

—Não, não, —interrompeu o Primigenius com viva ani-

mação.—A união é completa, como a da força com a materia o é èm todo o universo. Nos seres vivos a actividade é incessante e attinge o grau mais intenso da sua ininterrupta acção. A materia está aqui, n'estes seres, em perpetuas transformações e ha perdas constantes, que é preciso ressarsir. A força está tambem em perpetuas transformações; estas, são indispensaveis á vida. A força não se consome mas volta a cada instante ao grande repositorio da natureza; e é preciso que os seres organisados, para continuarem a viver, se abasteçam de nova força sob differentes fórmas, para que não cesse o movimento activo e prepetuo que constitue a essencia da vida. È esta uma verdade que está no espirito de todos. Quando alguem está debil por falta de alimentação, precisa comer para ressarcir as perdas de substancia material que soffreu. Quando está cançado pelo trabalho, precisa reparar as forças pelo repouso, isto é, precisa não consumir, mas inthesourar a energia que de novo recebe.

—Isso tudo será verdade, D. Facundo,—acudio D. Saturnina, n'um tom que expremia o mais completo aborrecimento—Será... mas é transcendente de mais para a minha fraca comprehenção.

—Eu estava quasi a ponto de fazer observação analoga á da senhora de los Mareos; mas lembrei-me a pedir ao

phantasioso Primigenius que nos desse mais claras ideas da sua curiosa theoria.

—Houve um medico no seculo passado—proseguio elle, —que escreveu um livro sobre a medicina do espirito. Reflectindo sobre as causas physicas, que modificando por diversos modos o corpo, mudam tambem a disposição da alma, chegou Camus á convicção de que, empregando essas diversas causas ou emitando-as pela arte, se pode por meios puramente mechanicos affectar o espirito humano e corrigir-lhe os defeitos; curar as enfermidades do entendimento e da vontade.

—Bem quizera eu conhecer essa arte de curar os espiritos enfermos,—disse o dr. Wearisome.—Alguma cousa de verdade ha n'isso; mas d'ahi, a vermos formulada uma theoria medica, com as suas consequencias praticas, vae longe, muito longe!

—Isso, mesmo sendo assim, não altera a minha... theoria das paixões—disse o antiquario.—O certo é que a união do espirito e do corpo, como a união da machina em movimento com a energia que lhe imprime a actividade, é uma incontestavel realidade. Camus, o meu velho author, buscava as analogias das doenças moraes com as physicas e são curiosas algumas d'essas analogias. O amor, por exemplo, é umas vezes como um frenezi

seguido de subito e caprichoso desmaio; accesso epyleptico. A inveja uma febre consumindo lentamente...

—Comparar o amor a uma tão terrivel enfermidade, a uma enfermidade tão material e pouco sympathica! O amor, em que é tudo emoção do puro espirito! — exclam ou a ingleza.

—Eu,—acudiu D. Saturnina,—não estou longe da opinião do tal medico. Não que eu haja sentido essas violentas excitações... Mas tenho visto cousas!...

—Eis aqui duas opiniões bem encontradas, bem oppostas... e opiniões de duas senhoras, — disse eu, — Como as hade D. Facundo conciliar é o que eu não sei.

—Facilmente,—respondeu o antiquario—Como todas as paixões, o amor é umas vezes expansivo e outras concentrado: é umas vezes frenezi, outras entorpecimento. Depende isso da machina humana em que elle se manifesta. Ha pessoas em quem o amor, como as outras paixões, precisa revelar-se em actos: outras em quem elle se consome n'um intimo e pertinaz trabalho dos centros nervosos. Os sentimentos e as paixões são, umas vezes *excitantes* outras *depressivas*: por isso o amor, que póde ter uma ou outra d'estas duas naturezas, se deve classificar como um amor excitante ou um amor depressivo. Para D.

Saturnina o amor é tonico, é uma paixão excitante; para Milady é uma paixão depressiva... *asthenica.*

—E como explica, D. Facundo, esses phenomenos contraditorios?—perguntou, sorrindo, o medico inglez.

—Como? Pela minha theoria das forças, que, em pouco, exporei. Mas antes, permittam-me que lhes prove com mais alguns factos a relação indissoluvel dos sentimentos, das paixões, dos pensamentos, dos actos, do espirito emfim, com os orgãos que constituem o homem e as forças que n'elle mantem a vida. Ha por ventura perfeito prazer no homem faminto? Não cresce a actividade mental, não se desenvolve a alegria, não se excita a loquacidade n'aquelle que saboreou um bom jantar? Diga-me o dr. Wearisome se não é este um facto, por todos experimentado.

Ou fosse para confirmar a verdade do que dizia o antiquario, ou fosse para lhe pedir de jantar, o doutor, soltando um grunhido de approvação e lambendo golosamente os beiços, deitou um olhar convicto á fidalga de Guimar.

—Quem,—proseguio D. Facundo,—dotado pela natureza d'uma organisação delicada, não sentio um prazer doce e melancolico, um prazer intimo e indefinivel, ao ler uma formosa poesia, ao escutar uma musica suave,

ao admirar os esplendores da natureza, ou as magnificencias da arte? N'um caso, é o corpo actuando no espirito, n'outro, é o espirito influindo no corpo. E quantos exemplos mais poderia eu adduzir, para demonstrar esta acção reciproca! Mas para que,... se todos os conhecem, se todos em si os sentem a cada momento? Uma grande dôr, uma grande alegria, uma viva angustia, uma paixão violenta, produzem excitação mais ou menos prolongada, mas seguida sempre de cançaço, abatimento, prostração. Ás vezes a excitação causa a morte; outras vezes póde ella provir do abatimento subsequente. Não a morte, mas desordens nervosas, estragos mentaes, a parelesia, a loucura, não é raro seguirem-se a um grande abalo moral. São aquellas causas moraes que destroem o equilibrio das forcas que se destribuem no organismo. Se a perturbação é subita e violenta póde produzir effeitos profundos e emmediatos; se essas causas actuam lenta e prolongadamente, os effeitos são lentos tambem, mas egualmente funestos: as forças consomem-se, a actividade das que restam concentra-se nos nervos, o organismo deteriora-se, o sangue empobrece e apparecem porfim as alucinações, as visões sobre-naturaes, os terrores imaginarios, as convulções violentas, ou a languidez, a atonia de todas as faculdades physicas. Não é menos evi-

dente a acção sobre o espirito de causas puramente materiaes, que só afectam o corpo. Nascem duas creanças, de compleições aproximadamente eguaes e bem equilibradas. Uma entrega-se aos exercicios do corpo, leva uma vida de constante actividade, emprega na luta as suas forças; desenvolvem-se-lhe a rebustez physica e o systema muscular em proporções exuberantes. Outra, encaminhada para os estudos, empenhada toda no trabalho intellectual, forçada a uma vida de extrema quietação, sem exercicio, sem actividade physica, adquire uma constituição debil, uma musculação frouxa; toda a força, toda a actividade se lhe concentra no systema nervoso. Chegada a virilidade, teremos d'um lado um atleta, do outro um pensador, um sonhador, um louco talvez. Quebrou-se o equilibrio, e a energia, em vez de se distribuir d'um modo normal, distribue-se desigualmente. Uns orgãos absorvem as forças que deviam destribuir-se proporcionalmente por todos.

—Ah! É D. Facundo da escola d'aquelles que crêem que a educação faz o homem! — exclamou o medico inglez.

—Não. Creio que estão longe os homens de nascerem eguaes. Pelo contrario, a natureza põe entre elles differenças profundissimas, concede-lhes aptidões, tendencias,

faculdades muito diversas; como succede aos animaes d'outras especies. Mas, assim como n'estes a acção das causas externas,—a alimentação, a educação, os exercicios,—profundamente alteram o organismo e criam aptidões novas, que até se prepetuam de geração em geração, assim, tambem, no homem, acções puramente physicas e externas,—a alimentação, a educação, as impressões moraes,—transformam quasi a natureza primitiva, criam novas aptidões, desenvolvem novas faculdades á custa de outras e affeiçoam, encaminham, refundem o que eu chamarei a constituição moral do homem. O homem é perfectivel no individuo e na especie; é tranformavel no decurso da vida, como as raças o são no correr das gerações. Seria desconsolador pensar o contrario, seria pôr em duvida a grandeza da creação. De que serviriam os esforços dos phylosophos, os trabalhos e as meditações dos sabios, de que serviria a razão e esse amor sublime do homem pelo seu semelhante, se a humanidade não fôra perfectivel, se a educação fôra ineficaz para nos elevar acima do selvagem? Já d'outra vez lhe disse, dr. Wearisome: na minha opinião os seres humanos são perfectiveis... Mas não devemos illudir-nos; essa perfectibilidade tem limites, que não podemos transpor. E quando attingirmos esses limites, virá

um novo typo, mais perfeito, mais adaptado ás condições do mundo de então, mais perfectivel do que nós, substituir-nos sobre a terra, como nos substituimos typos mais imperfeitos que nos precederam. Pois não vemos raças selvagens, raças que não podem moldar-se ás condições d'isso que chamamos civilisação, as quaes, na lucta pela vida, que é a horrivel lei das especies, são mais fracas do que nós, e se vão successivamente extinguindo? Não é lei universal que, na humanidade, se formem diversas raças; que a acção, de causas variadas, externas e organicas, e o tempo cada vez distanceiam mais? Não é uma lei historica o tenderem essas raças a luctar entre si para a conquista do mundo, a lançarem-se umas sobre outras, como se instincto mysterioso as levasse a destruirem-se mutuamente? E isto tudo, que é para mim incontestavel, não demonstrará a acção correlativa das faculdades physicas e das faculdades moraes do homem? Creio que sim.

Aqui, D. Facundo fez uma larga pausa, como para observar o effeito que havia produzido no auditorio. Estavamos attentos todos. Lady Fly dava, sorvendo o ar e levantando os olhos em extasis, mostras evidentes de convicto enthusiasmo. D. Saturnina de las Angustias Mareos y Mareos havia deixado cair a cabeça, como em ro-

manesca meditação, talvez para melhor esconder o somno que a dominava, por ter chegado a hora da quotidiana sesta. O general Calavera assobiava baixinho, mas sem tomar folego, o patriotico hymno de Riego. D. Praxedes Aguahuco estava, como de costume, sob o dominio da loquela do seu mestre e amigo. O dr. Wearisome e eu escutavamos com interesse aquellas phantasiadas theorias, não sem lhe oppôr *in mente* mais d'uma objecção.

Depois de olhar para todos, manifestamente satisfeito do resultado da sua inspecção, Primigenius proseguio:

Eu não quero alongar esta exposição. Receio cançal-os e não quero que me tenham por mais fastidioso do que na realidade sou. Senão, poder-lhes-hia mostrar, como as grandes phases, as tormentosas crises da historia humana, se podem todas explicar pela transformação dos caracteres das especies, em consequencia da acção dos agentes physicos e das influencias puramente moraes; as quaes, no fim de tudo, não são mais que factos da transformação das forças no seio do organismo, factos puramente physicos tambem, e resultado da grande lei de correlação das forças. Não nos illudamos. O homem julga conduzir os successos, guiar os acontecimentos, encaminhar os povos na sua marcha complexa e confusa: engana-se. Tudo no mundo e na historia obedece a leis na-

turaes, mais poderosas do que a vontade do homem e ás quaes elle não pode pôr obstaculo. O fatalismo, em absoluto, é um erro: cada individuo é livre nas suas acções. Mas a especie humana, nas suas evoluções organicas e sociaes, é que não é livre: obedece ás leis eternas da natureza e não póde a ellas esquivar-se.

—Estamos longe já, D. Facundo, da sua theoria das paixões,—observou D. Praxedes, em tom de respeitosa admiração.

—Não, meu bom amigo, não estamos longe—accudio o velho philosopho—é a razão da minha doutrina, isto que estou dizendo... Eu tenho a mania dos systemas, engendro um systema para cada serie de factos correlativos, que me parece derivarem-se de causas identicas e conhecidas. E' uma mania de velho: é preciso desculpar-m'a. Desculpar-m'a, sim; mas aturar-me não, dirão os senhores, e sobre tudo as senhoras. E têem razão; por isso me calarei.

Insistimos todos com Primigenius para que continuasse; mesmo a D. Saturnina, a quem aquella dissertação, declamada em tom emphatico, fazia falta para dormir.

XLII

Outro capitulo para se não ler

—D. Quichote e Sancho Pança são dois typos immortaes, que representam maravilhosamente a organisação humana, nas suas mais caracteristicas tendencias,—proseguio D. Facundo.— Sancho é a vida peripherica, a sensação que nasce das impressões do mundo externo, e se transforma logo em attrações physicas, em acções que só tem por objectivo esse mesmo mundo, nas suas relações immediatas com a satisfação das necessidades do corpo. Sancho é o naturalismo puro. D. Quichote é a vida exaggerada dos centros nervosos, que obscurece a percepção do mundo externo, que cria as illusões, que perverte os sentidos, que faz ver gigantes nos moinhos

de vento, em rebanhos de ovelhas exercitos de afamados cavalleiros. Quichote é o espiritualismo em exaltação morbida. Um sente todas as dôres, teme todos os perigos, aspira ao repouso e só se cança e arrisca com a esperança de ser senhor d'uma ilha e viver alli vida sensual e regalada. O outro é insensivel á dôr; nada teme, quer a agitação, aspira ás aventuras sobre-humanas e tudo com a esperança de realisar um ideal extravagante e impossivel de alcançar, de merecer um nome glorioso entre o dos cavalleiros errantes, imaginados pela phantasia desordenada de transviados poetas. Analysemo-nos bem e acharemos que cada um de nós tem em si um Quichote e um Sancho. Um domina o outro mais ou menos, ou um ao outro mais ou menos se equilibram, e estão em cada um de nós: é certo. Eu, a primeira cousa que faço, quando estou em relação com alguem, é observar a conta em que hei de ter o seu Quichote e o seu Sancho.

—Estou certa que em mim domina o Quichote, ou talvez não haja senão elle,—accudiu rindo lady Fly.

—E em mim o Sancho Pança,—disse o dr. Wearisome.—Agora sei explicar a respeitosa submissão com que obedeço a todos os seus... caprichos, Milady.

—E eu vejo agora d'onde provem a insistencia com que busca, doutor, tirar-me as minhas illusões todas...

se são illusões; e engastar-me nas tristes vulgaridades da vida.

—Eu tambem;—suspirou D. Saturnina, pondo os olhos em alvo—tenho a minha alma dominada pelo... Quichote; e não me falta...

—Não lhe falta um Sancho, — interrompeu o general Calavera.

—Não me falta, é verdade, — accudio a fidalga de los Mareos. — Tenho um Sancho que me acompanha sempre... e não me entende.

—E' o triste condão dos Sanchos, minha querida Saturnina. E eu sou um bom... Sancho,—disse Calavera visivelmente despeitado.

D. Facundo viu que se ia armando um temporal entre os dois esposos, e para o desviar a tempo proseguio:

—Sanchos e Quichotes são, no meu espirito, symbolos das duas principaes correntes, que seguem em nós as forças transformadas nos centros nervosos pela acção da vida. Uma d'essas correntes vae para os orgãos, que conservam a machina humana, que a guardam dos accidentes perigosos e reparam os seus estragos. A outra, principalmente, se concentra no cerebro; agita-se e põe em actividade o que nós chamamos as nossas faculdades; dá-nos a consciencia da propria existencia; compara e

combina as sensações que nos vem do exterior; e, ao mundo real sobrepõe ou substitue um mundo todo nosso: producto das correntes secundarias que se devidem, se entrecruzam, se formam e se destroem n'esta complicada organisação animal, que é tão perfeita quanto fragil, e onde, quer a materia quer a força, tudo é instavel, tudo é movel.

—E' fragil! é—accudio a fidalga de los Mareos, que parecia entendida em fragilidades e desejava mostrar que comprehendia as confusas idéas de D. Facundo.

—E' fragil,—proseguio este sem se perturbar;—mas a fragilidade é condição essencial da sua perfeição. Os seres organisados, o homem principalmente, por ser d'elles o mais elevado, não são senão machinas de transformação. A materia e a força vem-lhes do exterior, estendem-se por toda a parte nas correntes da circulação; e, quando esta é rica e abundante, anima tudo, tudo activa. A prova de que o sangue leva em si não só a materia nova mas a força tambem, é que no cerebro affluе a quinta parte de toda a circulação. Um cerebro exhausto, é um cerebro paralisado; e, quando a actividade n'elle se não extingue, torna-se desordenado, incapaz de ter communicação regular com os sentidos e percepção completa das impressões que elles recebem. O ascetismo, a

loucura causada pela pobreza da alimentação, pela *depauperação* do sangue, dão manifesta confirmação ao que acabo de dizer.—Depois de uma pausa, D. Facundo proseguio; sem se aperceber de que todos lhe davam pouca attenção e se deixavam cair n'uma somnolencia a que convidava o calor do dia, e que provocava efficazmente a sua longa e pouco divertida exposição.— A cada impressão que recebem os sentidos, uma nova quantidade de força, em qualquer das suas diversas fórmas — movimento, luz, electricidade ou calor,—vem dar um impulso á machina, impulso que pelos nervos se transmitte ao cerebro. Ahi, produz uma modificação que é uma imagem, uma idéa, e ahi se transforma e irradia em diversos sentidos; provocando as nossas paixões, determinando os nossos actos voluntarios ou involuntarios E' um perfeito phenomeno mechanico. Impressão, transmissão, transformação, diffusão de forças: eis a vida.

N'este momento, um pequeno grunhido sonoro e nasal veio interromper o orador. Era D. Saturnina, que dormia a sesta. O antiquario sorriu-se d'aquella prova da attenção com que a fidalga o escutava.

—Cansou-se a machina—disse elle.—O somno é o repouso da machina. O repouso é uma necessidade, para restaurar a força, que se consumiu durante a vigilia. No

somno as funcções reparadoras proseguem e os sentidos ficam entorpecidos. As relações com o mundo externo estão cortadas, mas não assim os movimentos internos do cerebro; d'ahi vem os sonhos, que são sempre incoherentes, interrompidos, vagos, mas conservando alguma coisa das ultimas impressões recebidas durante a vigilia. Quando os sonhos tomam, por assim dizer, um caracter violento, então consome-se n'elles tão grande quantidade de força, que o somno cansa, em vez de dar repouso; não é reparador, é destruidor do equilibrio vital. Felizes os que dormem como a sr.ª D. Saturnina, minha senhora.

—Assim é—accudio o dr. Wearisome—e já o disse o poeta:

Tu, ó dormitor,
Somne malorum, requies animi,
Pars humanæ melior vitæ.

—Isso tudo, D. Facundo—disse lady Fly—talvez seja verdade... não me atrevo a discutil-o, porque só lhe poderia oppôr o meu sentimento intimo. Mas não explica, como a alma tem emoções profundas, como o coração se apaixona, como sente attracções irresistiveis e irresistiveis antipathias.

—Ah! As emoções, Milady, não são mais do que a repercussão, que os abalos, produzidos pelas impres-

sões externas nos centros nervosos, especialmente no cerebro, tem n'outro systema de nervos, cuja acção directa nos orgãos internos do homem lhes regula os movimentos ou lhes altera o equilibrio, accelerando-lhes ou retrahindo-lhes as funcções. As emoções, as paixões são isto. O chamado systema ganglionar multiplica as forças nervosas, como o aparelho de Rumcorff multiplica a electricidade e dá assim origem a esses choques fulminantes, que ás vezes causam a morte. As grandes dôres matam, porque a repercussão do abalo produzido é demasiado violenta. As paixões, Milady, não são senão as relações physiologicas de duas ordens de sensibilidade: a cerebral e a affectiva. Geralmente, a acção causadora das emoções, das paixões, vem do exterior: *Nihil est in intellectu, quod prius non fuerit in sensu*... Mas por vezes succede o contrario. Tyaneu aos alimentos ligeiros deveu a faculdade prophetica. Um bom jantar alegra a alma e excita a eloquencia. A felicidade depende do figado. Peço perdão, milady, de entrar n'estas explicações. Receio as criticas do dr. Wearisome, senão, explicaria ainda...

—Não receie as minhas críticas, sr. D. Facundo—interrompeu o medico—Escuto-o com interesse... ainda que não concordo em tudo.

—Necessariamente hei de dizer muitas inexactidões, que a sciencia não pode acceitar sem correctivo. Não faço senão esboçar uma doutrina, de cuja verdade estou convencido. São devaneios de um... philosopho solitario e pobre de sciencia. Mas os physiologistas um dia, não o duvido, seguirão este caminho, que eu tracei ás minhas cogitações, e chegarão á verdade. Porque a verdade é que, na vida, não ha nada mysterioso: tudo se ha de explicar um dia pelas leis da materia e da força: da materia mobil nas suas multiplices combinações; da força, variavel nas suas manifestações, mas una e eterna no universo.

—Eu devo dizer a verdade—observou o general Calavera—nada entendido que nos esteve dizendo o meu amigo D. Facundo. Creio que elle quer explicar tudo, de mais. Intendo para mim, que o melhor é deixar-se a gente viver sem querer saber como isso é: gozar, sem buscar adivinhar em que consiste o prazer. Não julgo que allivie maguas conhecer que nervos as sentem; nem evite paixões o estudar o processo por que ellas se geram.

—Tem razão, general—acudiu milady.—Os sabios tem descoberto muitos segredos da natureza, não ha duvida; mas toda a sciencia do homem não tem conseguí-

do comprehender o poder infinito de Deus, nem explicar a origem, a existencia, o fim do universo... nem sequer como o mais humilde musgo se desenvolve e fructifica.

A voz da debil ingleza tomou, ao pronunciar estas palavras, um tom energico, um timbre sonoro e vibrante. Primigenius ficou alguns minutos calado e como absorvido em profunda meditação.

—Talvez—disse elle por fim—talvez tenha razão, milady.

—Deus guarda em si o segredo da creação—proseguiu a ingleza, animada pela forçada acquiescencia do antiquario.—O pensamento do homem não chega até elle; nem apesar dos seus exforços loucos, das suas loucas aspirações, o homem pode... abolir Deus. Os limites da sciencia ficam onde começa o infinito, a eternidade...

Como envergonhada de haver tocado em tão transcendente assumpto, lady Fly cobrio a cara com o leque, dizendo em voz sumida;—Basta. Não fallemos mais em coisas que a minha fraca intelligencia não chega a comprehender... e que me fazem medo.

—Não fallemos, milady—disse Primigenius.—Receio tel-a aborrecido com as minhas longas... phantasias.

—Não!—interrompeu a fidalga de los Mareos y Mareos, acordando estremunhada—A mim não me aborreceu nada. Gostei muito de o ouvir.

O velho archeologo agradeceu, sorrindo, com uma profunda reverencia.

—E se nós jantassemos, para descançar?—acudiu o general Calavera—D. Saturnina, deves estar cançada de meditar. Precisas de jantar, certamente.

—Talvez julgues que eu tenho estado a dormir!—exclamou D. Saturnina, com acrimonia.—Tenho ouvido tudo o que disse o D. Facundo. Se queres posso-t'o repetir.

O general ria a bom rir.

—Sempre quisera ouvir—disse elle—Mas não, não quero. Deus me livre!—E vendo que a fidalga mostrava carrancudo sobrecenho, acrescentou: —Não, não quero ouvir da tua bocca, minha querida, todas essas... heresias, que tem dito o nosso amigo D. Facundo. Quero que vás para o céo...

—Mas olha que nos separamos, porque não vaes para lá de certo—redarguiu a pomposa fidalga.

—Que boa opinião tem minha mulher de mim!

—A que mereces—respondeu ella rindo.

O temporal estava passado.

XLIII

O jantar na casa dos fidalgos

A casa de jantar do velho solar de los Mareos de Guimar era uma vasta sala, forrada de vinhatico, com largos florões esculpidos no tecto. Duas grandes portas sobre um pateo, onde em profusão floriam em canteiros variadas plantas de penetrante perfume, e em frente das portas duas largas janellas, que abriam sobre magestosa escadaria de marmore, que baixava a um parque de arvores frondosas, lançavam em jorros na sala luz que alegrava, com variados tons e flavos reflexos a severidade solemne da sombria architectura. A graciosa mão da gentil Carmen tinha por toda a parte entrelaçado folhas e flôres, dispondo artisticamente as côres e as formas, combinan-

do em deliciosa harmonia os balsamicos perfumes. A mesa estava singela e graciosamente ornada. Sobre a alvura deslumbrante da toalha, adamascada erguia-se, no meio da mesa, uma verdadeira montanha de fructos dos tropicos, ao longo da qual desciam, como em cascata, brilhantes folhas de trepedeira; no cimo da montanha, em gaiola dourada, soltavam graciosos gorgeios aves de formosissimas côres. Cobriam a mesa pétalas de geraniaces e de rosas, por entre as quaes serpeavam, como veios que sahissem da cascata central, as mesmas folhas glabras e mimosas que se entrelaçavam com os fructos. Cada logar era marcado por um vaso de crystal, d'onde pendiam fuxias e begonias de côres rutilantes. Louças de porcelana azul ametista e branca, crystaes da Bohemia, com as armas de los Marcos engrinaldadas de fino silvado, e pratas antigas tambem ornadas com o aristocratico brazão, completavam os adornos na mesa.

O jantar passou-se alegremente. D. Facundo fallou das virtudes primitivas dos guanches, como se houvera vivido com elles nas serranias de Teneriffe, antes da conquista; com enthusiasmo e convicção. D. Saturnina de las Angustias contou as proezas de seus maiores e celebrou, com orgulho, a nobreza da casa de los Marcos y Marcos, não sem lançar, com pouco rebuço, algumas phrases desde-

nhosas ao general Calavera, que, evidentemente, ella não julgava á altura da sua prosapia. O general narrou as aventuras e anecdotas da sua vida na côrte e das suas longas campanhas; transparecendo nas suas palavras certas allusões a passados amores, que faziam córar de ira a sua illustre esposa.

Carmen encantou a todos, com o seu riso harmonioso e argentino, e com a inexhaurivel profusão de versos dos poetas favoritos, com que entrecortava as suas judiciosas e amenas observações.

O Dr. Wearisome fallou pouco, bebeu muito, tornou-se mais vermelho, cobrindo-se-lhe a pelle de mais veios azues; mas não desmentiu nunca a severa cortezia britannica.

Lady Fly, essa estava encantada: encantada das flores, do ár puro e balsamico, da luz brilhante do sol, das fi-osophias massudas de Primigenius, das anecdotas mais que ligeiras do general Calavera, e até das pompas aristocraticas de D. Saturnina de las Angustias.

O que, porém, a deliciava, sobre tudo, era o chilrear gracioso da formosa Carmen, que parecia exercer sobre ella uma irresistivel attracção.

Eu, que sempre gostei mais de ouvir que de fallar, que receei sempre a inutilidade de dizer o que os ou-

tros já pensaram, ou de repetir o que os outros já disseram, soltei só as breves palavras a que me obrigavam os deveres da cortezia.

D. Praxedes Aguahuco esteve silencioso tambem; silencioso e triste: olhando por vezes para a bella Carmen, como se olha para o sol deslumbrante, rapidamente e desviando logo a vista perturbada; contemplando, por vezes, socegadamente a pallida e esvaecida physionomia de Lady Fly, como se buscasse ahi o repouso de que o seu espirito inquieto carecia.

A nobre ingleza, deve fazer-se-lhe essa justiça, não recusou nunca ao sanguineo descendente dos Guanches o beneficio do seu olhar mortiço e calmante.

Depois de jantar, descemos ao jardim: e, fallando Lady Fly da nossa partida no dia seguinte para Orotava, os nossos amaveis hospedeiros insistiram calorosamente comnosco para que ficassemos em Guimar, a fim de assistir á festa da Candelaria, que devia ter logar d'ahi a dois dias. Lady Fly resistia, com assentimento e apoio de todos nós, até que a intervenção da graciosa Carmen a resolveu a ceder aos rogos, sinceramente amaveis, de D. Saturnina de las Angustias e do general.

— Fique, Milady,—dizia a doce Carmen,—fique para vêr as nossas festas campestres, ouvir os rudes, mas har-

moniosos cantares dos nossos pastores, assistir ás suas danças animadas, que recordam as dos antigos Guanches. O baile canario tem fama no mundo, já se dançou em salas fidalgas, e merece-o. Não nos deixe agora. Eu heide fazer com que a mamã se resolva a acompanhar-nos, a ir passar uns dias em casa do nosso primo, o marquez da Gran-Guaça. Elle é pouco agradavel... com as suas eternas propostas de casamento; mas como eu estou disposta a não me casar...

—Todas as meninas dizem isso—acudiu D. Facundo, que ouvira esta declaração da herdeira de los Mareos.

—Dizem, talvez. Mas eu é que não acabei de dizer. Estou disposta a não me casar, senão com quem me saiba captivar o coração.

—E não está captivo já?—perguntou o Primigenius.

Carmen córou, e, com voz sensivelmente commovida, apressou-se em dizer.—Não! Bem sabe que não! Mas fallemos agora das nossas festas. Ajude-me a convencer Lady Fly; ajude-me D. Facundo. Explique a Milady as festas devotas e alegres, que se fazem aqui a Nossa Senhora da Candelaria.

.....

Resolvida Lady Fly a demorar-se em Guimar, propo-

zeram-lhe,—a dama de los Mareos e sua filha,—um passeio pelo campo.

Nós, os homens,—a instancias do general,—fomos para o passal do cura fumar e ouvir a historia do grande Calavera, que elle estava morrendo por nos contar.

FIM

LIVRARIA FERREIRA

(EXTRACTO DO CATALOGO)

Introducção á Archeologia da Peninsula Iberica, pelo dr. Augusto Filippe Simões, lente de Medicina na Universidade de Coimbra.—Parte primeira: Antiguidades prehistoricas.—1 vol. em 4.º com 80 gravuras, edição nitida..... 2$000

Historia das luctas, com os Hollandezes no Brazil, desde 1624 a 1654, pelo Barão de Porto Seguro, nova edição melhorada e accrescentada.—Lisboa 1874, 4.º broch..... 1$500

Dolmens. (Os). Estudos archeologicos.—Lisboa 1876, 4.º broch..... 120

Curso de physica elementar, compilado por Joaquim Rodrigues Guedes. Nova edição com muitas figuras intercaladas no texto.—3 volumes broch. 2$400
Encadernados..... 3$200

Apontamentos para a historia da legião portugueza ao serviço de Napoleão 1.º mandada sair de Portugal em 1808, narrativa do tenente Theodoro Banha.—Lisboa 1855, 8.º fr. broch..... 600

Regina, por Lamartine, traducção de M. Pinheiro Chagas, 2.ª edição.—Lisboa 1876, 8.º fr..... 300

Diccionario technico e historico, de pintura, esculptura, architectura e gravura, composto por Francisco de Assis Rodrigues.—1 vol. 8.º grande. Lisboa 1876, broch..... 1$000

Comedias de Luiz de Camões, I El-Rei Seleuco. II Os Amphitriões. III Filodemo.—1 vol. 8.º broch. 200

Monumentos das ordens militares do Templo e de Christo em Thomar, memoria historica descriptiva, seguida de uma noticia sobre alguns artistas

das respectivas obras, por José Antonio dos Santos.—1 vol. broch..... 400

Vida pratica, livro de muitas informações uteis ao homem nos seus diversos misteres e todos os conhecimentos indispensaveis á boa dona de casa. Um grosso volume de 1050 paginas em 8.º grande, nitidamente impresso, acompanhado de um indice remissivo em ordem alphabetica.—Encadernado..... 2$600

Com encadernação de chagrin..... 3$000

Livro de historias.—Noções de sciencia, por Fabre, traduzido por V. Salgado, com um prologo por Pinheiro Chagas.—1 vol. com gravuras, encadernação dourada..... 800

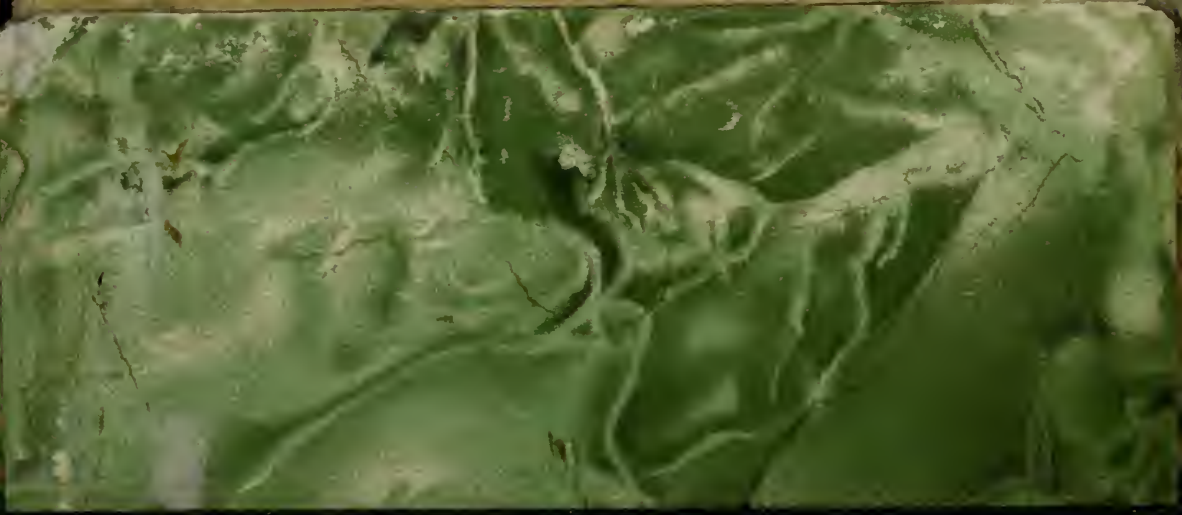
Peregrinação de Childe Harold, poema de Lord Byron.—Traducção do inglez, por Alberto Telles. —1 volume nitidamente impresso com o retrato de Byron..... 1$000

Lição ao mestre, romance original, por Antonio A. Teixeira de Vasconcellos.—2 vol. em 8.º broch. 1$200

Horas de Repouso, por J. F. Silveira da Motta.—1 vol. broch..... 600

Memorias de Fr. João de S. Joseph Queiroz, Bispo do Grão-Para, com uma introducção e muitas notas illustrativas por Camillo Castello Branco.—Porto 1868, 1 vol..... 500

Historia e historias, por Lobo de Bulhões.—1 vol. de 330 paginas..... 500

Educação Physica, pelo Doutor Augusto Filippe Simões.—3.ª edição.—Lisboa 1879, 8.º broch.... 800

Novo Guia Luzo-Brazileiro, do viajante na Europa, (com um mappa dos caminhos de Ferro da Europa), por Guilherme João Carlos Henriques, um um vol. de 400 paginas, edição nitida com encadernação de chagrin.—Lisboa 1876, 8.º, fr. enc.. 9$000